

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
PROFISSIONAL

ELIAS RICARDO POEGERE

A construção da identidade na Região Colonial Italiana: o processo de modernização e urbanização como fator de memória e esquecimento do Frigorífico Rizzo, em Caxias do Sul – 1938 a 1960.

ELIAS RICARDO POEGERE

A construção da identidade na Região Colonial Italiana: o processo de modernização e urbanização como fator de memória e esquecimento do Frigorífico Rizzo, em Caxias do Sul – 1938 a 1960.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul como requisito final para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia

**Caxias do Sul
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

P743c Poegere, Elias Ricardo, 1980-

A construção da identidade na Região Colonial Italiana : o processo de modernização e urbanização como fator de memória e esquecimento do Frigorífico Rizzo, em Caxias do Sul – 1938 a 1960 / Elias Ricardo Poegere. – 2016.

167 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2016.

Orientação: Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia.

1. História – Caxias do Sul (RS). 2. Colonização – Italiana, Região (RS). 3. Etnologia. 4. Frigorífico Rizzo, 1938-1930. I. Título.

CDU 2. ed.: 94(816.5CAXIAS DO SUL)

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|--|------------------------|
| 1. História – Caxias do Sul (RS) | 94(816.5CAXIAS DO SUL) |
| 2. Colonização – Italiana, Região (RS) | 325.3(816.5) |
| 3. Etnologia | 39 |
| 4. Frigorífico Rizzo, 1938-1960 | 637.513.8RIZZO |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Roberta da Silva Freitas – CRB 10/1730

A construção da identidade na RCI: o projeto de modernização e urbanização como fator de memória e esquecimento do Frigorífico Rizzo, em Caxias do Sul – 1938 a 1960


Elias Ricardo Poegere


Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História

Caxias do Sul, 20 de maio de 2016.

Banca Examinadora:


Dra. Vânia Beatriz Merlotti Herédia
Universidade de Caxias do Sul


Dra. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos
Universidade do Vale do Rio dos Sinos


Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César
Universidade de Caxias do Sul


Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não teria sido possível sem o auxílio de algumas pessoas, dentre as quais destaco aqui.

Gostaria e agradecer primeiramente a meu pai, Rineo Poegere, pelo auxílio financeiro, pois quem está desempregado há quase três anos não poderia arcar com as mensalidades de um curso de Mestrado.

À professora Daysi Lange, por sua dedicação, paciência, disponibilidade e sabedoria. Obrigado!

Agradeço a minha orientadora Dr. Vânia Beatriz Merlotti Heredia, pelos seus ensinamentos e todas as contribuições para a conclusão desta dissertação.

À minha namorada, Camila Fistarol, pela paciência, compreensão e por todo o seu apoio durante as minhas crises de depressão.

Às minhas primas Hélem e Ingrid Cavion que auxiliaram no levantamento das Fichas de Registro de Empregados do Frigorífico Rizzo;

Também quero agradecer aos professores do Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, Eliana Relá, Cristine Fortes Lia, Katani Maria Nascimento Monteiro, Luiza Horn Iotti, e Eliana Gasparini Xerri que contribuíram para o meu crescimento pessoal e, em especial aos professores, Roberto Radünz; e Maria Beatriz Pinheiro Machado.

Não poderia de deixar de agradecer a família Rizzo e, especialmente a figura de Marcelo Rizzo, neto de Nestor Rizzo, por permitir o acesso à documentação relativa ao funcionamento do Frigorífico Rizzo.

E por último agradeço a todos os moradores do Bairro Desvio Rizzo que contribuíram para a realização desta dissertação, e em especial a Sonia e José Cauduro, Neuzi Zattera, Paulo J. Ruffato, Sérgio Riva, Odete Faccio Fruet e Hugo Bresolin.

Muito Obrigado!

RESUMO

Esta dissertação pretende aprofundar o tema da representação da identidade social na RCI, em Caxias do Sul, RS, pois é possível observar que grande parte da historiografia teve a tendência de identificar que o processo de modernização e urbanização a partir do final do século XIX, em Caxias do Sul, privilegiou principalmente o sucesso/progresso do setor industrial metal-mecânico. No entanto, buscou-se demonstrar que outros ramos produtivos, como, por exemplo, o alimentício, também fez parte do processo histórico empresarial de Caxias do Sul, mas ele geralmente não é abordado pela historiografia da identidade regional a qual ajudou a silenciar a importância de empresas, como, por exemplo, o Frigorífico Rizzo, localizado no atual Bairro Desvio Rizzo, que na década de 30 do século passado localizava-se mais ou menos a 8 quilômetros do centro urbano de Caxias do Sul. Acredita-se que por estar ele, localizado fora do perímetro urbano, e também por estar situado naquele espaço um frigorífico, isso tenha contribuído para a sua estigmatização, bem como para o silenciamento de sua importância no desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Identidade. Pioneirismo. Figura de Abramo Eberle. Frigorífico Rizzo. Estigmatização. Bairro Desvio Rizzo.

ABSTRACT

This master's thesis aims to deepen the theme of social identity representation in the Italian Colonization Region (RCI, from the Portuguese expression *Região de Colonização Italiana*), in Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brazil, since it is possible to observe that much of the historiography tended to identify that the process of modernization and urbanization from the late nineteenth century, in Caxias do Sul, was mainly focused on the success/progress of the metal-mechanic industry. However, it has sought to demonstrate that other production branches, for example, the food industry, was also part of the historical business process of Caxias do Sul, but it is usually not addressed by the historiography of regional identity which helped suppressing the value of companies such as Frigorífico Rizzo, located in the current Desvio Rizzo neighborhood, which in the 1930s was about 8 kilometers far from the urban area of Caxias do Sul. It is believed that because it was located outside the urban area, and also because there was a slaughterhouse in that place, this has contributed to its stigmatization as well as to suppressing its importance in the regional development.

Keywords: Identity. Pioneering. Abramo Eberle figure Frigorífico Rizzo. Stigmatization. Desvio Rizzo neighborhood.

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

AHMJSA – Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

ARS – Ação de Recuperação Social

art. – artigo

EUA – Estados Unidos da América

FREFR – Fichas de Registro de Empregados do Frigorífico Rizzo.

Maesa – Metalúrgica Abramo Eberle S/A

RCI – Região Colonial Italiana

RS – Rio Grande do Sul

Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Sesi – Serviço Social da Indústria

UCS – Universidade de Caxias do Sul

Varig – Viação Aérea Rio - Grandense

VFGRS – Viação Férrea do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Capa da primeira edição do *Boletim Eberle*, em que é possível identificar o retrato de Abramo Eberle, fundador e idealizador da Maesa 51
- Figura 2 – Metalúrgica Abramo Eberle. No alto do prédio, é possível avistar a réplica da funilaria em que Abramo Eberle iniciou suas atividades profissionais. Caxias do Sul década de 40, do séc. XX. Autoria: Studio Geremia..... 61
- Figura 3 – Primeira lamparina fabricada por Abramo Eberle em sua funilaria: Foto Acervo AHMJSA 62
- Figura 4 – Foto de Nestor Rizzo, fundador e diretor do *Diário do Nordeste*..... 73
- Figura 5 – Duas vistas da favela do Burgo, focalizando à esquerda uma parte dos casebres e à direita, alguns de seus moradores..... 87
- Figura 6 – Mapa do Município de Caxias do Sul..... 99
- Figura 7 – Mapa da Colônia Particular Sertorina..... 101
- Figura 8 e 9 – Ruínas da estação férrea do Bairro Desvio Rizzo, construída em 1938 105
- Figura 10 – Obras de construção do Frigorífico Rizzo, década de 30, do século XX. Coleção: Família Toigo. Fotógrafo não identificado. Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami 116
- Figura 11 – Preparação de tijolos para a construção do Frigorífico Rizzo. Autoria: Giacomo Geremia. Local: Desvio Rizzo - Caxias do Sul, 1930 117
- Figura 12 – Bênção do Bispo Diocesano D. José Baréa à pedra fundamental do Frigorífico Rizzo, em 1936..... 118
- Figura 13 – Compressores do sistema de refrigeração do Frigorífico Rizzo. Local: Bairro Desvio Rizzo – Caxias do Sul..... 121
- Figura 14 – Chaminé da sala das caldeiras do Frigorífico Rizzo. Local: Desvio Rizzo – Caxias do Sul, s/data. Autoria desconhecida..... 122
- Figura 15 – Atual condição da Chaminé da sala das caldeiras do Frigorífico Rizzo, onde é possível observar a parte da chaminé que foi demolida. Local: Desvio Rizzo – Caxias do Sul..... 122
- Figura 16 – Fachada do Frigorífico Rizzo, Bairro Desvio Rizzo – Caxias do Sul..... 123
- Figura 17 – Desembarque de porcos no Frigorífico Rizzo. Local: Desvio Rizzo - Caxias do Sul, s/data. Autoria: Studio Geremia..... 132

Figura 18 - Porcos aguardando o abate. Local: Frigorífico Rizzo. Desvio Rizzo - Caxias do Sul, s/data. Autoria: Studio Geremia	132
Figura 19, 20 e 21 – Seção de matança de suínos. Frigorífico Rizzo – Caxias do Sul s/data. Autoria não identificada (talvez Estúdio Geremia). 133	
Figura 22 – Setor de corte e inspeção das carcaças. Frigorífico Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria: Studio Geremia.	135
Figura 23 – Setor de desdobramento e corte da carne. Frigorífico Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria: Studio Geremia.	135
Figura 24 – Anúncio publicitário do Matadouro Frigorífico Rizzo	137
Figura 25 – Empregados da seção agrícola do Frigorífico Rizzo alimentando os porcos. Local: Desvio Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria desconhecida	138
Figura 26 – Seção de máquinas (geradores). Local: Desvio Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria desconhecida.	139
Figura 27 – Seção de embutidos do Frigorífico Rizzo. Local: Desvio Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria Estúdio Geremia	141
Figura 28 – Seção de produção da banha no Frigorífico Rizzo. Local: Desvio Rizzo, Caxias do Sul, s/ data. Autoria: Estúdio Geremia	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação do número de empregados que atuaram no Frigorífico Rizzo 1938 – 1960.	124
Quadro 2 – Microrregiões Homogêneas do RS – procedência dos empregados do Frigorífico Rizzo, 1938-1960 e seus respectivos municípios.....	126
Quadro 3 – Principais microrregiões de procedência dos empregados do Frigorífico Rizzo 1938-1960 e seus respectivos municípios.	128
Quadro 4 – Faixa etária dos operários que atuaram no Frigorífico Rizzo, 1938 – 1960.	129
Quadro 5 – Etapas da industrialização da carne e suas respectivas seções, em que atuavam os operários do Frigorífico Rizzo, 1938 – 1960.	130
Quadro 6 – Funções exercidas pelos empregados do Frigorífico Rizzo, 1938 – 1960.	140

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MEMÓRIA E AUTOIMAGEM NA RCI – A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO PIONEIRO E HERÓI CIVILIZADOR	32
2.1 O USO DA MEMÓRIA COLETIVA COMO MANUTENÇÃO DO MITO.....	43
3 A CIDADE IDEAL E O MITO ABRAMO EBERLE POR MEIO DO DISCURSO DO <i>BOLETIM EBERLE</i>	47
3.1 MEDIAÇÕES DA MEMÓRIA REGIONAL	47
3.1.1 IMAGINÁRIO DA MEMÓRIA COLETIVA PELO <i>BOLETIM EBERLE</i> ..	51
3.2 AS REPRESENTAÇÕES DE CAXIAS DO SUL MODERNA.....	53
3.3 O MITO ABRAMO EBERLE NO BOLETIM DA EMPRESA.....	56
3.4 O MODELO EBERLE: O OPERÁRIO IDEAL	64
4 A CIDADE REAL POR MEIO DO DISCURSO DO JORNAL <i>DIÁRIO DO NORDESTE</i>	71
4.1 O JORNAL <i>DIÁRIO DO NORDESTE</i> E OS PROBLEMAS MATERIAIS DE CAXIAS DO SUL	75
4.2 O JORNAL <i>DIÁRIO DO NORDESTE</i> E OS PROBLEMAS SOCIAIS DE CAXIAS DO SUL.....	83
5 ENTRE O ESTIGMA E O PRECONCEITO	98
5.1 A RELAÇÃO ENTRE O BAIRRO DESVIO RIZZO E O URBANO.....	98
5.2 FRIGORÍFICO RIZZO: A DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO PARA O ABATE DE ANIMAIS	105
5.3 A INDÚSTRIA DO DESMONTE: PERFIL DOS OPERÁRIOS DO FRIGORÍFICO RIZZO 1938-1960	120
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
FONTES	155
REFERÊNCIAS	156
ANEXOS	163

1 INTRODUÇÃO

Havia quinze ou vinte bois nos currais e era uma questão de um par de minutos para golpeá-los e rolá-los para fora. [...] Eles trabalhavam com intensidade furiosa, literalmente correndo – numa passada que não havia nenhuma comparação, exceto com uma partida de futebol. O trabalho era altamente especializado, cada homem tinha sua tarefa para fazer; geralmente isto consistia em dois ou três cortes específicos que ele fazia em quinze ou vinte carcaças de bois, numa linha. Primeiro vinha o “açougueiro”, para sangrá-los; ele desferia um rápido golpe, tão rápido que você não conseguia vê-lo – somente o lampejo da faca; e antes que você pudesse perceber aquilo, o homem já tinha disparado para o próximo da linha, e uma torrente de sangue vivo escorria pelo chão. (BOSI, 1965, p. 48-49).

No fragmento acima selecionado para a introdução deste trabalho Sinclair, (BOSI, 2013) descreve a indústria frigorífica como sendo um sistema de “desmontagem” com a utilização de mão de obra barata e sem qualificação. O autor aponta para as condições insalubres de trabalho e, principalmente, denuncia a falta de inspeção sanitária como fator preponderante da indústria bilionária da carne, nos EUA, nas primeiras décadas do século passado.

A descrição da indústria de “desmontagem” oferece pistas do ambiente de trabalho que, há mais de cem anos, segundo Bosi (2013), a norma de sangue, sujeira, insalubridade e desqualificação da mão de obra são permanentes no funcionamento da indústria de carne. Esses elementos nos levam a problematizar o silenciamento¹ da contribuição de Nestor Rizzo² e do Frigorífico Rizzo no ramo empresarial de Caxias do Sul, RS.

A presente pesquisa, ligada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS), objetiva abordar uma temática de fundamental importância, ou seja, propõe-se a refletir sobre as diversas modalidades de apropriação,

¹ O silenciamento de atores, na história da cidade, pode ser uma demonstração de autoridade que aquele personagem representava nas relações de poder na sociedade local. O enaltecimento de uns e o esquecimento de outros fazem parte de recursos que a História utilizou, para manter mitos como do herói civilizador, mas também de omissões de atores que fizeram a diferença.

² Nasceu na cidade de Porto Alegre, RS, no dia 3 de maio de 1914. Era engenheiro químico, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Iniciou suas atividades no setor industrial, na cidade de Caxias do Sul, em 1936, quando foi o responsável pela construção do Frigorífico Rizzo, localizado no atual Bairro Desvio Rizzo. A partir de 1944, passou a ser sócio cotista e, em 1956, passou a fazer parte da diretoria da empresa. (**Rizzo S/A. Indústria da alimentação: projeto de reforma e Ampliação**, 1973. p. 9). Nas décadas de 30 e 40, fez parte da diretoria da Associação dos Comerciantes de Caxias do Sul. (HERÉDIA, 2007, p. 51- 55). Além do setor da indústria da alimentação, Nestor Rizzo se destacou na cidade de Caxias do Sul na área da comunicação. No ano de 1946, fundou, juntamente com Joaquim Pedro Lisboa e Luis Napolitano, a ZYF-3, Rádio Caxias, segunda emissora de rádio do interior do RS, que era propriedade das Emissoras Reunidas de Arnaldo Balvé, com sede na cidade de Porto Alegre. Nestor Rizzo foi diretor da Rádio Caxias de 1946 a 1965. (GARDELIN; LUCENA; MAGNABOSCO, 1996. p. 23-24). No ano de 1969, fundou e dirigiu a TV Caxias – Canal 8, que foi o primeiro canal de televisão do interior do Estado. A TV Caxias era filiada à TV Gaúcha de Porto Alegre. (MATTIA; LAZZAROTTO, 1996, p. 73). Nestor Rizzo faleceu na cidade de Porto Alegre, no dia 5 de abril de 1982.

representação e construção da identidade social na Região de Colonização Italiana (RCI) ³A proposta é realizar um estudo intitulado: A construção da identidade na Região Colonial Italiana: o processo de modernização e urbanização como fator de memória e esquecimento do Frigorífico Rizzo, em Caxias do Sul – 1938 a 1960.

Pretende-se analisar o tema da representação da identidade na RCI em Caxias do Sul, RS, pois é possível observar que grande parte da historiografia teve a tendência de identificar que o processo de modernização e urbanização, a partir do final do século XIX, em Caxias do Sul, privilegiou principalmente o sucesso/progresso daqueles agentes sociais da indústria local que romperam com a imagem de colono, ou seja, do homem ligado à terra e/ou às atividades relacionadas à produção do setor primário.

Busca-se compreender as representações da RCI a partir da análise das seguintes fontes documentais: acervo documental e fotográfico do frigorífico e da família Rizzo, em Caxias do Sul; acervo fotográfico e dos periódicos do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMISA); acervo digital do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, Prefeitura Municipal, especialmente o *Boletim Eberle*, entre os anos de 1956 e 1960, e o jornal *Diário do Nordeste*⁴ de 1951 a 1954.

A documentação fotográfica oferece elementos da complexidade do cotidiano experimentado pelos operários e pelas operárias do Frigorífico Rizzo, além de proporcionar informações sobre o entorno quando aponta a alguns traços do Bairro Desvio Rizzo, como, por exemplo, da família, das festas religiosas, do casamento, da escola, do esporte, dos espaços de sociabilidade, da habitação, do transporte, entre outros.

A análise das fontes permite que se lance algumas interrogações sobre a representação da identidade da RCI: Qual é a relação do processo de modernização e urbanização da cidade de Caxias do Sul com a idealização da representação da identidade homogeneizada da RCI? Até que ponto o processo de modernização e urbanização contribuiu para a estigmatização de outros espaços geográficos distantes do centro urbano? De que maneira recuperar outras trajetórias sociais que foram estigmatizadas, esquecidas e ignoradas em benefício de uma história “heroica” e idealizadora dos denominados pioneiros ou heróis civilizadores da RCI? Qual é a

³ Denomina-se de RCI a Região de Colonização Italiana do Estado do Rio Grande do Sul, que recebeu um grande número de imigrantes italianos a partir de 1875.

⁴ O jornal *Diário do Nordeste* circulou entre os anos de 1951 e 1954, trazia à tona problemas da cidade; foi fundado e dirigido pelo empresário Nestor Rizzo. Constata-se que a crítica produzida pelo jornal à cidade de Caxias do Sul incomodava parte das elites que se sentiam atingidas pelo mesmo.

visibilidade que o acervo fotográfico e jornalístico ofereceu aos grupos sociais da periferia urbana? Por que, no contexto atual de afirmação de políticas públicas que priorizam o respeito à diversidade, à diferença e ao multiculturalismo ainda nos leva a observar a manutenção da naturalização de uma identidade regional homogeneizada?

Acredita-se que um estudo mais aprofundado das fontes acima elencadas possa revelar muitos dos aspectos da representação da identidade da RCI. O acervo fotográfico e os periódicos apontam que o processo de modernização e urbanização de Caxias do Sul desenvolveu-se intencionalmente, ou seja, houve certa aposta numa ideia de cidade e nas ações de indivíduos, a que nos leva a identificar que, no tratamento dos fatos urbanos e na construção da identidade regional nem tudo foi parte de um projeto coletivo.

Acredita-se que o processo de modernização e urbanização contribuiu para a hierarquização e segmentação da cidade de Caxias do Sul e, conseqüentemente, a invisibilidade da contribuição sociocultural de outros segmentos sociais e empresariais. Levando em consideração a problemática de pesquisa, o objetivo geral é identificar as representações do empresariado local por meio de periódicos, no contexto do discurso de modernização e urbanização do espaço urbano caxiense.

E os objetivos específicos dizem respeito a:

- 1) levantar o contexto sociocultural de modernização e urbanização do espaço urbano caxiense;
- 2) identificar os elementos discursivos utilizados na idealização do espaço urbano por meio da representação do herói civilizador;
- 3) recuperar a trajetória de Nestor Rizzo e o seu modelo de referência para a sociedade local entre 1938 e a década de 60(séc. passado);
- 4) promover a reabilitação espaço temporal do Bairro Desvio Rizzo e, conseqüentemente, da representação da identidade da RCI afim de subsidiar as escolas do bairro para incluir em suas discussões.

Com relação às questões teóricas e metodológicas, procura-se romper *com* e/ou renunciar à visão homogeneizada apregoada pelo processo de modernização e urbanização, a partir da passagem do século XIX ao XX, em Caxias do Sul, por meio de estudo das representações de outros ramos empresariais, como, por exemplo, do Frigorífico Rizzo. A análise das representações de objetos particularizados permite identificar que, em um determinado contexto, há outras visões e/ou construções de sentidos à realidade existente que podem ser contraditórias e contrastadas com o

idealizado, ou seja, a trajetória de Abramo Eberle como modelo de pioneirismo e *herói civilizador*.⁵

O estudo das representações permite esse deslocamento de olhar, pois convida o pesquisador a dar maior atenção aos diferentes processos de construção de sentido à questão da identidade.

Segundo Chartier,

as representações do mundo social [...], embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (1990, p. 17).

O autor situa a pesquisa histórica no cruzamento entre uma história das práticas socialmente diferenciadas e uma história das representações que têm por objetivo dar conta das diversas formas de apropriação. O abandono da visão de reflexo social em termos de posições de dominação indica que o poder de produzir, o poder de impor e nomear as representações é desigualmente repartido, o que implica analisar os fenômenos de apropriação às práticas. Chartier afirma que

A investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (1990, p. 17)

Desse modo, o estudo das representações vem acrescentar uma nova visão ao conceito de memória coletiva do *herói civilizador*, pois os diferentes relatos de experiências de um determinado contexto contribuem à fragmentação do tempo e aos lugares de memória que podem ser identificados, como, por exemplo, no *Diário do Nordeste*⁶, em 1951, na coluna intitulada “Sugestões em torno de um problema” dizia que para cumprir com o objetivo de atender aos interesses do bem coletivo e da causa pública e em se considerando intérprete dos anseios coletivos da “gente da Metrópole do Vinho”, procurava colaborar com o poder municipal dizendo que os discursos sedutores a respeitada cidade de Caxias do Sul fazia com que aqueles que chegassem

⁵ O termo *pioneiro* e *herói civilizador* são utilizados no presente estudo para identificar os empresários de sucesso/progresso da RCI.

⁶ O jornal *Diário do Nordeste*, 14 jun. 1951, p. 3. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio. 2014.

apenas vissem “a cidade progressista e pujante, dinâmica e ousada” com seus calçamentos “amplos, retilíneos, longos e sintonizados com o progresso”, na Avenida Júlio de Castilhos.

O jornal ainda destacava que o poder municipal deveria pavimentar o restante da cidade, pois, inclusive, as ruas que abrigavam os prédios da Prefeitura e da Rodoviária estavam fora do padrão estético progressista.

O *Diário do Nordeste*,⁷ também em outra coluna intitulada “Coisas da Cidade” alertava sobre a importância de construir e instalar um “Preventório” para a tuberculose devido ao número alarmante de casos da doença “entre os operários das principais indústrias locais”, e a fim de evitar o flagelo social à semelhança do que estava ocorrendo em outras grandes cidades brasileiras.

O estudo da memória foi problematizado com a *História das Mentalidades* quando ocorreu o deslocamento da memória dita oficial aos quadros sociais da memória e/ou pela proliferação dos relatos vividos. Essa perspectiva de abordagem está próxima de Nora, quando ensina que os historiadores devem revisitar de outra maneira os mesmos objetos a partir dos rastros deixados na memória coletiva por fatos, homens, símbolos e emblemas do passado. O autor diz que

Não mais determinantes, mas seus efeitos; não mais as ações memorizadas, nem mesmo comemoradas, mas o rastro dessas ações e o jogo dessas comemorações; não os fatos por si mesmos, mas sua construção no tempo, o apagamento e o ressurgimento de seus significados; não o passado tal como aconteceu, mas seus usos retomados permanentemente, seus usos e maus usos, seu impacto sobre os presentes sucessivos; não a tradição, mas a maneira pela qual ela se constituiu e transmitiu. (Apud GONÇALVES, 2012, p. 288).

No mesmo referencial, tem-se a contribuição de Duby (1971), quando diz que por meio da memória pluralizada ou fragmentada, se pode identificar as diversas maneiras de pensar e agir, bem como de ser o instrumento maior do vínculo social, das identidades individual e coletiva. Para o autor a memória coletiva, assim como a memória individual, estão sujeitas a múltiplas contradições, tensões e reconstruções.

Com o objetivo de compreender as formas de organização social no cotidiano, Tedesco recorre aos ensinamentos de Morin, quando reforça que “o que é morto, socialmente e historicamente instituído, continua a agir em nós e entre nós, não por

⁷ O jornal *Diário do Nordeste* 14 jun. 1951, p.3 Disponível em *site*: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio. 2014.

inércia, mas por interiorização simbólica e por fixação material, todos os dois produtores e opressores”. (1999, p. 63). O autor alerta à necessidade de se buscarem as estruturas simbólicas do mundo vivido e sua associação às ações, aos sistemas de uso em correspondência com as dinâmicas sociais.

Outra característica da vida cotidiana é a heterogeneidade que, segundo Heller, se revelam por meio das diversas ocupações, dos vários desejos e sentimentos, ações, observações, graus de saber envolvidos e, que as objetivações genéricas não contemplam simultaneamente a memória coletiva. (Apud TEDESCO, 1999, p.168).

A espontaneidade, segundo a autora, também caracteriza a vida cotidiana tanto das motivações particulares quanto das atividades genéricas que também as constituem. O que fundamenta uma ação cotidiana é a repetição tanto do ato quanto do costume.

Nesse sentido, o peso da tradição, conceituado por Hobsbawm (1984), diz respeito às práticas repetitivas de natureza simbólica e ritual que reproduzem o passado histórico adequado da fé, da afetividade, da imitação, dos comportamentos, dos relatos, das histórias de vida, das analogias das generalizações de valores, como valores de probabilidades, são fontes que impulsionam a eleição e as formas de ação.

Segundo Heller, outra característica presente no cotidiano é o preconceito. O preconceito, na lição da autora, é uma categoria do pensamento e do comportamento cotidiano que se alimenta na afetividade, na fé e na tradição. Grande parte dos preconceitos não nasce da particularidade, mas são frutos do social, pois medeiam estereótipos de comportamentos. (Apud TEDESCO, 1999, p. 173).

Com relação à presença de preconceitos no cotidiano, pode-se identificar que o *Diário do Nordeste*, 1951, por meio de matéria intitulada “A Associação Comercial de Caxias do Sul pede a construção de duzentas casas para os operários”, afirmava que a cidade de Caxias do Sul era um centro fabril de muita importância para o RS, mas enfrentava um grande problema de habitação, principalmente entre a classe operária. O jornal sugeria

ao responsável pela autarquia dos industriários a modalidade de construção de casas individuais, de custo acessível, a serem vendidas a longo prazo, contrariamente ao sistema dos edifícios de apartamento, como se tem feito nos grandes centros. Essas casas seriam construídas em tamanhos diversos, presentes as necessidades de famílias mais ou menos numerosas e satisfariam melhor o sonho dourado do “lar próprio” para os chefes de família que alimentam calidamente essa aspiração. [...] o número de residências

atualmente necessárias para o atendimento urgente da situação, número que fixa em duzentas casas.⁸

Lefebvre (apud TEDESCO, 1999, p.184) ensina que alienação caminha passo a passo com o preconceito, pois quanto mais alienada for a vida cotidiana, mais o preconceito domina. O autor destaca que

A força hegemônica da classe dominante e seus recursos ideológicos, econômicos e técnicos buscam sempre universalizar o seu modo de conceber e de direcionar o mundo. O importante é que independente dos tipos de preconceitos e de seu conteúdo, a vida cotidiana é seu espaço por excelência. (Apud TEDESCO, 1999, p. 185).

Com relação ao sucesso/progresso presente no discurso do *herói civilizador*, o *Boletim Eberle*,⁹ 1956, na coluna intitulada “Homens da Indústria”, apresentou um pequeno histórico do empresário Abramo Eberle, enaltecendo sua figura:

Caxias do Sul tem alicerces de metal. E alegria com flores e vinho. Em tudo isso há o traço de um homem compondo a história e grandeza do poderoso ponto de economia gaúcho. O homem é Abramo Eberle, trazido ainda menino de quatro anos da Itália, numa das felizes levas de imigrantes do Brasil. E antes de terminar o primeiro lustro deste século, ele realizou aquilo que consistiu na verdadeira base da famosa metalúrgica que, hoje, tem a marca do seu nome. Estima-se que a variedade da metalúrgica de Eberle, hoje, é de uns dezesseis mil artigos. Desde a faca à espada, desde o garfo aos objetos de escritório, tudo, enfim, em prata e metais fortes. Foi da metalúrgica de Caxias que saiu o Ostensório para o Congresso Eucarístico de São Paulo e, também foi de lá o Ostensório para o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, no Rio. É também de lá que saem volumes pesados para todo o país, que se foi abrindo para consumir as suas próprias mercadorias. A obra de Eberle se solidificou. Os milhares de operários da metalúrgica desfrutaram uma assistência social aperfeiçoada, inspirada na experiência do líder que não a teve ao começar a peleja.

Nesse sentido, a problematização da memória coletiva e o estudo do cotidiano apontam que o papel do historiador (como investigador não alienado) deve buscar compreender a significação das ações dos indivíduos particulares em contextos históricos. Entende-se que as relações sociais nas visões estereotipada e genérica não esgotam as ações humanas em sua totalidade, pois o cotidiano é permeado de contradições, recusas e conflitos, daí a importância das histórias de vida, da

⁸ O jornal *Diário do Nordeste*, 14 jun. 1951, p.8 - 12 Disponível no site:

<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 de mai. 2014.

⁹ *Boletim Eberle*, nov. 1956, p. 2 - 3. Disponível em:

<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 de fev. 2014.

subjetividade e da particularidade, da individualidade no processo de redefinição da vida cotidiana como lugar de transformações sociais e, conseqüentemente, da representação da identidade da RCI.

Lefebvre destaca que o tempo e o espaço se imbricam no cotidiano, posto que estão presentes na memória, nos fatos, no imaginário que jamais está pronto e acabado. Na concepção genérica ou na tradição do *herói civilizador*, o tempo e o espaço representam a organização do tempo linear, mas o tempo também é das surpresas, das expectativas, do silêncio, dos momentos e dos sonhos. Por isso, o estudo do cotidiano é fundamental, pois o próprio espaço e tempo não são desinteressados e inocentes, mas implicam a presença de estratégias objetivas e subjetivas simultâneas. (Apud TEDESCO, 1999, p. 178 - 181).

Para Lefebvre (apud TEDESCO, 1999), é no urbano que o cotidiano se apresenta em seu estado mais puro, pois se encontra despido de espontaneidade, seus ritmos tornam-se simultâneos, as comunicações instantâneas, os indivíduos se isolam e se dispersam. O cotidiano cai no trivial. A liberdade humana, no quadro urbano, torna-se adaptada e programada, à medida que a propriedade absorve uma amplitude de domínios, na medida em que o momento racional é dominado pela técnica e pela lógica mercantil; momento esse expropriador do sonho, do corpo, do prazer e da espiritualidade.

Nesse referencial, o *Boletim Eberle* 1956; destacou a importância do trabalho quando ensinava que

Neste mundo em que vivemos, há muita injustiça a reparar, muitos abusos a corrigir, muitas misérias a aliviar, muitas dores a consolar. Cabe ao trabalho reparar, ao esforço coletivo preencher essas lacunas. O trabalho existe para todos. O que falta é boa vontade por parte de muitos. Diariamente ouve-se dizer: quem sou eu para tocar o céu com o dedo? De que vale o meu esforço? Para que serve trabalhar? Não passo de uma gota d'água perdida no oceano, de um grãozinho de trigo num celeiro! Os que pensam assim estão errados. Grandes e pequenos, poderosos e humildes, todos podemos ser úteis. O trabalho dignifica e enobrece o homem além do que nos proporciona o pão de cada dia. Devemos, pois, ser solícitos em ganhá-lo. Por outro lado, o fruto de nosso esforço deve ser empregado. O homem previdente e econômico nunca faz despesas supérflua, nem gasta mais do que pode. A economia no emprego do tempo é dinheiro, mesmo em pequenas coisas, porque, muitos regatos fazem um rio caudaloso, muitas pedras uma casa; dez centavos fazem um cruzeiro, muitos cruzeiros, um capital. Colegas! Esse deve ser o nosso lema: Trabalho e emprego correto dos rendimentos que o mesmo nos propicia.¹⁰

¹⁰ *Boletim Eberle*, nov. 1956, p. 19 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 de fev. 2014.

Nesse viés, Lefebvre refere que na vida cotidiana cruzam-se momentos do vivido e do espontâneo. O que pode ser observado pelas mediações proporcionadas pelo *Diário do Nordeste* e do concebido e do programado no *Boletim Eberle*, estabelece-se uma dialeticidade da qual surgem as apropriações, as criações, as presenças que elaboram as ações.

“Viver é (se) representar, mas também transgredir as representações [...]. Pensar é representar, mas também superar as representações.” (LEFEBVRE apud TEDESCO, 1999, p. 185).

Na perspectiva da História Cultural, a própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a circunstância da vida social colaboram na noção mais ampliada do conceito de *cultura*. Barros (2005) ensina que a contribuição de Chartier às abordagens da História Cultural diz respeito às noções de práticas e representações as quais permitem abarcar um conjunto maior de fenômenos culturais além de seu dinamismo.

Santos (2002), em seus estudos sobre o *tempo na cidade*, identifica que, ao longo da história, cada uma das diferentes cidades nasceu com características próprias que estão relacionadas às necessidades e possibilidades da época e que seu espaço foi formado, pelo menos, por dois elementos: a materialidade e as relações sociais. O autor observa que a materialidade da cidade é um dado fundamental para a compreensão do espaço, presença dos tempos que se foram e que permanecem por meio das formas e dos objetos que também são representativos de técnicas. A técnica, para Santos é sinônimo de tempo, pois cada técnica representa um momento das possibilidades de realização humana e é por isso que elas têm um papel importante na interpretação histórica do espaço, quando o autor destaca que

as técnicas nos trazem as periodizações, que nos permitem reconstituir a paisagem, a acumulação de tempos desiguais, que é a paisagem urbana, como ela chega até nós, permitem-nos também passar dos tempos justapostos aos tempos superpostos. [...]. O espaço permite que pessoas, instituições e firmas com temporalidades diversas, funcionem na mesma cidade, não de modo harmonioso, mas de modo harmônico. Mas também atribui a cada indivíduo, a cada classe social, a cada firma, a cada tipo de firma, a cada instituição, a cada tipo de instituição, formas particulares de comando e de uso do tempo, formas particulares de comando e de uso do espaço. [...] Não fosse assim, a cidade não permitiria a convivência de pessoas pobres com pessoas ricas, de firmas poderosas e firmas fracas, de instituições dominantes e de instituições dominadas. Isso é possível porque há um tempo dentro do tempo, quer dizer o recorte sequencial do tempo. (SANTOS, 2002, p. 21 - 22).

O *Boletim Eberle*, em 1957, procurava se apropriar da organização da fundação do espaço urbano ao apresentar o histórico das ruas que pertenciam ao “coração” central de Caxias do Sul lembrando que

a Rua Sinimbú nasceu e cresceu amparada pelo desenvolvimento e pelo progresso de uma grande indústria, cujo nome ilustra a Metalúrgica Abramo Eberle S/A. Andávamos em princípios de 1886. Aportando em Caxias do Sul, José Eberle, comprava do funileiro Francisco Rossi, a pequena oficina do ramo que possuía na Rua Sinimbú, juntamente com a casinha, tudo pela importância de seiscentos mil reis. Por aí, vemos a idade desta rua. Bem, voltemos à história de seu progresso. Inicia-se como o ensino da profissão de Francisco a José, na pequena oficina uma nova fase, e para a rua uma nova e completa transformação, que os anos confirmaram. Outro dos alicerces que firmaram o conceito desta rua foi a construção da Igreja Santa Tereza, que anos após ter sido construída, um incêndio a destruiu e em seu lugar, surge imponente um novo e grandioso prédio. E as chuvas caíram, vários sois brilharam, e as gerações sucederam-se, e a rua estendeu-se por entre os montes da terra, acompanhando em seu trajeto o curso da avenida Júlio de Castilhos. A cidade crescia ainda mais importante, mas colossal, e as indústrias espelhadas na grande ascensão da pequena funilaria foram surgindo às dezenas, às centenas margeando esta via pública.¹¹

Percebe-se que a descrição das ruas da cidade estão vinculadas a nomes de atividades econômicas que, numa demonstração de riqueza construída, indicam o raciocínio daqueles que ali estão representados.

Alguns passos mais, e nos encontramos diante de uma conceituada firma de motores e peças de aço, cujo nome é Leonardi, Wisintainer & Cia. Ltda, firma de idoneidade reconhecida nesta cidade. Ladeando e fronteando esta indústria, encontramos várias casas residenciais que completam a primeira quadra desta rua. Na segunda quadra, encontramos em um terreno de esquina, onde futuramente se erguerá uma magnífica construção, a propriedade Adega Formolo, aliás, podemos salientar que a Família Formolo, descendente de nobre tronco da aristocracia italiana, fixando-se em Caxias do Sul, muito tem feito pelo engrandecimento de nosso parque industrial, exportando seus produtos vinícolas pelo Rio Grande do Sul afora. Na mesma quadra desta cantina, encontraremos um depósito de materiais para construções e mais casas residenciais. Nas próximas quadras encontraremos alguns bares, armazéns e mercadinhos e residenciais notadamente belas aqui ou ali, alguma pequena indústria ou alguma casa comercial. Aumentamos o número de nossos passos e estaremos quase ao centro da cidade, passamos por uma Retificadora, oficinas mecânicas, consultórios odontológicos e nos quedamos parados por alguns instantes na quadra onde se encontram as oficinas e vitrines da Autos Caxias Ltda., onde através dos vidros, das vitrines podemos distinguir automóveis e caminhões Ford, últimos modelos, em exposição.¹²

¹¹ *Boletim Eberle*, nov. 1957, p. 14. - 17 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev.2014.

¹² *Boletim Eberle*, nov. 1957, p. 14. - 17 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev.2014.

A descrição feita pelo Boletim evidencia no percurso que transcorre, como esses homens fizeram sua história e como suas atividades econômicas estão integradas na cidade pelas características que a identificam como um lugar da produção.

Outra magnífica construção digna de nota é o prédio que se encontra a firma Auto Palácio Ltda., oficina de consertos e representações de motores e máquinas. Passaremos também aos fundos da Metalúrgica Gazola, que em sua fábrica, ocupa uma faixa de edifícios dentro de um quarteirão. Agora neste trecho onde nos encontramos a passear, já notamos um maior aspecto urbanístico na cidade, as lojas, as casas comerciais que se sucedem estão dispostas lado a lado umas das outras, como se estivessem num verdadeiro desfile de vitrines que encantam nossos olhos. Outro prédio, uma edificação em estilo funcional nos prende a atenção, é onde está funcionando a Ferragem Caxiense S/A, uma indústria que nasceu e cresceu dentro da cidade caxiense. Antes de entrarmos na grande praça recreativa, notamos um majestoso prédio, o Edifício Minghelli, bela edificação que parece perder-se nas alturas. Entrementes, nos quedamos extasiados diante da magnitude do formidável bloco de edifícios que compõem a Metalúrgica Abramo Eberle S/A, coroando o edifício vemos um enorme relógio luminoso, podemos dizer que ele é um símbolo desta firma, e ao mesmo tempo um clarim que saúda o povo caxiense, com seu sino saudoso chamando os homens ao trabalho.¹³

O Boletim ilustra ainda a integração de diversas instituições que são parte da cidade e que realçam sua capacidade empreendedora quando escolhem para ressaltar o percurso a força da igreja, do comércio, da indústria, da hospedagem, do atendimento operário e dos diversos estabelecimentos industriais.

Ao lado da Metalúrgica, contrastando em sua arquitetura antiga, temos o Hotel Bela Vista, uma relíquia dos tempos de outrora. Já estamos no centro da cidade, num espetáculo para os olhos, como um tapete verde enfeitando a majestosa Catedral, encontramos a Praça Rui Barbosa, onde se encontram as mais belas rosas da cidade, e onde erguem-se dois monumentos dedicados à memória (Júlio de Castilhos e Dante Alighieri). Esta nossa praça, diante de sua beleza, é indescritível, podemos dizer, é um paraíso na terra. A Catedral, em sua colossal escadaria que se derrama pela Rua Sinimbú, é ladeada pelo Palácio Episcopal, refúgio sagrado, onde, encontraremos o nosso orientador espiritual, o Bispo da cidade, Dom Benedito Zorzi. E a Casa Magnabosco, também uma bela edificação com seus três andares e onde funciona uma das mais sortidas e organizadas lojas de fazenda da cidade. Já estamos abandonando o centro da cidade, agora, começaremos a descer a rua, em uma esquina, cruzando com a Rua Dr. Montaury encontramos o maravilhoso prédio do Banco do Brasil S/A, recentemente construído e que enfeitou a cidade, e maior conforto trouxe àquela casa bancária. Notamos mais adiante casas comerciais, lojas, armazéns e cafés. Outra casa comercial que mais chama a atenção são as Lojas Mandelli, não só pela apresentação dos seus prédios, como pela originalidade de seus produtos em calçados, expostos em suas vitrines de seus prédios, como pela originalidade de seus produtos em calçados, expostos em suas vitrines. Na segunda esquina dessa quadra, encontramos o departamento de Correios e Telégrafos, pelo seu movimento

¹³ *Boletim Eberle*, nov. 1957, p. 14. - 17 Disponível em:

<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev.2014.

diante da evolução intelectual e comercial da cidade caxiense, podemos dizer, é este prédio, uma verdadeira caixa de fósforos superlotada. Andaremos mais um pouco, notaremos nessa passagem o prédio do Círculo Operário Caxiense, organização de auxílio ao operariado caxiense. Os prédios da firma Calcagnotto, as firmas comerciais de Vva. João Triches & Cia. Ltda, que em quatro lojas apresenta seus produtos aos caxienses. E o nosso passeio continua, encontramos muitas lojas, aqui uma cancha para a prática de tênis, ali um outro grande edifício cujo nome acusa “Edifício Luizinha”. Nos chama especial atenção, algumas magníficas residências que Kalil Sehbe S/A, que também apresenta-se em um moderno edifício de alvenaria muito bem construído.¹⁴

A citação acima se justifica pelos inúmeros indícios que ela oferece da aplicação do processo de modernização e urbanização que se pretende estudar pesquisa. A citação leva-nos a observar que o desenvolvimento da área central de Caxias do Sul aproximou-se a idealização do desenho urbano aplicado pelo Barão Haussmann, em Paris, no século XIX.

Hausmann redesenhou o centro urbano de Paris apresentando um novo projeto para o traçado das ruas e avenidas, avaliando o que deveria ser destruído e construído promovendo o afastamento dos grupos sociais mais pobres para a periferia. Hausmann aplicou a ideia de divisão entre centro e periferia, pois o projeto de reformulação dos centros urbanos estava voltado para dar todas as condições de desenvolvimento ao capital. Nesse sentido, o cenário urbano deveria organizar-se por meio do comércio, indústrias e demais instituições relacionadas ao desenvolvimento e apoio ao capitalismo nascente.

A visão de Santos (2002) aponta que as temporalidades são concomitantes e convergentes e que os objetos ou a materialidade, também impõe um ritmo de tempo a sociedade. Desse modo, segundo o autor quando são criados objetos ou firmas e depositados em um determinado lugar eles passam a se conformar a esse lugar e a dar identidade ao lugar, esses objetos ou firmas impõem a sociedade ritmos, formas temporais de seu uso das quais os homens não podem se furtar e que terminam de alguma maneira por dominá-los. O autor ensina que

A cidade é o palco de atores os mais diversos: homens, firmas, instituições, que nela trabalham conjuntamente. Alguns se movimentam segundo tempos rápidos, outros, segundo tempos lentos, de tal maneira que a materialidade que possa parecer como tendo única indicação, na realidade não a tem, porque essa materialidade é atravessada por esses atores, por essa gente, segundo os tempos, que são lentos ou rápidos. Tempo rápido é o tempo das firmas, dos indivíduos e das instituições hegemônicas e tempo lento é das

¹⁴ *Boletim Eberle*, nov. 1957, p. 14. - 17 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev.2014.

instituições, das firmas e dos homens hegemônicos. A economia pobre trabalha nas áreas onde as velocidades são lentas. Quem necessita de velocidades rápidas é economia hegemônica, são as firmas hegemônicas. (...) são as estradas que sobretudo interessam aos agentes hegemônicos e às pessoas ricas que usam melhor (...) já os bairros vai-se mais devagar, no sentido de que não há uma materialidade que favoreça o tempo rápido. (...) isso quer dizer que os pobres vivem dentro da cidade sob tempos lentos. (SANTOS, 2002, p.21).

Segundo o *Boletim Eberle*¹⁵, em 1956; apontava que

Há muitos anos atrás, soava na então firma de Abramo Eberle, que estava estabelecida num simples pavilhão de madeira, um sino convocava os trabalhadores às suas tarefas. – A “campanela”, como então era conhecida, à medida que a cidade crescia, era o sinal obrigatório para que todos os seus habitantes se dirigissem ao trabalho ou no atendimento de seus compromissos. Era o cordão mágico que movimentava todas as atividades da cidade e, que determinava o tempo útil de seus habitantes.

Desse modo, é possível observar que além do sucesso/progresso do setor industrial e do metal-mecânico, outros ramos produtivos como, por exemplo, o alimentício, também fazia parte do processo histórico empresarial da RCI, mas geralmente não era abordado pela historiografia da identidade regional que ajudou a silenciar a importância de empresas como o Frigorífico Rizzo, localizado no atual Bairro Desvio Rizzo, que na década de 30 do século passado localizava-se mais ou menos a 8 quilômetros do centro urbano de Caxias do Sul.

Identifica-se que o empresário Nestor Rizzo, responsável pelo Frigorífico, também pode ser considerado como um dos empresários de sucesso/progresso da RCI a exemplo de Eberle, Galló, Rossi e Germani. Nestor Rizzo seguiu o mesmo caminho de investimento e de “empreendedorismo” como os demais ditos pioneiros, pelo fato de seu empreendimento estar localizado num bairro que não fazia parte dos investimentos do processo de modernização e desenvolvimento da cidade colaborou para que ele se tornasse invisível à sociedade.

Pesavento (1998) ao estudar os reflexos do crescimento industrial nas cidades identifica que ele foi acompanhado pela emergência da urbanização que além de apresentar inovações na organização da produção também inaugurou novas formas de comportamento e valores. A ocupação do espaço urbano tendeu a reproduzir a assimetria presente nas relações sociais e econômicas impondo mecanismo de segregação, discriminação e confinamento. No espaço urbano os grupos industriais

¹⁵Disponível no *site* da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul: Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

encontraram oportunidades de investimento de capitais o que veio a valorizá-lo, bem como foi escolhido como local para as suas residências. A autora destaca que a cidade que pretendia assumir contornos modernos e urbanizar-se deveria varrer da área central os grupos sociais considerados indesejados levando-os para o subúrbio, aos arrabaldes como sendo uma operação saneadora e moralizante. Local onde estava localizado o Frigorífico Rizzo.

Nessa direção Chalhoub (1996) ensina que a expressão classes perigosas surgiu na primeira metade do século XIX, que estava associada aos grupos pobres geralmente composto por pelos negros libertos e escravos, mestiços e brancos pobres que habitavam os cortiços dos centros urbanos. Segundo o autor eram considerados perigosos, pois ofereciam problemas para a organização do trabalho, da manutenção da ordem pública e, perigo de contágio. Grupos que o processo de modernização irá excluir para a periferia urbana.

Norbert Elias (1994), quando se refere ao processo civilizador diz que todo o espaço é uma produção humana que envolve relações de disputa, poder, conflitos, interesses e perspectivas, pressupondo, por isso, que não há espaço dado, nem absoluto, nem *a priori* e nem definitivo. Segundo o autor todo o espaço é parte de um movimento de *inventividade* e, por conseguinte, de signos significantes e significados, ou, se preferir, de identidades que podem ser acionadas mais ou menos (ou mesmo nem serem acionadas) a depender das configurações postas em jogo.

Na perspectiva da História Cultural, desde os anos 80 do século passado que os processos sociais não são mais percebidos e experimentados da mesma maneira por todos os grupos sociais que compõem uma determinada sociedade, o que ajuda a questionar os grandes modelos explicativos de análise histórica. O estudo das representações e da identidade na perspectiva da História Cultural tem rompido com as visões funcionalistas e reducionistas abrindo espaço para o significado das diferentes interações sociais como sendo campo de conflitos, acordos, interesses e escolhas.

As análises dos elementos utilizados na construção da imagem do empresário pioneiro ou *herói civilizador* abrem espaço de questionamento. Acredita-se que o processo de modernização e urbanização na construção da identidade da RCI ajudou na diferenciação da cidade ideal e a cidade real. O que justifica o silenciamento da participação de outras diversidades econômicas e socioculturais, pois não se integravam ao projeto do *herói civilizador* idealizado pelo discurso dominante.

O estudo das cidades constituem fenômenos complexos, pois são espaços de contradições nos quais o tradicional convive com o moderno e onde culturas nacionais são reinterpretadas por subculturas étnicas ou de classes. Aldo Rossi (1995, p.72) ao conceituar cidade diz que ela é um sistema espacial formado de várias partes com características próprias. As partes ou pedaços da cidade podem ser denominados de bairro. O bairro é um setor da forma da cidade, intimamente ligado a sua evolução e a sua natureza, constituído por parte e a sua imagem. Segundo o autor o que caracteriza a cidade do ponto de vista geral das relações entre bairros é a existência de uma rede complexa onde os fatos urbanos somente poderão ser conhecidos quando estudados a sua estrutura.

Donne (1979) elaborou um levantamento dos pressupostos teóricos para a análise da cidade e as instituições que a constituíram destacando o papel da família, da religião e da propriedade. Aponta que no desenvolvimento industrial o grupo burguês foi artífice e protagonista da formação da cidade e do sistema capitalista.

Argan (1998) identifica que no desenvolvimento da cidade ocorre a diferenciação entre a cidade ideal e a cidade real. A cidade ideal nada mais é do que um ponto de referencia em relação ao qual se medem os problemas da cidade real, a qual pode ser concebida como uma obra de arte que, no decorrer de sua existência, sofreu modificações, alterações, acréscimos, diminuições, deformações, às vezes, verdadeiras crises destrutivas. Segundo o autor a cidade ideal é o modelo em que geralmente o centro histórico serve de instrumento de bloqueio e redução da historicidade dos bairros. O centro histórico e seus aspectos qualitativos tendem a menosprezar a importância quantitativa dos outros espaços que compõe a cidade. O autor ensina também que a substância histórica é a cidade em seu conjunto, antiga e moderna o que nos ajuda a colocar em questionamento a legitimidade dos discursos contemporâneos como, por exemplo, do *herói civilizador* a de Abramo Eberle e sua ligação com o progresso de Caxias do Sul.

Já Rocha e Eckert (2005) destacam que a cidade pode ser conceituada como criação coletiva, pois as narrativas/discursos *na* e *da* cidade apontam para as sensibilidades das experiências em contexto histórico, bem como para as sociabilidades tecidas na grandeza esmagadora de uma presença heterogênea, da exuberância festiva em suas avenidas, do policulturalismo que reina na vida cotidiana e dos gestos e atitudes cotidianas continuadas e reinventadas.

Segundo, os autores, no processo de “destruição” e “reconstrução” da cidade há uma singularidade específica que estimula a interpretar a cidade como ruína e fragmento. Os estudos de Rossi (1995); Donne (1979); Argan (1998); e Rocha e Eckert (2005) são importantes pelas contribuições em apontar o campo de conflito e disputa da identidade na cidade quando destacam o papel fundamental de realizar, principalmente, nos centros urbanos a contribuição do bairro, da rua, das ruínas das edificações, da fragmentação das sociabilidades ditas arcaicas, da reconstrução dos bairros e do crescimento da cidade informal como fator reabilitador do sistema espaço-temporal mais humanizadora.

Assim, recuperar a memória social significa tornar os outros espaços, bairros, ruas e grupos sujeitos de história. É necessário converter o silêncio em voz daqueles que viveram dentro o acontecimento.

O educador e o ensino não alienado deve direcionar um trabalho contra o esquecimento e ao tempo linear e homogêneo. Ao reviver histórias de gente esquecida rompe-se com a visão de memórias periféricas. O passado não pode ser aceito como inalterável e, acredita-se que a escola, o professor e o aluno não são apenas produtos como também produtores do sistema social.

A problemática de estudo e os objetivos traçados podem ser respondidos pelo estudo do conceito de cidade e suas relações com a cultura e identidade. O conceito de cidade apesar de sua complexidade pode ser ampliado quando levamos em consideração que a história de cada indivíduo na cidade é a história das situações que ele enfrentou em seus territórios/bairros e é a ação desse sujeito nesses espaços que faz de um episódio banal uma situação, para ele, de reinvenção de suas tradições.

Retornando ao conceito de civilização, Elias (1994) refere-se a uma grande variedade de fatos como, por exemplo, o nível tecnológico, os comportamentos sociais, ideais religiosos e costumes. E, em função da complexidade do conceito, a civilização também expressa “a consciência nacional por onde a sociedade ocidental tem procurado descrever o que lhe constitui, o caráter especial e aquilo em que se orgulha.” (ELIAS, 1994, p. 23).

O autor aponta que a civilização não significa a mesma coisa para as diferentes nações. Nesse sentido, na presente pesquisa o conceito de civilização ou a consciência de um determinado agrupamento social pode não ter o mesmo significado para todos os seus integrantes. Para Elias (1994), independente da maneira que uma determinada

sociedade conceitua o termo civilização, ela pode estar relacionada a maneira como um determinado grupo quer ser visto e julgado.

Para atender os objetivos propostos, a fundamentação teórica, a princípio procura aprofundar os conceitos de cidade, memória coletiva e individual, cultura, processo de modernização e urbanização, pioneiro e *herói civilizador* que se relaciona ao estudo da representação da identidade na RCI.

Para dar conta do estudo das representações da identidade na RCI procura-se aprofundar as abordagens da História Cultural e do cotidiano seguindo as considerações metodológicas propostas por Heller (1989), Lefbvre (1991), Maffesoli (1984), Goffman (1976), Ginzburg (1989), Elias (1994), Canclini (1995).

A abordagem de Goffman (1976), é utilizada para evidenciar a dinâmica das relações de poder na vida cotidiana, bem como o modo como as pessoas orientam suas ações nesse contexto. O autor ensina que existem diferentes maneiras de definir uma mesma situação e, elas estão permeadas por relações de poder. Nesse ângulo de análise uma determinada realidade ou contexto pode ser compreendido quando identificamos quem e/ou aquele que tem o poder de definir mais legitimamente o que está acontecendo. É possível analisar o cotidiano e as relações de poder por meio dos posicionamentos do *Boletim Eberle* e, o *Jornal Diário do Nordeste*. Lefbvre (1991) aponta para a articulação do universal ao processo civilizatório capitalista no qual a modernização da cidade de Caxias do Sul é o modelo apregoado pelo *Boletim Eberle* e, o particular por meio do *Jornal Diário do Nordeste* com as especificidades reais da cidade.

Inicialmente, as análises apontam para a compreensão das diferenças entre a cidade real e a cidade ideal. Destaca-se que os elementos definidos constituem uma conceituação provisória, mas são um dos elementos de ponto de partida utilizados para a reflexão as fontes anteriormente apresentadas, que diz respeito à leitura do *Boletim Eberle*, *Diário do Nordeste* e, acervo fotográfico e documental do Frigorífico Rizzo.

Os dados obtidos pela análise permitem verificar os conflitos, as contradições e as tensões do processo de modernização e urbanização desenvolvido na cidade de Caxias do Sul, RS.

A imersão no cotidiano por meio das considerações de Goffman, Heller, Lefbvre, procura identificar o significado atribuído as interações sociais sejam elas por meio de símbolos, palavras, expressões corporais entre outros. Goffman afirma que

por meio de gestos simbólicos demonstramos nosso estado de espírito, intenções e sentidos da ação e pela leitura dos gestos dos outros obtemos um sentido do que eles pensam e como eles se comportam. Segundo o autor a realidade histórica ou a vida social está mediada por símbolos e gestos. Usamos os gestos para entendermos uns aos outros, para criarmos imagens de nós mesmos, das situações e ainda construímos uma ideia das situações futuras ou desejadas. (GOFFMAN, 1989, p.49).

Goffman por meio do conceito de interação social acredita que a prioridade de observação de análise dos espaços é perceber as concepções que os diferentes atores sociais elaboram sobre o mundo social que o cercam. Desse modo, a proposta de interação caminha lado a lado com as representações da identidade, bem como oferece elementos simbólicos às diferenças sociais configurando o estigma como mecanismo de exclusão. O autor ensina que

O desgosto e seu contrário, a distinção são, emoções básicas de exclusão social, os meios pelos quais retrocedemos diante dos incapacitados , marginalizamos os que se encontram em uma situação social ou econômica inferior, e expressamos repulsa diante de diferenças raciais étnicas. (GOFFMAN, 1976, p.63).

As análises das interações sociais segundo Goffman permitem realizar críticas e romper com visões que buscam absolutizar as hierarquias tradicionais (culturais e econômicas). As representações segundo o autor torna possível uma interação levando-o a distinguir duas identidades sociais: a virtual e a real, quando destaca que

A primeira é a personalidade que vem do exterior, construída a partir de informações de que dispõem os indivíduos em interação a segunda (a real), é a personalidade do indivíduo, definida a partir de seus atributos. De qualquer forma, o estigmatizado ocupa um espaço de desviante face àqueles com quem entra em interação. E por isso que ele adota estratégias de resistência, técnicas e táticas para fazer valer sua identidade real (...) Goffman mostra que não há desviantes .O normal e o estigmatizado não são pessoas , mas perspectivas engendradas em situações sociais, um processo social que implica dois papéis, nos quais, em momentos diferentes, os indivíduos podem participar. (GOFFMAN, 1989, p.85).

Diante da apresentação da problemática que sustenta esse estudo, o presente foi dividido em cinco capítulos. O primeiro apresenta a justificativa do tema de estudo, as fontes utilizadas e o referencial teórico-metodológico, levando em conta a problemática, objetivos e a hipótese de pesquisa.

No segundo capítulo intitulado *Memória e autoimagem na RCI*: a construção do discurso do Pioneiro e *Herói Civilizador* apresenta-se os estudos de Franco (1943); Adami (s/d); Giron (1979); Pesavento (1985); Azevedo (1994), Loraine; Bergamaschi

(2001); Herédia (1997; 2003; 2007; 2010); Mocellin (2008); Machado (2001); e Tessari (2013) cuja a historiografia está relacionada ao tema da presente pesquisa.

No terceiro capítulo, *A cidade ideal* procura-se refletir a partir da leitura e análise do *Boletim Eberle*, 1956 a 1960 identificar a representação do pioneiro ou *herói civilizador* os posicionamentos aos atributos: fé, família, trabalho e sucesso/progresso.

No quarto capítulo intitulado *A cidade real por meio do discurso do jornal o Diário do Nordeste*, por meio da análise do jornal do jornal *Diário do Nordeste*, 1951 a 1954; procura evidenciar a participação do “empresário” Nestor Rizzo por meio das representações da cidade real em oposição a ideal presente no *Boletim Eberle*.

E, finalmente no capítulo cinco, *Entre o estigma e o preconceito* procuramos recuperar o histórico do bairro Rizzo da cidade de Caxias do Sul e relacionar a literatura referente ao tema da “indústria” da carne com o objetivo de analisar a contribuição do Frigorífico Rizzo no ramo empresarial, bem como as relações estabelecidas com o seu entorno a partir da análise do acervo fotográfico e documental da empresa. No mesmo capítulo também discute-se a importância da reabilitação espaço-temporal do Rizzo e a representação da identidade da RCI como contribuição para o ensino de história, incluindo-a na história do município pela sua importância, não apenas no aspecto econômico, mas principalmente pelo aspecto social que representa na expansão urbana local.

2 MEMÓRIA E AUTOIMAGEM NA RCI – A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO PIONEIRO E HERÓI CIVILIZADOR

Ao Imigrante

No tosco e desbotado cemitério,
Que se enfileira ao pé da mata enorme,
Teu sono, herói lendário e forte dorme!
Repousa da saudade no mistério.

Vê. Pelas bandas do Ocidente longas
Se estiveram as roçadas ubertosas,
Que douram a colina de onda em onda,
No salmejar da tarde sonora.

O sol descende. Hinos mil descanta
A messe. Ronda a brisa lentamente,
Não ouves? A floresta própria canta
Teu esforço e teu labor ingente.

Verga do cacho ao peso o teu vinhal.
Chiam carroças curvas de colheita.
De frutas teus pomares já se enfeitam,
Numa nova fartura divinal.

Vê. É a mesma abundância que rebrilha
Aos afagos do sol agonizante!
Bem mereces epônimo imigrante
O canto que a Natureza dedilha.

Herói! Três vezes, salve! Salve os campos
Que aos espinhos e as urzes arrancaste!
Teu esforço de Deus e do Santo.

Dorme. O lábaro sacro da vontade
Que içaste, continua de pé, invicto!
Porquê, o teu labor (Está Escrito!)
Prosseguirá com a posteridade.
(Mario Gardelin – *Ao imigrante* - 1950)

Com relação à historiografia regional destaca-se a Álvaro Franco *Abramo já tocou...* ou *A epopéia de um imigrante*, 1943 que ressalta a biografia do imigrante italiano Abramo Eberle que se destacou no desenvolvimento industrial de Caxias do Sul, nascido em 1880; em Monte Magré, distrito de Schio, filho de José e Luisa Eberle.¹⁶ De acordo com o autor, em 1884, a família Eberle imigrou para o Brasil, estabelecendo-se nas terras da Colônia “Campo dos Bugres”, atual cidade de Caxias do Sul, RS.

¹⁶Toda a grafia dos nomes próprios segue de acordo com as obras consultadas.

Segundo o autor o pai de Abramo Eberle, Guisepe Giacomo Eberle adquiriu, em 1886; a funilaria de Francisco Rossi, mas com saúde fragilizada dedicou-se ao seu pomar e as destilarias de graspa e, aos sábados na sede da colônia; exercia o ofício de barbeiro. Deixou a administração da oficina adquirida a cargo de sua esposa Luisa, também conhecida por “Gigia Bandéra” onde também a ensinou o ofício de funileiro ao filho Abramo Eberle. Abramo com os ensinamentos passou “a manejar as máquinas primitivas da funilaria, vendo como se cortava redondo, como se cortava reto, fazendo o rebite do fundo de um caneco, como se encurvava o bico de um regador”. (FRANCO, 1943, p. 84).

Essa obra sintetiza o pensamento de que o imigrante tinha condições de promover o desenvolvimento pelo trabalho apesar das dificuldades que encontrava na nova terra. Essas dificuldades, observando o grau de educação que marcava a região, ficam evidentes quando da comemoração dos 75 anos da imigração italiana no RS. Esses registros apontam para a situação das escolas. Esses indicadores mostram que o trabalho era mais importante que a educação formal. Mesmo que os dados registrados no álbum comprovem essa evidência, na análise feita por Pellanda, a publicação aponta para a dificuldade dos imigrantes de participar da educação formal.

Pellanda reforça a importância dos imigrantes no progresso da sociedade, evidenciando que

nenhum artifício poderia falsear ou de qualquer forma diminuir a grande contribuição que tais grupos de imigrantes teriam trazido ao progresso econômico e social desta sua Pátria de adoção. Os seus filhos, se levados pela inclinação, inteligência, atividade e fortuna, a se afastarem dos povoados nativos, chegassem ao ápice da riqueza e das honras, pensariam então sempre com admiração nos companheiros de seus genitores, pois veriam neles não “pobres imigrantes”, mas pioneiros, fatores de riqueza, de progresso e de civilização, e se glorificariam de haver nascido na vilazinha por eles fundada, como título de nobreza. (PELLANDA, 1950, p.62-63).

Segundo registros apresentados nessa obra, o município possuía “cem unidades de ensino municipal acrescido também de um sistema de escolas rurais. O município de Caxias do Sul, contava ainda com 20 escolas estaduais; 7 particulares e 12 de congregações religiosas.”

Entretanto é importante registrar que para atender os interesses da indústria o Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) criou em Caxias do Sul uma escola destinada a acolher os jovens com o objetivo de prepará-los e inseri-los na indústria local. Na época, o Senai ao se certificar do número de empregados de uma

determinada indústria comunicava a ela o número de bolsas que teria por direito a fim de serem distribuídas aos jovens menores de 14 a 18 anos e fossem filhos de operários.

O Pe. Ernesto Manica ao se referir a atuação do sacerdócio na RCI e, especialmente em Caxias do Sul, diz que o colono italiano trouxe em sua bagagem cultural a fé e a crença Católica. A ligação entre o colono e a Igreja Católica, segundo o autor foi fundamental para explicar o progresso alcançado quando aponta que o

fruto fecundo da união indissolúvel da fé com o trabalho, que o sacerdote sempre abençoou, estimulou e preservou, não permitindo que nosso colono se embrutecesse ao contato da terra agreste e selvagem nem se degradasse na ociosidade e no desânimo, mas cultivando-lhe a alma com a palavra do Evangelho, hoje e sempre espírito e vida, e lembrando-lhe continuamente que a grandeza do homem reside no espírito que procura dignificar-se e humanizar-se na prática da religião e na conservação da moral cristã, base insubstituível da estabilidade da família, esteio e fonte inesgotável da grandeza e progresso da Pátria. (MANICA, 1950, p.239).

O Pe. Mânica observa que o imigrante foi guiado pela orientação do sacerdote na construção das igrejas, das cidades e das vilas, com suas escolas, hospitais, comércio e indústria oferecendo ao RS o exemplo de progresso civilizador.

No setor da indústria metal-mecânica segundo o *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul* a presença da indústria marca a região. A obra faz referência as indústrias locais por meio da *Metalúrgica Abramo Eberle S.A*, fundada em 1896; a *Indústria Metalúrgica Gazola, Travi LTDA*, de José Gazola, fundada em 1933, onde ambas colaboraram nos esforços bélicos do período da Segunda Guerra Mundial. Elenca também o papel de *Favero & Cia*, 1940, indústria de maquinário industrial; *Metalúrgica Triches*, 1921, fundada por João Triches com seu amplo leque de produtos e *Evaristo De Antoni & Cia*, responsável pela produção de trilhadeiras para grãos e cereais e máquinas para a indústria vinícola.

Os autores também indicam as indústrias do setor vinícola e de bebidas¹⁷, do moageiro¹⁸, da indústria de madeira¹⁹, do têxtil²⁰, de joias e ourivesaria²¹, da química²² e do ramo alimentício²³.

¹⁷ *Vinícolas Mosele (E. Mosele S/A)*, primeira empresa do setor do Brasil a adotar um maquinário moderno na produção de vinhos e champanhe; *Adega Nossa Senhora de Lourdes*, fundada em 1942, pertencente a *Firma Formolo & Cia*; *Luís Heimann & Cia Ltda* fabricante de conhaque; *Cooperativa Vinícola Caxiense Ltda*, fundada em Caxias do Sul em 1930, produtora, exportadora dos vinhos “Casto” e Defesa”; *Indústria de Vinhos Ronca Ltda*, proprietária da Granja Santa Luzia; *Irmãos Rizzo* proprietários da Granja Sorriso, produtores da marca de vinhos “Sorriso”; *Cooperativa Vinícola São Victor Ltda*, fundada no ano de 1929, por Agostinho Zandomeneghi, produtora das marcas de vinho “São Victor”, “Vigoroso”, “Rosado”, “Barbera” e “Grignolino”; *Kunz & Cia. Ltda*, fabricantes da marca de aperitivos “Marumbi”, fundada em 1938 pelo enólogo Luiz Felipe Kunz. (ÁLBUM COMEMORATIVO DOS 75 ANOS, 1950, p.166 - 233).

Além dos setores citados, aparece que na cidade de Caxias do Sul já havia duas fábricas de acordeons: *Acordeons Universal Ltda*, fundada no ano de 1945, e da e a *Fábrica de Acordeons “Tupi”*, pertencente a firma *Tesser, Corsetti & Cia*, e outra empresa de destaque segundo o autor foi a *Fábrica de Calçados “Caxias”*, propriedade da firma *Longhi & Cia. Ltda*. A produção desses itens indica uma região diferenciada cuja indústria diversifica destacando-se dos demais municípios da região.

João Spadari Adami na obra *Festas da Uva: 1881 a 1965*, (s/d); realiza um levantamento da história da Festa da Uva, em Caxias do Sul desde a primeira Exposição Agroindustrial, de 1881 a 1965. O autor apresenta um histórico da indústria de Caxias do Sul atribuindo seu início ao ano de 1877, bem como expõe uma lista dos primeiros empresários e seus respectivos empreendimentos nos mais variados segmentos produtivos. Desse modo, na produção de velas e sabão Adami se refere ao nome de João Batista Curzel, na de tijolos João De Boni, Ambrósio Fasoli, Celso Zaccani, Luís Rossi, Irmãos Antônio e Ângelo Manfro, João Spadari, Luís Balconi e João Batista Zambon, entre outros.

No setor de serrarias indica João Muratore, como sendo primeiro a utilizar energia a vapor, em 1884, bem como a de Emílio Salomon que foi considerado o pioneiro no beneficiamento da madeira, que era utilizada para a fabricação de caixas e cabos de vassoura.

Segundo Adami, na indústria de alimentos, entre os pioneiros, destaca a atuação de Vitório Zanella como o primeiro a montar uma fábrica de massas comestíveis;

¹⁸ Na indústria moageira destacou-se o *Moinho Sul- Brasileiro* fundado por Aristides Germani, pioneiro na industrialização do trigo na região; *Moinho Central Caxiense* fundado por João Andreazza. (ÁLBUM COMEMORATIVO DOS 75 ANOS, 1950, p.190 – 222).

¹⁹ A indústria madeireira é representada pela *Industrial Madeireira Ltda*, fundada em 1934; apresentada como uma das maiores empresas madeireiras do Estado e do País; *Severino Travi & Cia. Ltda*, fundada por Basílio Travi e da *Angelo de Carli & Cia*, fundada em 1941. (ÁLBUM COMEMORATIVO DOS 75 ANOS. 1950 p.205 – 208).

²⁰ No setor têxtil aparecem o Lanifício São Pedro de Galópolis; a Tecelagem dos Irmãos Panceri, fundada em 1928; o *Lanifício Viúva Matteo Gianella & Cia*; *Tecelagem Marisa S/A*; *Malharia Jane*, inaugurada em 1939, propriedade de *Guerino Sanvitto & Cia.*; *Malharia Caxiense Ltda*, fundada por Carlos Mutti no ano de 1936; da *Malharia Salatino* e da firma *Sehbe & Cia*, fundada em 1928 pelo comerciante Kalil Shebe. (ÁLBUM COMEMORATIVO DOS 75 ANOS, 1950, p.160 – 229).

²¹ No setor de joias e ourivesaria aparecem as empresas de *Eberle, Kochenborger & Cia. Ltda*, fundada em 1912; da *Ourivesaria Mosele Ltda*, fundada por Leonel Mosele e da *Rosinato Calcagnotto & Cia*, apresentada como maior fábrica nacional de correntes de ouro e prata, fundada em 1945. (ÁLBUM COMEMORATIVO DOS 75 ANOS, 1950, p.216 – 232).

²² A indústria química é representada pela *Fábrica de Produtos Químicos Veronese & Cia*, fundada em 1911; conhecida nacionalmente pela qualidade de seus produtos. (ÁLBUM COMEMORATIVO DOS 75 ANOS, 1950, p.199).

²³ A indústria alimentícia aparece representada pela indústria *Corsetti & Cia* conhecida pela qualidade e quantidade de produtos elaborados pela empresa, marcas conhecidas como o da aveia “Soberana” e da farinha de milho “Perdiz”; a *Fábrica Caxiense de Balas Ltda*, fundada em 1947; fabricante das balas e bombons “Rainha”; da fábrica de doces *Postali, Varisco & Cia. Ltda* e do *Frigorífico Rizzo* produtor de banha e derivados de suínos. (ÁLBUM COMEMORATIVO DOS 75 ANOS, 1950, p.155 – 227).

Ângelo Chitolina, na fabricação de produtos derivados da carne de suínos; Stefano Crippa e Antônio Corsetti na produção de óleo de linhaça. O autor indica, que a primeira cervejaria foi fundada por Rodolfo Feliz Laner, sendo seguido por Leonardelli, Modesto Rossi, Luís Michelin, Caetano Facciolli, Rafael Buratto, Bortolo Tomasi, Franz Lermen e Matias Stocher.

No que diz respeito à indústria têxtil de Caxias do Sul, Adami refere à atuação de Luís Baldesarini e José Panceri como entre os primeiros fabricantes de fios e tecidos de seda; bem como da fundação do *Lanifício São Pedro* de Galópolis, pelos imigrantes italianos José Comerlato, João Batista Mincatto, Batista Tisot, José Berno, José Bolfe, Ângelo Basso, José Casa, Otávio Curtulo, Pedro Sbabo, Jacinto Vidal, João Sartor.

Com relação à indústria metalúrgica, Adami identifica que na região os pioneiros foram Amadeo Rossi, seguido por Abramo Eberle, Francisco Alessandrini, Pedro Dalla Santa e Antônio Zanardo esse como fabricante de destiladores e máquinas agrícolas e industriais; a indústria *De Antoni*, fundada por Alexandre De Antoni responsável pela fabricação de trilhadeiras e, a *Fábrica dos Irmãos Gazola* pela produção de materiais bélicos, além de Bortolo Triches, como sendo o primeiro fabricante de máquinas para massas alimentícias; Ângelo Dalle Molle e Irmãos Zanelatto na produção de balanças e Oswaldo Ártico na fabricação de fogões a lenha.

Na indústria química, observa a atuação de *Luís Veronese e Irmãos* na fabricação de produtos químicos e no ramo artístico escultural com a produção de arte sacra de Pedro Stangherlini e Tranquilo Zambelli.

Segundo Adami, na produção de gasosa aponta a atuação de Vicente Argenta, José Jacconi, Miguel Muratore e Irmãos Milani e, na de joias a sociedade *Eberle Kochemborger*. Observa que na indústria moageira houve o papel do moinho *Ítalo-Brasileiro*, fundado por Aristides Germani; do *Moinho Central*, de Davide Andreassa, bem como as tanoarias de Rafael Buratto, Agostinho Barsotti e Giácomo Mosele. Segundo o autor, a produção do vinho e de seus derivados teve fundamental importância para alavancar a economia da RCI. Entre aqueles que ultrapassaram as fronteiras da RCI, na produção, transporte e comercialização elencou a atuação de vários produtores.²⁴

²⁴ Adami entre os produtores, transportadores e comerciantes indica a atuação de Juno Bellando, Antônio Machado de Souza, Joaquin Subtil da Trindade, Lidio Gomes da Silva, Bernardino Neves da Rocha, Carlos Pisani, Domingos Tronca, Ângelo Mugnaga, Ambrósio Maggi, Alexandre Maggi, João Faria de Lima, Andréa Maggi, Ambrósio Bortolan, José Bisol, Arcangelo Rizzo, Enrico Cartegiani, João Desnegrini, João Luciano, Irmãos Paolo e Antônio Rossato, Raimundo Leonardi, João Guerreiro, Davide Andeazza, Vittore Andeazza, Bortolo Bombana, João Boz, Enrico Mariani, Onorato Bosi, Irmãos Leopoldo, Luís José, Batista Adami, Antônio Pieruccini, José Carlassara,

Assim, conforme registro de Adami, a indústria da cidade de Caxias do Sul teve início no século XIX com o desenvolvimento de pequenas unidades produtivas tradicionais ligadas à transformação de produtos do setor primário, referenciando também o setor metalúrgico mais dinâmico e tecnológico.

Giron (1979) apresenta o imigrante italiano como principal agente pelo processo de modernização e industrialização da cidade de Caxias do Sul, quando diz que “os imigrantes traziam consigo o germe da Revolução Industrial, possuíam maior especialização técnica que os demais habitantes da Província e, mesmo sem capital, dispunham de espírito empresarial.” (GIRON, 1979, p.85).

A autora aponta os principais empresários da indústria caxiense destacando a figura de Abramo Eberle no setor metalúrgico; Angelo De Carli, na de erva mate; Luiz Veronese na indústria química; Alexandre De Antoni e seu filho Evaristo De Antoni, na produção de máquinas agrícolas; Aristides Germani, no setor moageiro; Matteo Gianella, no setor têxtil e, refere que “a escolha dos empresários foi motivada tanto pelas inovações introduzidas como pela persistência, até os dias atuais, de suas indústrias.” (GIRON, 1979, p.86).

Giron indica que “os imigrantes italianos modernizaram a economia gaúcha, instalando novas indústrias, que não existiam no Estado. Aplicaram modificações técnicas, conhecidas na Europa e desconhecidas no Brasil. Estas inovações tiveram sua origem na Itália.” (GIRON, 1979, p.91).

Pesavento (1985) com objetivo de elaborar a história da indústria rio-grandense observa que a cidade de Caxias do Sul, foi um “centro industrial importante da zona de colonização italiana, e pela presença marcante tanto das metalúrgicas quanto do ramo da alimentação, com predomínio absoluto, neste último caso, dos estabelecimentos vinícolas.” (PESAVENTO, 1985, p.80).

Com relação ao setor vinícola, Pesavento indica a atuação de *Pieruccini* como uma das mais importantes cantinas de fabricação de vinho; no setor metalúrgico a *Metalúrgica Eberle*, bem como *Gazola e Travi Limitada*, importantes fornecedoras de artigos militares.

A autora observa a tendência da agricultura dos imigrantes ser geradora de um excedente que poderia ser comercializado no mercado regional e nacional, fato que já havia ocorrido com a produção dos primeiros imigrantes alemães, em 1870.

Agapito Guelfi, Ambrósio Bonalume, Augusto Bôscaro, Caetano Costamilan, Luís Scopel e Antônio Campagnolo. (ADAMI, s.d, p.14).

Pesavento com relação à produção agrícola da RCI, diz que

Paralelamente ao trato da terra ou constituindo-se em atividade separada, surgiu o artesanato nos núcleos coloniais, baseado fundamentalmente na “habilidade técnica” do imigrante, muitas vezes conhecedor de um ofício na sua terra de origem. O próprio desenvolvimento da atividade agrícola permitiu que uma parte dos colonos não se dedicasse integralmente ao cultivo da terra e pudesse especializar-se na produção artesanal e na venda de seu produto para o mercado. Tratava-se, basicamente, de uma produção mercantil não capitalista, na qual o artesão, com ferramentas simples, produzia para o consumo local e para o mercado, com o auxílio da mão-de-obra familiar. As unidades de produção artesanais, disseminadas por toda a colônia, apresentaram alta diversificação, produzindo toda a sorte de artigos, como objetos de selaria, tecidos, azeite, licores, farinha, banha, vinho, chapéus de palha, ferramentas para a lavoura, cerveja, charutos e cigarros, tijolos, sapatos, panelas, rodas de carroça, etc. A produção agrícola colonial e o artesanato rural estiveram, desde o início da venda de seus produtos, subordinados ao capital comercial. (PESAVENTO, 1985, p.27-28).

Segundo a autora no setor têxtil destaca o papel do *Lanifício São Pedro de Galópolis* e, na indústria madeireira é a da *Industrial Madeireira*, fundada em 1934, quando da fusão de vários empresários madeireiros da cidade. Entre as cervejarias aponta a *Leonardelli*.²⁵

Azevedo, na obra *Os Italianos no Rio Grande do Sul: Cadernos de Pesquisa* 1994; indica que a indústria da cidade de Caxias do Sul surgiu com a vinda de alguns artesãos de origem italiana, que saíram da região colonial e se estabeleceram na cidade, com a instalação de oficinas. Segundo o autor as indústrias foram resultado do isolamento experimentado da região, pois o colono sem dinheiro e estradas não podia importar mercadorias. Assim, pela necessidade eles começaram a fabricar produtos para seu próprio consumo.

Azevedo (1994) cita entre os pioneiros Abramo Eberle, Alex. De Antoni que era ferreiro e fabricante de trilhadeiras; Ambrosio Bonalume, no curtume e selaria; Angelo Manfro, na fabricação de tijolos; Antonio Corsetti, no moinho e fabricação de óleo de linhaça; Aristides Germani, no cultivo de trigo e moinho; Felice Veronese como o primeiro produtor de graspa e álcool; Luis Veronese, na fabricação de produtos químicos; Giacomo Mosele e Rafael Buratto, na tanoaria; José Panceri e Matteo Gianella na tecelagem; Luis Michelin, na produção de vinhos; Pedro Stangherli na produção de esculturas; José Gazola, na fabricação de munições; Luis Heimann, na

²⁵Pesavento (1985) a exemplo de Adami (s.d) também apenas cita as principais representantes da indústria de Caxias do Sul, entretanto a autora privilegia apenas o ramo metalúrgico, têxtil, vinícola e cervejeiro.

fabricação de conhaque; Eberle, Kochenborger & Cia, na confecção de joias. (AZEVEDO, 1994, p. 32-102).

Herédia (1997) na obra *Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana*, faz uma análise do desenvolvimento da indústria na RCI, observando que a cidade de Caxias do Sul foi o maior polo desse desenvolvimento. Segundo a autora

Os primeiros setores a se desenvolver foram à indústria alimentícia (os moinhos, as cantinas) e a indústria extrativa (madeira). (...) houve um aumento de estabelecimentos que se dedicavam ao beneficiamento da matéria-prima agrícola, como o caso da uva, do vinho, da banha, da aveia do feijão. (HERÉDIA, 1997, p.69).

Entre as indústrias a autora diz que aquelas que mais “se destacaram no desenrolar da história de Caxias do Sul foram à indústria vinícola, a têxtil, a metalúrgica, a mecânica, a de alimentos, a extrativa-manufatureira, de couros e a moageira, sendo um dos traços desse parque industrial a sua diversificação.” (HERÉDIA, 1997, p.75).

Herédia (1997) quando trata da indústria extrativa da madeira postula que ela esteve relacionada a abundância de matéria-prima na região e, entre os principais empreendimentos madeireiros foram *Meneghetti, Travi, Maggi e Grando*. A autora destaca o papel do Lanifício São Pedro de Galópolis, quando diz que “através da reconstrução da história dessa fábrica se reconstrói a história do Distrito de Galópolis, núcleo urbano importante para o desenvolvimento e acumulação de capital da zona colonial, como também uma parte da história da indústria no Rio Grande do Sul.” (Herédia, 1997, p.21).

No setor vinícola, Herédia (1997) indica o papel de Ettore Pezzi, Moselle, Michelin, Irmãos Rizzo, Anúncio Ungaretti, Andreazza, Scalzilli e Luís Antunes, citando “exemplos de indústrias de vinho que começaram como pequenas cantinas e gradativamente se transformaram em empresas manufatureiras, mostrando a subordinação do trabalho camponês ao capital”. (HERÉDIA, 1997, p.76).

No setor metalúrgico, a autora enaltece o valor dos empresários Abramo Eberle, Amadeo Rossi e Gazola que “foram nomes de expressão na indústria da metalurgia caxiense e refletem o exemplo de trabalho, poupança, empreendimento e domínio de ofício.” (HERÉDIA, 1997, p.76). Herédia também revela que eles tiveram importante participação no setor metal-mecânico, bem como das empresas *De Antoni*, na produção de máquinas trilhadeiras, que eram utilizadas para o beneficiamento de cereais e, *Dalla*

Santa & Companhia, pioneiros na produção de equipamentos voltados à indústria vinícola e alimentícia. A autora assinala que a indústria moageira foi responsável na transformação e beneficiamento agrícola e destaca que o principal empresário da indústria moageira foi Aristides Germani, pois esteve entre os primeiros fundadores de moinho e beneficiamento do trigo, em Caxias do Sul.

Herédia (2003) na obra *Hércules Galló: vida e obra de um empreendedor*, aborda o mito do empresariado industrial por meio da atuação de Hércules Galló como sendo responsável por transformar a pequena cooperativa de tecidos em um grande Lanifício quando ocorreu o contrato de sociedade entre Galló e os Chaves e Almeida, tornando esse empreendimento em um dos maiores do Estado.

Outra obra importante sobre o comércio da região foi escrita por Giron e Bergamaschi (2001) *Casas de Negócio: 125 anos de imigração italiana e comércio regional*; recupera o histórico das casas comerciais na RCI e indica a participação do setor industrial no desenvolvimento e crescimento da cidade de Caxias do Sul.

As autoras observam que a estrutura fundiária da RCI esteve baseada na pequena propriedade, onde as famílias dos colonos italianos trabalhavam a terra, cuja produção era destinada somente a manutenção da família. Para poderem aumentar sua renda, os colonos passaram a diversificar suas atividades ao criarem indústrias caseiras, também baseadas na mão de obra familiar. A indústria familiar com o tempo ampliou-se com a introdução de novas técnicas de produção, o que possibilitou “a existência de vários estabelecimentos industriais que garantia grande diversidade na produção. Havia empresas modernas como a metalúrgica e as tradicionais como as de consumo.” (GIRON; BERGAMASCHI, 2001, p. 22-106).

Entre as empresas tradicionais do setor vinícola as autoras apontam a participação da empresa *Pieruccini*, de Antônio Pieruccini, fundada em 1898; da *Vinícola Santa Tereza*, de propriedade da Viúva Adolfo Silva, fundada em 1908. Indicam também a empresa de *Ângelo Chitolina & Cia*, produtora de salames, presunto e mortadelas; das cervejarias de Francisco Lermen; Caetano Finco e *Leonardelli e Irmãos*.

Dentre as empresas modernas Giron e Bergamaschi (2001) elenca empresas já citadas; a participação de Amadeo Rossi, Abramo Eberle e Evaristo De Antoni no setor metalúrgico, sendo o primeiro o pioneiro do gênero na cidade. No setor têxtil apontam *Chaves Irmãos* e *Panceri e Filho* na produção de tecidos de seda; da *Indústria de Produtos Químicos de Luiz Veronese*, bem como assinalam a produção da Fábrica de

Sabões e Sabonetes *Müssnich, Cirrili e Cia*; da *Selaria Riograndense & Cia* de Francisco Alessandrini e Zanotelli; do Atelier de Tarquínio e Estácio Zambelli pelos trabalhos de estatuária, escultura e artigos religiosos.

Machado (2001) na obra *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul*, aborda os diversos elementos que deram forma a cidade de Caxias do Sul apresentando o processo histórico da Colônia Caxias desde o seu surgimento como projeto oficial do Império que, “juntamente com o governo provincial decidiu povoar a região de terras devolutas situadas na Encosta Superior do Nordeste.” (MACHADO, 2001, p.44).

Segundo Machado o crescimento econômico impulsionado pela agricultura, refletiu-se de forma significativa na zona urbana, onde o comércio assumiu a função de exportador dos produtos coloniais e importador de produtos vindos de fora, passando a liderar a economia local estimulando o crescimento das indústrias, das manufaturas, os artesanatos e a prestação de serviços. O crescimento industrial fez com que os diferentes ramos passassem a exigir investimentos urbanos que beneficiasse o arruamento da área central onde a grande maioria encontrava-se localizada que facilitasse o trânsito dos produtos e das pessoas, bem como o abastecimento de água e condições sanitárias, ou seja, uma infraestrutura básica para o desenvolvimento industrial.

Herédia (2007) aponta que a RCI pode ser considerada um dos locais mais diversificados do Brasil. Segundo a autora, “vários ciclos econômicos marcaram a evolução do município de Caxias do Sul, e esses ciclos permitiram que a região se transformasse em um dos polos industriais do País, pela sua concentração no segmento metal-mecânico, um dos mais diversificados do País”. (HERÉDIA, 2007, p.89). Ainda segundo a autora a cidade de Caxias do Sul apresenta um parque industrial moderno, “com indústria de perfil dinâmico simultaneamente às indústrias de perfil tradicional.” (HERÉDIA, 2007, p. 89).

Segundo Herédia (2007), o município de Caxias do Sul apresentou cinco períodos econômicos que foram definidos da seguinte maneira. (a) *primeira fase* caracterizada pelas atividades extrativistas e pela agricultura de subsistência, onde milho era a principal cultura servindo de alimento para os imigrantes e para os animais; (b) *segunda fase* caracterizada pela produção agrícola que abasteciam não somente a colônia, mas também os mercados regional e nacional; (c) *terceira fase* foi marcada pela integração dos setores primários e secundários; (d) *quarta fase* que foi marcada pelo modelo desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek fortalecimento da grande indústria e (e) finalmente a *quinta fase* caracterizada pela forte presença do setor

terciário, a partir da chegada dos *shoppings centers* e das grandes redes de supermercados.

Segundo a autora a terceira fase representou a

construção de uma indústria de perfil tradicional, reconhecida no mercado nacional, abrindo caminho para a quarta fase onde predominou o setor secundário sobre o primário. A presença italiana na indústria rio-grandense se destacou nos setores têxtil, metalúrgico, vinícola, tritícola e no da madeira. Esses industriários ultrapassaram as portas do mercado nacional fazendo sucesso no estrangeiro. É o caso de Abramo Eberle, Hércules Galló, Aristides Germani, Amadeo Rossi e Evaristo De Antoni. (HERÉDIA, 2007, p. 92).

Mocellin (2008) na tese de doutorado, intitulada *Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul*, analisou os empresários e intelectuais ditos pioneiros de Caxias do Sul. A autora demonstra a valorização da figura do empresário como sendo “*herói civilizador*”, que por meio de seu pioneirismo proporcionou o desenvolvimento econômico e cultural da RCI.

Os ditos empresários pioneiros ou *herói civilizador* abordados por Mocellin não apenas se destacaram no setor industrial, mas também tiveram grande atuação destaque em outros importantes setores da sociedade como, por exemplo, na política, associações vinculadas ao comércio, cultura e educação.

O estudo de Mocellin (2008) referente ao empresário pioneiro ou do *herói civilizador* recorrente na sociedade local nos leva a identificar que no processo de modernização e desenvolvimento da cidade de Caxias do Sul ocorreu certa “escolha” que priorizou apenas aqueles que contribuíram para a mudança da representação da identidade da RCI. Visão que é geralmente ritualizada nos períodos da Festa da Uva que é um evento promovido e apoiado principalmente pelas elites locais. O evento está intimamente relacionado as mudanças da auto representação da sociedade local que deu certo, ou seja, do imigrante colono que transformou-se no empresário de sucesso. Segundo Mocellin foi

por meio de ações culturais (para desfazer estigmas associados aos colonos), as elites intelectuais promoveram e valorizaram a cultura local, e assim contribuíram para a construção e mudança da auto-representação dos descendentes de italianos. Também os empresários contribuíram para a construção dessa auto-representação dos descendentes, ao promoverem a festa e divulgarem o seu potencial econômico, associando-o à cultura da imigração italiana. (MOCELLIN, 2008, p.158).

Bergamaschi (2005) na obra *Abramo e seus filhos: cartas familiares 1920 - 1945* por meio da correspondência trocada entre Abramo e seus dois filhos, José e Júlio Eberle entre os anos de 1920/1945 apresenta elementos do histórico da Metalúrgica Abramo Eberle e da cidade de Caxias do Sul. A autora associa o desenvolvimento e, o progresso da cidade pelo trabalho e sucesso do imigrante italiano por meio da trajetória e modelo de Abramo Eberle e de sua metalúrgica.

Tessari (2013) na dissertação de mestrado intitulada *Imagens do labor: memória e esquecimento nas fotografias do trabalho a antiga metalúrgica Abramo Eberle (1896-1940)* descreve a história da empresa por meio da análise de fotografias.

Nesse sentido, é possível identificar que a partir do projeto vencedor da RCI decorrente do desenvolvimento e progresso industrial metalúrgico ocorreu a tendência de atribuir um novo significado ao colono imigrante italiano alertado por Mocellin (2008) quando diz que na sociedade local

as trajetórias dos empresários eram representadas: como modelos exemplares. Na literatura produzida pelas empresas (informativos das empresas), as trajetórias dos empresários eram narradas enfatizando o sofrimento e a coragem dos antepassados para superar as adversidades da imigração, abordando igualmente o “espírito empreendedor” e a coragem dos empresários que se aventuravam na indústria. A representação mais recorrente na sociedade local é aquela que associa o empresário a um herói civilizador, na medida em que ele transforma uma sociedade preponderantemente rural, baseada na pequena propriedade da terra, numa sociedade urbana, em que predomina a indústria. (MOCELLIN, 2008, p.14-15).

2.1 O USO DA MEMÓRIA COLETIVA COMO MANUTENÇÃO DO MITO

Mocellin (2008) identificou o desenvolvimento e o progresso de Caxias do Sul, associando-o pela passagem da sociedade rural, baseada na pequena propriedade da terra, para uma sociedade urbana em que possa predominar a indústria. Desse modo a autora evidencia o papel das elites econômicas e intelectuais na manutenção do mito empreendedor. É possível identificar que a complexidade desse desenvolvimento e progresso e os conflitos decorrentes do processo de modernização tornaram-se invisíveis pela construção da memória coletiva, representada pelo pioneiro ou “*herói civilizador*”. Para a compreensão desta invisibilidade recorreremos ao conceito de memória coletiva abordado por Zioli (2010) que diz que

A memória como uma atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para criar um elo entre o presente e o passado, ao contrário da história, que constitui um processo interessado, político e, portanto, manipulador. (ZIOLI, 2010, p. 40).

A citação diz respeito ao conceito de memória coletiva, que por muito tempo foi abordada separadamente da história, sendo confundida muitas vezes com a própria história.

A análise inicial das fontes da presente pesquisa que diz respeito ao *Jornal Diário do Nordeste*, o *Boletim Eberle* apontam para a complexidade do conceito de cidade e para as diferentes representações de Caxias do Sul, conseqüentemente da identidade da RCI. Ao recuperar as memórias individuais presentes no *Diário do Nordeste* e no *Boletim Eberle*, podemos desconfiar das relações construídas entre a história e a memória coletiva.

Morin (2002) afirma que a memória coletiva “é algo que foi transmitido e tornou-se adquirido, mas que poderia ter sido transmitido de outra forma.” (MORIN, 2002, p. 425). No mesmo referencial Pierre Nora destacou que memória e história estavam longe de ser sinônimos e, para Beatriz Sarlo “a história nem sempre consegue acreditar na memória e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança.”

Para os historiadores que utilizam a memória como fonte da história, uma nova perspectiva teórica abriu-se com obra intitulada *A memória, a história e o esquecimento*, de Paul Ricoeur (2007) obra na qual o pensador francês propõe um novo olhar, positivo, sobre o problema das relações entre a memória e a História. Ao pensar positivamente a memória individual, Paul Ricoeur está indiretamente propondo um novo olhar para o papel do memorialista. O autor percebe-o como um simples auxiliar do historiador, mas como um elo na cadeia entre o historiador fincado no presente e o passado que este busca reconstituir através de suas pesquisas.

Parece evidente que o historiador possa e deva desconfiar da imparcialidade das narrativas memorialísticas, afinal todo memorialista confessa que vai contar uma verdade, verdade esta que materializa uma visão particular dos fatos, mas o historiador sabe que tal verdade é parcial e seu trabalho residiria em confrontá-la com os fatos que se cristalizam pela produção de outros documentos e pela própria memória dos demais personagens que participaram e narraram a sua verdade dos mesmos fatos. (RICOEUR, 2007, p.164).

A memória coletiva da representação do *herói civilizador* alimentou uma imagem positiva ao progresso industrial da região e, conseqüentemente da cidade de Caxias do Sul, que se tornou a representação de um território imaginário distante de conflitos, desencontros, desordens e transgressões.

Segundo Balbinot (2014) a favelização, a conseqüente marginalização e o aparecimento de grupos indesejados foi uma realidade comum nas grandes cidades brasileiras, na passagem do século XIX para o século XX, mudanças que também se manifestaram na cidade de Caxias do Sul.

Segundo a autora, Caxias do Sul no contexto de seu processo emancipatório em 1890, não possuía uma legislação própria. Num primeiro momento utilizou o mesmo Código de Posturas do município de São Sebastião do Caí. Em 1893 foi apresentado o primeiro Código de Posturas que tratou da normatização da organização administrativa do espaço geográfico e o comportamento da sociedade caxiense. Balbinot diz que

é possível observar que havia uma preocupação dos redatores do Código de Posturas de 1893 em definir como deveriam ser construídas ou reconstruídas as edificações presentes nos limites urbanos, na “área das quadras”, ruas e praças existentes e projetadas. (BALBINOT, 2014, p. 44).

Segundo a análise da autora, o Código de Posturas pode ser interpretado como uma clara intervenção do Poder Público na regulamentação da cidade que, de acordo com as abordagens de Michel de Certeau deveria se tornar uma *cidade-panorama*, mesmo que essa imposição implicasse no *esquecimento e/ou desconhecimento* das práticas sociais que faziam parte do cotidiano para se tornar uma sociedade disciplinada (BALBINOT, 2014, p.44).

Balbinot identifica que todo o investimento público foi empregado na área central da cidade, sendo as áreas mais distantes acidentadas e com obstáculos, foram deixadas de lado, dizendo que

A estruturação e a construção de uma cidade não ocorrem apenas pela materialidade de suas construções e pela execução dos serviços públicos; outro elemento também intervêm na construção do espaço que é aquele representado pela elaboração de ordens discursivas carregadas de estereotipia ao outro, geralmente apresentado como indesejado. (BALBINOT, 2014, p. 45).

Desse modo é possível observar que o processo de ordenação do espaço urbano ou da área central de Caxias do Sul contribuiu para o processo de segregação sócio

espacial. Balbinot, também afirma que pela higienização do espaço, tem-se uma cidade que se urbaniza a custa da exclusão de outros grupos sociais silenciando a sua participação social, quando observa que “É neste contexto de higienização e ordenação da área central de Caxias do Sul, que ocorre a ocupação dos espaços marginais da cidade pelos ditos indesejáveis (...) passavam a constituir e a formar (uma) outra cidade dentro da cidade”. (BALBINOT, 2014, p. 46).

3 A CIDADE IDEAL E O MITO ABRAMO EBERLE POR MEIO DO DISCURSO DO *BOLETIM EBERLE*

O presente capítulo, construído a partir das leituras do *Boletim Eberle* (1956 a 1960), tem como objetivo identificar alguns dos elementos discursivos desse informativo, utilizados para a idealizar o espaço urbano da cidade de Caxias do Sul, quando associa o mito Abramo Eberle e a Metalúrgica Abramo Eberle S/A (Maesa), como um dos empreendimentos responsáveis pelo desenvolvimento da cidade e de sua modernização.

3.1 MEDIAÇÕES DA MEMÓRIA REGIONAL

A construção do mito Abramo Eberle foi abordada por Albeche, quando definiu o tema do herói gaúcho, como sendo “portador de virtudes e exemplo de conduta às grandes causas sociais, [...] [e] como modelo às gerações presentes e futuras”. (ALBECHE, 1996, p. 84). A autora ensina que é comum, na construção do mito do herói, ser apresentado como portador de qualidades que podem ser traduzidas, como valores de: bravura, honestidade, liberdade, justiça, força física, destreza, coragem, patriotismo, lealdade, ordem e moralidade. Esses atributos universais, estão presentes em todo mito do herói. (ALBECHE, p.17). Nesse sentido, com o objetivo de explicar o mito do gaúcho, na sociedade rio-grandense, a autora recorreu a abordagens de Eliade, quando o autor diz que o mito “guarda uma estrutura simbólica cuja função é revelar modelos exemplares, sendo que estes sempre aparecem baseados num arquétipo localizado num tempo primordial”. (ALBECHE, 1996, p.8-9).

No presente estudo, observa-se que, na construção da representação da cidade ideal, aquela que recebeu investimentos do processo de modernização e urbanização como, por exemplo, pavimentação de ruas, rede de água e esgoto, entre outros, o mito de Abramo Eberle foi constantemente reafirmado por meio do Boletim da empresa, que procurava marcar a atuação do grande empresário-capitalista, em todas as fases em que foi responsável por construir a metalúrgica Abramo Eberle (Maesa) na cidade de Caxias do Sul, um de seus maiores empreendimentos.

Essa visão evidenciada no *Boletim Eberle*, pode ser observada na historiografia regional, conforme o capítulo anterior, quando foi associado ao caráter do imigrante italiano e o de seus descendentes, o modelo do desbravador, na sua atuação para

transformar um ambiente inóspito e selvagem em uma terra dinâmica e produtiva. Abordagem ainda comum, e presente no contexto das narrativas dessa “epopeia”, principalmente quando relacionadas: a) a festividades regionais como, por exemplo, na *Festa da Uva*, que teve sua primeira edição em 1931; b) às comemorações da chegada dos primeiros imigrantes italianos no RS, especialmente na Região Nordeste do estado; c) a placas comemorativas e monumentos, a exemplo do *Monumento Nacional ao Imigrante*, localizado na BR-116, inaugurado em 1954, contando com a presença do então presidente da República, Getúlio Vargas.

O enaltecimento presente em placas e monumentos foi abordado por Ramos (2011), quando destaca que a ideia da construção do Monumento Nacional ao Imigrante, em Caxias do Sul, teve por objetivo oferecer uma síntese da contribuição do colono ao desenvolvimento nacional/regional, bem como demonstrar um caráter político, como lição ao presente e ao futuro, nas bases de uma memória coletiva, inventando uma tradição e um passado, nos quais a comunidade possa se reconhecer.

Adami (s/d) ao recuperar o discurso de Rossarola,²⁶ pronunciado na inauguração da Festa da Uva de 1933, objetivou enaltecer a saga dos primeiros imigrantes, ressaltando:

Trazia, também, dentro de si a Fé inquebrantável dos grandes, dos ciclóticos lutadores, para os quais não há obstáculos. Trazia, também, dentro de si, intata, a herança valiosa de um dinamismo fantástico, que foi o grande característico dos seus ancestrais. Trazia, também, dentro de si a energia milenária da sua raça, escudado na qual iria traçar a gigantesca epopéia que foi a sua existência. Armas não às tinha. Possuía unicamente os seus instrumentos de trabalho. [...] E o colono, num labor insano e constante, transformou, em poucos decênios, a taba do índio na cidade opulenta. E hoje, no coração da cidade, êle ergue o altar do Trabalho, no qual se consagra e enaltece, pela terceira vez, num culto que já é tradicional, – através da Festa da Uva que ora se inicia, – a obra que avassalou, engrandeceu, transformou e aperfeiçoou a Terra, extraindo de cada um dos seus póros, o Éter misterioso da Vida. (ADAMI, s/d, p. 41).

No mesmo referencial no *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul* (1950), Assis, na matéria intitulada *Festa da Uva de 1950*, descreveu o discurso do ministro da Agricultura Daniel de Carvalho,²⁷ que, no ato de inaugural da *Festa da Uva* de 1950, objetivava lembrar a epopeia italiana quando afirmou:

²⁶ Membro da Comissão Diretora da Festa da Uva de 1933. (ADAMI, s/d, p.46).

²⁷ Ministro da Agricultura do governo do presidente da República Eurico Gaspar Dutra, entre os anos de 1946 a 1950.

Lançando-se um olhar para o passado, é fácil reconstruir o quadro emocionante da luta em que se empenharam os bravos agricultores imigrantes da Itália e conduzidos ao seio da floresta bruta, com seus mistérios, suas serpentes, suas feras, suas árvores gigantescas, para a construção de um novo lar e a plantação de uma nova seara. “Nas aberturas feitas na mata espessa, a machado e a fogo, lançaram a plantação variada, mas afervoraram-se, sobretudo, em fincar na terra fofa, coberta pela cinza das coivaras, estacas da árvore sagrada cujas bagas dão alimento ao corpo e vigor ao espírito. (Apud ASSIS, 1950, p. 20-21).

Nessa direção, o lançamento do *Álbum do Centenário da Imigração Italiana*, conforme o presidente da Comissão Executiva do Biênio da Colonização Italiana Victor Faccioni, o objetivo do álbum, além de celebrar o centenário da imigração italiana no RS, foi de homenagear aqueles que foram considerados os

bravos peninsulares que, deixando não somente a sua Pátria, mas também os seus antigos hábitos e as determinações impostas pela sua cultura de origem, da Itália se transferiram para o Brasil meridional, aqui se radicaram, construíram família, viveram e trabalharam, ajudando a construir uma nação desenvolvida. (1975, p. 9).

Como uma prática presente de enaltecimento e construção do herói, também ocorreu durante as festividades alusivas aos 140 anos da imigração italiana no RS, quando o jornal *Gazeta de Caxias*²⁸, por meio do artigo intitulado “Valores da imigração italiana: exemplo a perpetuar”, referiu-se aos imigrantes como

dotados de um espírito empreendedor, boa vontade e muita fé, esses imigrantes tornaram realidade o sonho da *cuccagna* na América. A mais inteligente e bem-sucedida imigração do País refletiu positivamente para todos nós. O progresso alcançado é exemplo para os que aqui vivem e para quem chega ainda hoje em busca de trabalho. (2015, p. 2).

Nesse sentido, é possível identificar que elementos, presentes na narrativa da memória coletiva da identidade italiana, continuam sendo fundamentados em três pilares: Fé, Trabalho e Família. Seu significado enaltece o caráter dos imigrantes e contribuiu para que superassem diferentes adversidades encontradas em uma região *inóspita*, bem como os transformado em *heróis civilizadores*, e *pioneiros*.

Na mesma perspectiva de análise, Mocellin (2008) identificou a questão dos imigrantes italianos, como sendo os agentes responsáveis pelo grande desenvolvimento e progresso regional, além de participarem da construção da memória coletiva.

²⁸ Jornal GAZETA DE CAXIAS, 2015, ed. 1067, p. 2.

Ao abordar os conceitos de *herói civilizador* e *pioneiro*, Mocellin (2008) ensina que o colono imigrante-italiano foi comparado a um herói civilizador, principalmente por meio das publicações dos álbuns comemorativos e pelos boletins informativos de empresas e entidades regionais. A autora observa que, por meio dessas publicações, foram constantemente enfatizadas as adversidades e seu *espírito empreendedor*, como aspectos positivos para a transformação de uma sociedade agrária, no polo urbano e industrial presente, em Caxias do Sul. Nessas publicações, segundo Mocellin, o *herói civilizador* e o “mito do progresso era tratado [...] por meio das trajetórias de imigrantes que se transformaram em empresários e comerciantes bem sucedidos”. (MOCELLIN, 2008, p. 93).

Segundo a autora, faz parte da trajetória do herói a identificação de um determinado senso comum presente na memória, quando nos

relatos dos colonos [eles] narravam as dificuldades e adversidades enfrentadas pelos imigrantes diante de um ambiente hostil. Eram relatos que tinham por tema o domínio do homem sobre a natureza, atribuindo à figura do imigrante a ação civilizadora de transformar o ambiente selvagem em terra produtiva. (MOCELLIN, 2008, p.11).

Para Mocellin, os empresários pioneiros serviram de modelo exemplar, constantemente acentuado pela imprensa local, que apontava sua atuação e presença nas diferentes esferas econômica, política e cultural da sociedade caxiense. Assim, conforme a autora “as atividades destes empresários não se limitam à esfera empresarial; é comum vê-los envolvidos em atividades públicas, como aquelas referentes à cultura, à educação e também à esfera política”. (MOCELLIN, 2008, p.14).

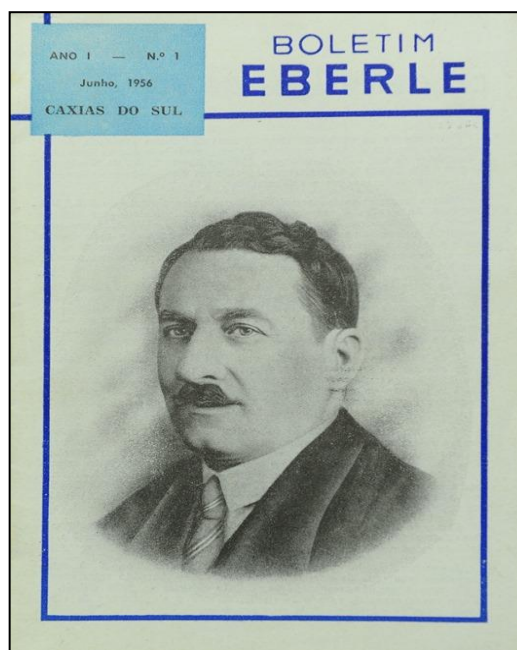
Seguindo a abordagem de Mocellin, na construção do mito, como fator de reordenação do imaginário da memória coletiva, procurou-se observar, no *Boletim Eberle*, pistas que servissem para ampliar o significado e a compreensão dos conceitos de *pioneiro* e *herói civilizador*, principalmente no que diz respeito à trajetória do empresário Abramo Eberle, como modelo de pioneirismo relacionado ao ramo industrial metalúrgico de Caxias do Sul.²⁹

²⁹ Segundo Adami (s/d, p. 200), Abramo Eberle, além da esfera empresarial, atuou na extinta Guarda Nacional; na Comissão Executiva do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), e foi eleito vice-intendente de Caxias do Sul. Provavelmente, o envolvimento de Abramo Eberle, no PRR foi fundamental para a implantação da ordem capitalista, em Caxias do Sul. O PRR, ao assumir o governo do Rio Grande do Sul, após a Proclamação da República brasileira, reforçou a elaboração de um discurso de modernização conservado, que priorizava que tal tarefa deveria ficar a cargo dos agentes capitalistas. No mesmo referencial, Bergamaschi (2005) ensina que “Abramo Eberle percebe como as questões políticas nacionais e internacionais se refletem na região e, como empresário, sabe que essas questões podem facilitar ou dificultar seus negócios. Ele usa a política como uma aliada”. (BERGAMASCHI, 2005, p.73). Em 1956, nas comemorações dos sessenta anos da Metalúrgica Abramo Eberle S/A (Maesa), o então diretor-presidente

3.1.1 IMAGINÁRIO DA MEMÓRIA COLETIVA PELO *BOLETIM EBERLE*

O *Boletim Eberle* foi um informativo da empresa, que teve circulação mensal até 1961, quando passou a ser de tiragem bimensal, entre 1961 a 1965. Segundo o seu editorial, o *Boletim Eberle* era distribuído gratuitamente aos intitulados *amigos* e *colaboradores* da Maesa. Também conforme o editorial, sua tiragem era composta por 4 mil exemplares e foi impresso na própria Tipografia Eberle, que na época estava localizada na metalúrgica. O *Boletim Eberle* foi editado pelo advogado e jornalista Nestor Cura até 1963, quando foi substituído por Mansueto Serafini Filho,³⁰ tendo como colaboradores alguns dos “intelectuais”³¹ da cidade de Caxias do Sul, naquele contexto.

Figura 1 – Capa da primeira edição do *Boletim Eberle*, em que é possível identificar o retrato de Abramo Eberle, fundador e idealizador da Maesa



Fonte: Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/liquidweb/app/view.aspx?c=44492&p=0>>. Acesso em: 12 junho 2014.

da empresa, Júlio João Eberle, foi responsável pela divulgação de um material tipográfico intitulado *Boletim Eberle* (Figura 1) que circulou entre os anos de 1956 a 1965.

³⁰ Foi prefeito de Caxias do Sul por dois mandatos (1977-1982) (1989-1992). Fundou e dirigiu os jornais *O Estudante*, *Jornal da Mocidade* e *Caxias Magazine*. (ADAMI, s/d, p. 237).

³¹ Jimmy Rodrigues, jornalista e escritor, também colaborou em outros periódicos como, por exemplo, os jornais: *O Momento*, *A voz do Povo*, *A Época*, *Pioneiro*, de Caxias do Sul; *Folha da Tarde* e *Diário de Notícias*, de Porto Alegre; Alberto Arioli era jornalista e membro fundador da Academia Caxiense de Letras; Mario Gardelin, era escritor, poeta, jornalista e historiador; Chistiano Carlos Carpes Antunes era jornalista e poeta, membro da Academia Caxiense de Letras. (ADAMI, s/d. p. 228-239). Ainda contou com a colaboração de João Spadari Adami, historiador caxiense, que publicou várias obras sobre a história de Caxias do Sul.

O *Boletim Eberle* geralmente era constituído por um conjunto de 18 a 83 páginas nas quais procurava tratar de temas variados como, por exemplo, oferecer informações sobre o nascimento de filhos dos operários da empresa; aniversariantes do mês; as curiosidades de conhecimento geral, como ditados da ordem do dia; eventos sociais e esportivos da empresa e da cidade, como, por exemplo, a visita de autoridades políticas, eclesiásticas e militares; assuntos relativos à Maesa e ao *Grêmio Cultural Eberle*; momentos de humor, por meio de anedotas, e poesias na coluna intitulada “Página Literária”, entre outros.

Entretanto, observa-se que o *Boletim Eberle* tinha a preocupação de abordar sobre os modelos ideais de comportamento de seus operários, além de oferecer “dicas” para o sexo feminino, como, por exemplo, relativas aos cuidados com a educação dos filhos; organização e economia do lar, bem como apresentava receitas culinárias e de moda. Reafirma-se que era visível a preocupação que o *Boletim Eberle* tinha com relação a modos e regras de comportamento, de como deveria ser um bom operário esperado pela empresa. Como exemplo, quando destacou: a importância no cumprimento da jornada de trabalho; o cuidado no manejo dos materiais utilizados nos diferentes setores da empresa; o cuidado com a segurança no ambiente de trabalho, além de temas relacionados à importância da qualificação da mão de obra exigida pela empresa. Então, aproveitava para divulgar os cursos que eram oferecidos pela Maesa e pelo *Grêmio Cultural Eberle*, em parceria com o Serviço Social da Indústria (Sesi).

Entre as capacitações e/ou qualificações oferecidas pela empresa, pode-se identificar aquelas relacionadas a desenho artístico e técnico; corte e costura e ao “Curso Supletivo Noturno de Alfabetização Abramo Eberle”, entre outros, com o objetivo de beneficiar os diferentes setores da empresa. Destaca-se que a oferta de cursos pela Maesa, em conjunto com outras instituições, aponta para a importância que era atribuída à formação continuada, para a qualificação de sua mão de obra operária, empregada em diferentes funções, nas mais de 60 seções da metalúrgica, que, segundo o próprio *Boletim Eberle*, estava sempre modernizando-se com a aquisição de novas tecnologias e materiais.

3.2 AS REPRESENTAÇÕES DE CAXIAS DO SUL MODERNA

O informativo da Maesa, para reforçar a imagem de Abramo Eberle, sendo um dos responsáveis pelo desenvolvimento e pela transformação da cidade de Caxias do Sul, em um polo de modernização e do progresso capitalista, destaca a trajetória de vida do herói civilizador da empresa confundindo-se com a própria história local e regional, quando associava todas as etapas do processo de construção e instalação da Maesa com as transformações experimentadas pela primitiva área colonial em um centro urbano e industrial.

Nesse sentido, na edição de junho de 1957, o *Boletim Eberle* passou a publicar uma série de reportagens sobre a história de Caxias do Sul, elaborada por João Spadari Adami, apresentando o histórico das ruas, bairros, monumentos, comércio, entre outros aspectos. Na primeira matéria denominada “Caxias Primitiva”, Adami elaborou um discurso em que foi possível identificar a modificação ocorrida nas primeiras edificações da cidade, que eram basicamente de madeira e sem grande acabamento, localizadas ao longo da Estrada Provincial. Mais tarde passou a ser denominada de Avenida Júlio de Castilhos. No contexto do autor, as referidas construções abriram espaço para uma das principais ruas da cidade, por ali estarem localizadas as casas de comércio e de prestação de serviços de Caxias do Sul. Segundo o autor, a denominada “Caxias Primitiva”, apresentada pelo *Boletim Eberle*, era aquela em que “os seus habitantes caçavam e coletavam pinhões e outros frutos silvestres no quintal de suas casas”³². Entretanto, foi um ambiente que passou por modificações pela própria presença social de espíritos empreendedores próximos do modelo oferecido por Abramo Eberle.

Na mesma edição, o *Boletim*, por meio da coluna intitulada “Ruas de Caxias do Sul”, sob responsabilidade de Christiano Carlos Carpes Antunes, é possível observar que o autor procurou descrever, também, o histórico e o desenvolvimento das principais ruas e avenidas de Caxias do Sul. Na primeira matéria de sua autoria, Antunes tratou da Avenida Júlio de Castilhos, quando nos primórdios foi apresentada apenas como sendo “uma clareira aberta em meio à densa floresta”, mas, ao se referir-se às transformações sofridas, sua descrição aproxima-se daquela elaborada por João Spadari Adami, que destaca:

³²*Boletim Eberle* jun. 1957, p. 3. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

Os anos passaram e a clareira transformou-se numa picada agreste, aberta quase a mêdo por entre os pinheirais seculares, por entre a vegetação da terra caxiense, talhada pela mão forte do colono italiano. E aquela picada foi avolumando-se qual uma vertente; [...] e tornou-se um volumoso rio, que rasgava de ponta a ponta, a selva verdejante, deixando cicatrizes profundas, alicerces indestrutíveis no qual um povo laborioso soube erguer seus ideais, e foi crescendo, tornou-se um verdadeiro monstro insaciável [...] devorando a selva verdejante. E quanto mais crescia, apesar de destruir aquela maravilha da natureza, tornava-se bela em seu aspecto urbanístico.³³

Na mesma coluna, Antunes aponta o grande desenvolvimento daquela que ele apontou como sendo a principal via “progressista” de Caxias do Sul, que, na época, já abrigava o *Monumento Nacional ao Imigrante*. Segundo o autor, constituía o cartão postal da cidade, apresentado a todos os visitantes que chegavam à cidade pela Estrada Federal, hoje BR-116. Na Avenida Júlio de Castilhos, segundo o autor, era o lugar onde se encontravam localizadas as principais casas comerciais e estabelecimentos bancários, além dos principais clubes sociais como, por exemplo, o *Clube Guarani* e o *Clube Juvenil*, este apresentado como “o mais aristocrático da cidade”.

Antunes, com o objetivo de apresentar a Avenida Júlio de Castilhos, realiza um percurso imaginário por meio de seu texto, em que aponta os cinemas *Central* e *Real*. Com relação aos espaços de cinema, diz que eles eram estabelecimentos onde “o povo nas suas horas de lazer, procura descansar de suas lidas diárias”. Frente às instituições de ensino de cursos diurnos e noturnos, indicou a presença da *Escola Normal Duque de Caxias*, como sendo um espaço onde as crianças buscavam instrução “para tornar ainda mais poderosa a cidade, o Estado e o Brasil de amanhã”. Ainda segundo o autor, era na Avenida Júlio de Castilhos que estavam localizadas as duas poderosas emissoras de rádio da cidade, a *ZYF-3 – Rádio Caxias* e a *Rádio Independência*. Apontou que, em uma das extremidades da referida avenida, havia um “campo de aviação particular, onde jovens, filhos da terra brasileira, vão se adestrando na arte aviatória, habilitando-se a defender o nosso Brasil, se preciso for.”³⁴

Na edição do *Boletim Eberle* de julho de 1957, a coluna intitulada “Ruas da Caxias do Sul”, Antunes continuou a apresentar o histórico dos referidos espaços, que ele os considerava como importantes para a cidade. Referiu-se, então, à rua Pinheiro Machado, cujo desenvolvimento também foi decorrente do próprio crescimento da cidade. Segundo matéria do *Boletim Eberle*, a rua Pinheiro Machado surgiu como sendo

³³ *Boletim Eberle* jun. 1957, p. 4. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

³⁴ *Idem*.

uma das ruas paralelas à Avenida Júlio de Castilhos. O autor tece elogios ao progresso e à modernização, quando diz:

Era como se os deuses houvessem traçado uma grande pauta musical, para ali colocarem a mais bela melodia, a canção do progresso. As notas musicais foram surgindo na bela página brasileira, – eram os alterosos edifícios de onde o comércio e as indústrias lançam para todos os lugares a sua perfeita e original produção.³⁵

Nesse sentido, a rua Pinheiro Machado, segundo Antunes foi descrita como possuindo uma importância bem próxima à magnitude da Avenida Júlio de Castilhos, pois ali também circulavam alguns símbolos do progresso e da modernização representados pela presença de um grande tráfego de caminhões e automóveis. Segundo o autor, à medida que a rua Pinheiro Machado se aproximava do centro da cidade, levando em consideração a localização da Praça Dante Alighieri, ela mostrava-se mais grandiosa e extraordinária, pois era onde estavam localizados também hotéis como, por exemplo, o *Hotel Real*, bares, cafés e cinemas, tais como o *Cine Ópera*. Nele, “os caxienses têm ocasião de assistir os mais grandiosos espetáculos cinematográficos, apresentados nos mais modernos aparelhos”.³⁶ Na rua Pinheiro Machado, também segundo o autor, estava localizado o *Centro de Saúde* de Caxias do Sul, espaço onde “as crianças e as nobres mães de famílias, que necessitam de assistência médica gratuita, procuram ali abrigo”.³⁷

Na edição de dezembro de 1957, O *Boletim Eberle* também se referiu ao histórico de uma outra via pública, que foi a rua Os 18 do Forte dizendo que ela abrigava na época os mais variados empreendimentos como, por exemplo, *Companhia de Energia Elétrica Caxiense*; *Metalúrgica Abramo Eberle S.A*; *Corsetti & Cia.*; *Travi Ltda* e os colégios católicos *Nossa Senhora do Carmo* e *São José*, além da *Católica Domus*. Estabelecida em “um imponente edifício, onde os padres congregam os católicos caxienses ou para as festas diocesanas, ou para recolher auxílio aos necessitados que ali buscam o que falta, principalmente em gêneros alimentícios”.³⁸

³⁵ *Boletim Eberle* jul. 1957, p. 15. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

³⁶ *Boletim Eberle* jul. 1957, p. 17. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

³⁷ Idem.

³⁸ *Boletim Eberle* dez. 1957, p. 27. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

É importante destacar que o histórico e a importância das principais ruas e avenidas apontadas pelas matérias do *Boletim Eberle*, apontava o denominado centro histórico da cidade de Caxias do Sul. Daí assumiram papel de destaque quando foram associadas ao próprio desenvolvimento proporcionado pela Maesa, pois é possível identificar:

Com a divulgação de um informativo, visa a MAESA prestar uma homenagem, e ao mesmo tempo, premiar em parte, a colaboração sincera e dedicada de seus operários, símbolos vivos do amor ao trabalho. Visa ainda proporcionar a todos os seus colaboradores e amigos, uma leitura sadia e instrutiva. [...] Será, sem dúvida alguma, êste boletim, mais um meio a desenvolver a cooperação e o espírito de camaradagem entre os empregados. Mais um meio de comunicação e aproximação entre Direção e os Empregados. Terá também por finalidade o Boletim Eberle, registrar os acontecimentos de maior projeção que, no passar dos dias, surgirem em nossa firma, em nosso meio, bem como, será um campo ilimitado para exteriorizarmos nossos pensamentos, idéias e aspirações. Será um orientador seguro e fiel dos princípios e normas que devem nortear nossas atividades, nos inúmeros setores da vida moderna. [...] Acredita estar cooperando para o enriquecimento do patrimônio cultural de nossa cidade, e, de um modo especial, para a recriação, difusão e alargamento da capacidade artística e intelectual de seus operários.³⁹

3.3 O MITO ABRAMO EBERLE NO BOLETIM DA EMPRESA

Com relação à construção do mito, é possível observar que, já na primeira edição do *Boletim Eberle* em junho de 1956, houve o objetivo de reforçar a ideia de ele ser um “herói civilizador”. A matéria intitulada “Abramo Eberle”, dedicou-se a homenagear o imigrante italiano Abramo Eberle, como sendo não apenas o idealizador da Maesa, mas um dos maiores empreendedores industriais de Caxias do Sul.

Desse modo, o *Boletim Eberle* recuperou o sentido do discurso de Luiz Compagnoni,⁴⁰ proferido na Câmara Federal do Rio de Janeiro, quando prestou homenagem aos 60 anos de fundação da Maesa. O Boletim informa que, no discurso, Compagnoni conseguiu apontar parte da trajetória vitoriosa de Abramo Eberle, na construção e idealização da empresa, quando se referiu dizendo:

[...] realizou sua obra contrariando tudo o que de elementar ensina a ciência econômica. Criou uma indústria praticamente no meio do mato: sem matéria-prima próxima, sem mercados consumidores, sem meios de transporte, sem

³⁹*Boletim Eberle* jun. 1956, p. 2. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁴⁰Deputado Federal gaúcho, idealizador e realizador do Monumento Nacional ao Imigrante.

financiamentos, auxílios [...], ou proteções oficiais, sem explorar nenhum invento revolucionário. [...] Em qualquer parte do Brasil, mesmo no longínquo sertão, podemos estar certos de encontrar um testemunho da obra de Eberle: os seus produtos.⁴¹

Assim, de acordo com o discurso, Compagnoni afirmou que Abramo Eberle sempre fora em vida um humilde imigrante italiano, mas que soube enfrentar as inúmeras dificuldades econômicas, políticas e sociais, dado o caráter de que estava imbuído pela fé, perseverança, dedicação; pelo amor ao trabalho e à família, o que lhe ofereceu condições para vencer todos os diferentes obstáculos, que foram por ele enfrentados. Com relação à Maesa, Compagnoni destacou que Abramo Eberle, pelo seu espírito empreendedor, conseguiu transformar a pequena oficina que foi adquirida de seu pai, com 16 anos de idade, em uma das maiores indústrias do Brasil e da América Latina.

É possível identificar, a partir da leitura do discurso proferido por Compagnoni, que Abramo Eberle, por meio de sua indústria metalúrgica, conseguiu romper com a imagem de simples *colono*, isto é, do homem ligado à terra, para se transformar em um verdadeiro modelo de progresso, que deveria ser seguido e idealizado pelas “futuras gerações”. Além do caráter progressista e empreendedor de Abramo Eberle, o autor identifica-o como o exemplo de vida, de amor ao trabalho e à família, o que inclusive contribuiu para torná-lo modelo de educador também às gerações seguintes.

Nesse sentido, Abramo Eberle foi associado ao próprio desenvolvimento e sucesso da Maesa, que se tornou uma verdadeira “escola de trabalho”, pois conseguiu oferecer para jovens aprendizes um verdadeiro local, onde poderiam aprender um ofício, além da oportunidade de alcançarem o título de “mestres” e/ou “verdadeiros artistas”, desde que se espelhassem no modelo do educador que representava seu fundador, Abramo Eberle, para o desenvolvimento e progresso da região. Tal abordagem era reforçada pelo *Boletim Eberle* quando apontava que “moços saídos das zonas rurais ou das camadas mais humildes da sociedade transformaram-se em especialistas, graças à orientação progressista e humana que Eberle soube imprimir à sua obra”.⁴²

⁴¹ *Boletim Eberle* jun. 1956, p. 4. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁴² *Boletim Eberle* jun. 1956, p. 4. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

O *Jornal de Caxias*⁴³ também elaborou um histórico de Abramo Eberle para a cidade de Caxias do Sul em 1980, quando, a exemplo do informativo da empresa, destacou que a Maesa foi fundamental no incentivo que ofereceu ao ingresso e/ou à incorporação de jovens aprendizes, entre a faixa etária dos 14 aos 18 anos, para atuarem na empresa, pois, de acordo com o modelo oferecido pelo empresário, ele sempre acreditou que os jovens eram o perfil ideal para o verdadeiro aprendizado de um ofício, além de melhor alusão ao processo de qualificação.

Porém, Lazzarotto (1981), na obra intitulada *Os pobres construtores da riqueza: absorção da mão de obra e expansão industrial na Metalúrgica Abramo Eberle: 1905-1970*, discordou da abordagem do *Jornal de Caxias*, quando afirmou que houve a tendência de a metalúrgica realizar a contratação de crianças, geralmente menores de 14 anos de idade. Segundo esse autor, a mecanização da empresa tornou a força muscular desnecessária com o tempo, permitindo a vantagem econômica da utilização de mão de obra infantil, pois, além de as crianças exercerem as mesmas tarefas dos adultos, elas recebiam remuneração inferior. (LAZZAROTTO, 1981, p.125). Segundo o autor, a utilização de mão de obra infantil pela metalúrgica tinha cunho de formação, ou seja,

a utilização de crianças para trabalhos mais simples como o de alcançar os talheres para o polidor, transportar pequenas encomendas, transmitir recados, sempre foi uma atividade secundária. Na realidade, o que o empresário pretende com a criança é transformá-la em operário que trabalhe junto às máquinas. Para isto sempre foi importante a figura do aprendiz. (LAZZAROTTO, 1981, p.126).

Em sua análise, Lazzarotto (1981) abordou que a “Metalúrgica Abramo Eberle sempre preferiu formar dentro da empresa os seus especialistas, aproveitando o inexperiente operário que ingressava na empresa”. (1981, p.82). Ao resumir o significado da Maesa, o autor afirmou que “é a escola da empresa, para a empresa e na empresa”. (1981, p. 133).

O autor apontou também que a mão de obra procedente da região colonial era sempre bem-vinda na empresa por ser *dócil e forte*, bem como por não apresentar “os vícios dos calejados trabalhadores urbanos, e inicialmente suas aspirações são muito tímidas e limitadas”. (1981, p. 82).

⁴³*Jornal de Caxias*, mar. 1980, p. 13. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em 16 de mai.2015.

O significado da metalúrgica para os seus funcionários e a sociedade foi apontado pelo autor, quando identificou a existência de certo senso comum, que entendia que o simples fato de trabalhar na Maesa representava uma espécie de *status social* na cidade e na região, pois era constantemente apresentada como sendo a maior metalúrgica e por pagar os salários em dia. Muitas famílias de Caxias do Sul tiveram, entre seus membros, pais e avós, por exemplo, como primeiros operários da Maesa. Segundo o autor, isso proporcionou aos operários certa “dignidade histórica e um orgulho próprio muito grande”, levando-os, de acordo com o conceito de mito, a desenvolverem um sentimento de terem desenvolvido os mesmos qualificativos do herói Abramo Eberle.

Lazzarotto aponta que a referida visão foi bem explorada pela empresa, pois, se por um lado, empregou muitos operários descendentes dos primeiros imigrantes italianos, por outro, conseguiu realizar tal intento por ter sido uma das primeiras e a maior metalúrgica da cidade, no processo de modernização enfrentado pelo contexto. (LAZZAROTTO, 1981, p. 73).

Ainda na primeira edição do *Boletim Eberle*, de junho de 1956, Abramo Eberle também foi apresentado como detentor de outros qualificativos, como, por exemplo, de ser um bom patrão, em função de seu *espírito altruísta*, e por estar voltado à dedicação de seus *semelhantes*. O *Boletim Eberle* chegou a atribuir ao perfil impar de Abramo Eberle a capacidade de surpreender seus próprios operários, quando aumentava o salário e/ou gratificava ocasionalmente com quantias acima da esperada.⁴⁴ Porém, tal atitude somente ocorria quando o empresário percebia que os seus operários demonstravam estar seguindo fielmente os princípios da empresa e do modelo do herói civilizador, calcado na fé, família e no trabalho. Tais qualificativos do herói chegaram, inclusive, a extrapolar o ambiente da empresa, pois, segundo o informativo, Abramo Eberle também conseguia demonstrar o que significava e seu valor aos mais diferentes colaboradores.

Nesse referencial, o *Boletim Eberle* chegou a afirmar que Abramo Eberle tratava a todos com *respeito* e *gentileza*, pois a marca de seu caráter foi aquela de nunca precisar alterar seu tom de voz, “nem quando o mais humilde de seus colaboradores deixava de cumprir seu próprio dever para com a obra comum a que serviam”.⁴⁵ Desse modo, o *Boletim Eberle* ajudou a reforçar os qualitativos atribuídos ao empresário

⁴⁴*Boletim Eberle* jun. 1956, p. 5. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁴⁵Idem.

Eberle, destacando os atributos de *paciência* e serenidade de sua *palavra* e, por conseguir, a tarefa de ensinar e consolar a todos. Segundo o *Boletim Eberle*, nem mesmo em seu leito de morte, quando compadecido por grave enfermidade, Abramo Eberle foi capaz de alterar seu temperamento e caráter, que esteve sempre voltado ao *bem de seus semelhantes*.

De acordo com o Boletim, as características do espírito empreendedor de Abramo Eberle são elencadas ao longo das diferentes etapas experimentadas pelo herói: a do aprendiz de funileiro quando cortava, moldava e rebitava o metal com suas próprias mãos, na pequena oficina de origem familiar, para alguns anos após tornar-se o símbolo de progresso, por meio do constante e incansável trabalho e do exemplo de imigrante que foi.

Segundo o *Boletim Eberle*, de novembro de 1956, a pequena oficina serviu como modelo inicial da trajetória do herói, além de nunca ter sido abandonada, pois, mesmo com o desenvolvimento e a consolidação da Maesa, como uma grande empresa, localizada no atual centro histórico de Caxias do Sul, ela ainda abriga, no alto do seu imponente prédio, uma réplica da referida oficina. (Figura 2). Pode-se inferir que a decisão de instalar uma réplica da pequena oficina, no alto do prédio da Maesa, provavelmente foi pensada de acordo com a visão evolucionista, para servir a seus operários e colaboradores como a possibilidade de realizarem um sonho, segundo a máxima de que “podem modificar-se as coisas pela modificação dos homens”.⁴⁶

⁴⁶*Boletim Eberle* nov. 1956, p. 16. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

Figura 2 – Metalúrgica Abramo Eberle. No alto do prédio, é possível avistar a réplica da funilaria em que Abramo Eberle iniciou suas atividades profissionais. Caxias do Sul década de 40, do séc. XX. Autoria: Studio Geremia.



Fonte: FRANCO, Álvaro; FRANCO Maria Ramos *Milagre da Montanha*, 1946, s/pág.

Ainda na edição de novembro de 1956, o *Boletim Eberle*, por meio da coluna intitulada “Recordando o Passado!”, há relação entre o nascimento e o progresso da cidade de Caxias do Sul, com a própria trajetória vencedora de Abramo Eberle. Ainda segundo a referida coluna, foi ressaltado o trabalho efetuado por ele, na antiga funilaria. Ressalta: “Com ela nasceu Caxias do Sul e a Metalúrgica Eberle. Com ela cresceu e se desenvolveu a Metalúrgica e Caxias do Sul. Hoje, uma e outra, se completam. Uma e outra seguem, verticalmente, a trajetória ascendente que a providência lhes traçou.”⁴⁷ É importante destacar que há uma declarada associação e relação direta entre o aparecimento da Maesa – símbolo de uma nova era – com uma progressista etapa em cidade de Caxias do Sul.

Em fevereiro de 1957, a mesma coluna, intitulada “Recordando o Passado!” fez referência à denominada *lamparina* (Figura 3), destacando-a como um dos primeiros produtos feitos pelas próprias mãos de Abramo Eberle. Abramo Eberle foi apresentado como o operário número um da Maesa, e que, a exemplo da luminosidade da *lamparina*,

⁴⁷ *Boletim Eberle* nov. 1956, p. 16. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

transformou-se na “força simbólica de um farol capaz de dar o norte”⁴⁸ às futuras gerações.

Figura 3 – Primeira lamparina fabricada por Abramo Eberle em sua funilaria: Foto Acervo AHMJA



Fonte: Disponível em: <http://projetoahonradotrabalho.blogspot.com.br/2013_01_01_archive.html>. Acesso em: 20 set. 2015.

A mesma força simbólica atribuída à *lamparina* foi também referendada por Franco e Franco (1946), quando os autores destacaram que,

do trabalho manual do grande mestre que, humildemente, seguiu a trilha dos pequenos aprendizes [...] que vêem nela o símbolo de uma predestinação, talvez um chamado permanente que lhes faz a memória do inesquecível chefe. Foi fraca, talvez, a chama que ela deu; mas fulgurante a labareda que ardia no espírito orientador das mãos habilidosas que a modelaram. E, dessa maneira, essa luz [...] possui a força simbólica de um farol, capaz de dar o norte aqueles que recolhem o legado do Grande Fundador. Mais do que isso ela será como lâmpada votiva, ardendo sempre com óleo sagrado do respeito, de saudade e de admiração. (FRANCO; FRANCO, 1946, s/p).

Outra característica do *herói civilizador*, referendada nos diferentes boletins da empresa, foi o espírito empreendedor de Abramo Eberle. Em vários momentos, atribuíram a ele as representações de ser o guia e modelo de sucesso e progresso; exemplo de bondade e de amor ao trabalho; espírito altruísta, bom patrão, patriota, predestinado, homem de paciência que sabia ensinar, bom católico, sentimental,

⁴⁸Idem.

progressista defensor da evolução, bom chefe de família, homem econômico, que sabia juntar recursos, entre outros aspectos constantemente servindo de modelo à sociedade.

Assim, é possível identificar que o modelo Abramo Eberle se encaixa na visão do mito do herói e, principalmente, do herói que movimenta a História, segundo a abordagem da historiografia positivista. Segundo o *Boletim Eberle*, mesmo após o falecimento de Abramo Eberle, em 13 de janeiro de 1945, chegou a afirmar que o modelo Eberle iria continuar vivo. Exerceria sua autoridade como um verdadeiro *guia*, pois, apesar de morto, continuaria a iluminar a sociedade. O *Boletim Eberle* também destacou que “é ainda seu belo espírito que preside as decisões de seus dignos sucessores”⁴⁹ na empresa, bem como afirmou que, a “cada ano que passa, mais se agiganta, mais se firma na estima e na admiração de seus contemporâneos e de todos quantos a conhecer-lhe sua trajetória por êste mundo”.⁵⁰

Em abril de 1957, a edição do *Boletim Eberle* anunciou a inauguração do *Grupo Escolar Abramo Eberle*, pois, conforme declarações do governador do RS, na época exercido por Ildo Meneghetti, a escola visava atender as solicitações do *Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Caxias do Sul*. Estes desejavam prestar uma homenagem ao referido pioneiro, por ter sido ele o *Chefe* e o *Guia*, além do idealizador da campanha de alfabetização de Caxias do Sul. O objetivo da escola visava estimular a dedicação dos jovens aos estudos, pois somente assim “novos” homens, a exemplo de Abramo Eberle, surgiriam para se tornar fator de orgulho à cidade e ao Brasil.

A inauguração do *Grupo Escolar Abramo Eberle* também foi justificada por simbolizar, segundo o *Boletim*,

o esforço e o trabalho de que se revestiu o empreendimento. Um nome que servisse como exemplo de trabalho, de sacrifício e de patriotismo aos alunos que sentassem nos bancos dêste templo de sabedoria e de virtude. [...] Abramo Eberle [...] um símbolo, uma bandeira, um rumo, uma escola de trabalho, um templo de fraternidade, um exemplo a ser imitado. Foi modesto operário da rua Sinimbú. Foi o industrial esclarecido, de espírito arejado, progressista, defensor da evolução.⁵¹

⁴⁹*Boletim Eberle* jun. 1956, p. 4. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁵⁰Idem.

⁵¹*Boletim Eberle* abr. 1957, p. 5 – 6. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

3.4 O MODELO EBERLE: O OPERÁRIO IDEAL

Em diferentes edições, o *Boletim Eberle*, além de reforçar a importância da qualificação da mão de obra, também procurava oferecer modelos de como deveriam se comportar os operários no ambiente de trabalho da empresa. Na edição de novembro de 1956, na matéria intitulada “Saber Trabalhar”, há a preocupação de apontar alguns ensinamentos de como deveria ser o *bom operário*. Nesse sentido, afirmou que o bom operário era aquele que amava sua profissão; cuidava de seus instrumentos e ferramentas de trabalho, bem como o de oferecer o sustento à sua família.

Assim, no *Boletim Eberle*, o conceito de trabalho foi definido como sendo uma *função santificada* e, por isso, não bastava apenas trabalhar, era fundamentalmente preciso *saber trabalhar bem*. No entendimento do informativo, o operário deveria exercer sua função com segurança e consciência, pois somente por meio do trabalho seria possível garantir a verdadeira felicidade. Alertava também que, quando o trabalho fosse exercido com imprudência e descuido, poderia se abrir espaço para toda a sorte de sofrimento. Segundo o Boletim, era necessário “saber” trabalhar, a fim de evitar acidentes que traziam não apenas a causa da incapacidade do trabalhador, mas o “*luto de um lar*”.

O Boletim da empresa também acostumava apresentar os índices de acidentes de trabalho, dizendo que eles representavam um prejuízo enorme à economia do País. Ao apontar os dados estatísticos⁵² de 1947, alertou sobre a ocorrência de “SETE milhões novecentos e cinquenta e seis mil e duzentos e oitenta e oito horas perdidas de trabalho!”⁵³ Entretanto, podemos identificar que o *Boletim Eberle*, ao indicar dados estatísticos de quase dez anos anteriores à publicação de sua matéria, parece apontar que o peso negativo a acidentes e mortes estava mais relacionado ao lucro perdido pelas empresas, do que pela vida de seus operários.

Com relação aos acidentes de trabalho, o Boletim, mesmo observando serem eles fatos do imprevisto, destaca também que eles poderiam ser evitados desde que os operários tivessem *uma consciência de defesa*, isto é, *competência profissional*. Assim, o Boletim atribuía a sua presença à imperícia e aos *excessos inúteis*, decorrentes do uso de álcool, fumo e o *desgaste leviano de suas horas de descanso*, como sendo as causas

⁵²Dados estatísticos extraídos dos *Anais* da 6ª Semana de Prevenção de Acidentes de Trabalho.

⁵³*Boletim Eberle* nov. 1956, p. 9. Disponível em:

<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

dos acidentes de trabalho e, conseqüentemente, da infelicidade da profissão e da família. O *Boletim Eberle* também aproveita para advertir: “Quem não fuma, quem não bebe, que alegria pode ter” como se o uso de fumo e álcool não fosse causa de lastimáveis desastres”.⁵⁴

Em matéria intitulada “Os 15 Princípios do Bom Empregado”, de outubro de 1956, Leopoldo Hoffmann, alertava a todos os empregados sobre a importância dos princípios que deveriam ser respeitados pelos trabalhadores: “*Meu amigo! Leia isto, pense e medite. Não perderá seu tempo; pelo contrário, só terá a ganhar*”.⁵⁵ Segundo o autor, o cumprimento daqueles quinze princípios, que foram na época apresentados, seria primordial para a atuação eficiente dos empregados que desejassem o *progresso profissional*, a exemplo do modelo de Abramo Eberle. Segundo Hoffmann, “Os 15 Princípios do Bom Empregado” foram assim apresentados:

- 1 – O bom empregado faz do trabalho um meio de aperfeiçoamento e valorização pessoal e não um fim em si;
- 2 – Empolga-se por sua atividade, estimando seu trabalho como algo fundamental em sua própria existência;
- 3 – Procura integrar-se dentro da Empresa ou organização a que se encontra veiculado, esforçando-se por conhecer sua estrutura, funcionamento e realizações, para servi-la melhor e conscientemente;
- 4 – Trabalha sem afobamento, mas com regularidade e constância não perdendo tempo em conversas ou futilidades;
- 5 – Tem iniciativa própria, não esperando ordens ou interpelações para a execução de suas tarefas específicas;
- 6 – Preocupa-se com o progresso e aperfeiçoamento do serviço, sugerindo medidas tendentes a simplificá-lo e melhorá-lo;
- 7 – É completo nas informações, levando-as ao conhecimento dos superiores sem falhas nem lacunas;
- 8 – Tem a intuição dos problemas, tratando de solucioná-los, antes, mesmo que surjam;
- 9 – Procura “prever o imprevisível”, admitindo sempre a possibilidade de contratempus e garantindo-se, por antecipação, contra sua ocorrência;
- 10 – É atento e solícito com seus companheiros de trabalho, auxiliando-os sempre que necessário e amparando os mais novos;
- 11 – É obediente e respeitoso com seus superiores, fugindo à bajulação e ao servilismo;
- 12 – Trabalha com a mesma eficiência e interesse mesmo quando longe da vigilância dos superiores;
- 13 – Preocupa-se menos com o horário do que com o normal andamento das tarefas a seu cargo;
- 14 – É honesto nas suas atitudes, assumindo a responsabilidade dos atos praticados e,

⁵⁴ *Boletim Eberle* nov. 1956, p. 9. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁵⁵ *Boletim Eberle* out. 1956, p. 15. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

15 – Enfim, ele procura realizar mais do que lhe é pedido, aspirando progredir e melhorar sempre e se esforçando por ampliar seus conhecimentos profissionais.

Assim, segundo o *Boletim Eberle*, o bom empregado era aquele que possuía consciência de que o trabalho era o verdadeiro responsável pela dignificação do homem, bem como destacava a importância da dedicação cega e sem questionamento à empresa, como fator para seu sucesso, desenvolvimento e engrandecimento. Além de outros qualificativos, como obediência, espírito ordeiro, respeito à hierarquia, o empregado deveria ser criativo, companheiro, eficiente, operoso, honesto, responsável. Isso leva a afirmar que apenas o funcionário número um da Maesa, ou seja, Abramo Eberle, conseguiu reunir todos estes atributos.

Na matéria intitulada “O Trabalho”, de fevereiro de 1957, para o Padre Leonel Franca o ato de trabalhar era tido como uma dádiva divina, quando afirmou: “O trabalho é o inimigo jurado do ócio, pai de todos os vícios [...]. O trabalho é o grande antídoto do pecado original.” Segundo o autor, o trabalho também era visto como um castigo divino: “Deus colocara o homem no paraíso não para gozar mas para trabalhar”,⁵⁶ pois afirmou que a existência de cansaço, dor e sofrimento, provenientes do trabalho, representava a própria revolta do homem contra o criador.

Com o objetivo de divulgar o sistema de gratificações da Maesa aos operários, que haviam cumprido as metas estabelecidas pela empresa, o *Boletim Eberle* passou a publicar a coluna intitulada “Jubileu de Prata na Maesa”, por meio do qual teve a tendência de homenagear todos aqueles que atingissem 25 anos de “trabalho ininterrupto” na empresa. No momento dessa homenagem, os operários recebiam do diretor presidente da empresa um distintivo folhado a ouro, como símbolo do efetivo “trabalho honrado e honesto”, além de um álbum com a assinatura de todos os seus colegas da empresa e um relógio de ouro.

Para Lazzarotto (1981), na carreira profissional, era “uma grande homenagem receber um diploma comemorativo, ser fotografado ao lado dos companheiros de trabalho e da direção da metalúrgica, e carregar consigo um distintivo que o distingua dos demais”. (LAZZAROTTO, 1981, p. 149-150). Segundo o autor, o primeiro relógio de ouro foi entregue na década de 30 do século XX, e afirmou que ele foi “doado pelos

⁵⁶*Boletim Eberle* fev. 1957, p. 2. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

colegas e funcionários e mestres de seção” e que o costume de presentear os operários com 25 anos de serviços prestados à empresa teve início como prática, após Abramo Eberle ter sido o modelo de dedicação com seus 50 anos de atuação, para o desenvolvimento da Maesa. (LAZZAROTTO, 1981, p.149-150). Segundo Lazzarotto, o relógio de ouro simbolizava um

talismã na vida do operário da Metalúrgica Abramo Eberle. O trabalhador que atingisse 25 anos de serviço (e muitas vezes eram atingidos com sangue, suor e lágrimas) sentia-se superior, dotado de um “status” que somente era permitido a uma minoria. Seu nome gravado em bronze na sala de honra da empresa, a foto com a alta direção, o distintivo no peito lhe gratificavam tanta força de trabalho vendida sem o proveito próprio. (1981, p.150).

Outra estratégia da Maesa, em gratificar os seus operários, foi na instituição do “Prêmio Estímulo”, instituído durante o período administrativo de José Abramo Venzon Eberle.⁵⁷ Segundo o *Boletim Eberle*, na edição de janeiro de 1957, o “Prêmio Estímulo” consistia no pagamento de “100 horas de trabalho a todos os operários que nunca faltaram o serviço no decurso do ano, ou melhor, que não perderam nenhum dia de trabalho, nenhuma hora, nenhum minuto”. Ainda segundo o informativo, o prêmio era uma forma de gratificar a todos aqueles que compreenderam “a noção exata do cumprimento do dever, o senso de responsabilidade, a perseverança e o profundo amor ao trabalho. Sem isso, evidentemente, nada se consegue nada se constrói”.⁵⁸

Além disso, o *Boletim Eberle* também costumava publicar, na primeira edição de cada ano, uma lista de todos os operários e de suas respectivas seções de atuação na empresa, identificando-os como aqueles que “demonstraram amor ao trabalho” e alcançaram o “Prêmio Estímulo”, no final de cada ano. Segundo o *Boletim Eberle*, esses colaboradores eram “exemplos a seguir” pelos demais: “a êsses [...] heróis, a êsses [...] bravos trabalhadores, os mais efusivos cumprimentos e os votos que continuem a trilhar o caminho do trabalho e da perseverança, porque, é com o exemplo do trabalho, que educaremos nossos filhos para os dias de amanhã”.⁵⁹

Com o sentido de divulgar os cursos de capacitação que eram oferecidos gratuitamente aos operários da Maesa, foi comum ser publicado, no informativo,

⁵⁷Filho de Abramo Eberle assumiu a direção da empresa após a morte de Abramo Eberle. Seu período administrativo começa em 1945, terminando com sua morte em 1953. (BERGAMASCHI, 2005, p.160).

⁵⁸*Boletim Eberle* jan. 1957, p. 2. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁵⁹*Boletim Eberle* jan. 1957, p. 10. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>> Acesso em: 12 fev. 2014.

algumas matérias vinculadas ao *Grêmio Cultural Eberle* que, em parceria com o Sesi, oferecia cursos de qualificação aos operários de diferentes seções da empresa. Dentre os cursos estão os de alfabetização de adultos; desenho técnico e artístico; corte e costura e contabilidade, entre outros.

O *Boletim Eberle*, na edição de maio de 1957, afirmou que o *Grêmio Cultural Eberle* foi criado por Abramo Eberle, em 2 de abril de 1940, com o objetivo de promover o “desenvolvimento moral, intelectual e físico de todos os obreiros que labutavam na Maesa”.⁶⁰

O primeiro curso oferecido aos operários, segundo o *Boletim*, foi o de alfabetização de adultos, idealizado por Abramo Eberle, pois ele havia percebido um grande número de analfabetos entre os seus operários.

Nesse sentido, o *Boletim Eberle* ajudou a reforçar a construção do mito Eberle, quando apontou a “luminosa idéia de colaborar moral e materialmente com o ensino”, por meio do *Grêmio Cultural Eberle*. Desse modo, em homenagem ao idealizador da primeira campanha de alfabetização de adultos o curso passou a ser denominado de *Curso Supletivo Noturno de Alfabetização Abramo Eberle*, que visava oferecer “um pouco de luz à cegueira do analfabetismo, preparando novos caminhos aos desprotegidos, em cursos que iam do aprendizado inicial até o exame de admissão ao ginásio”.⁶¹

O *Grêmio Cultural Eberle*, segundo informações do *Boletim*, contava na época com a estrutura de quatro salas para o curso de alfabetização, com 176 alunos, sendo 126 do sexo masculino e 48 do sexo feminino; uma sala para o curso de desenho técnico e mecânico com 64 alunos, além de uma sala para o curso de corte e costura, que era oferecido, em parceria como o Sesi, a 40 alunas.

Na edição de outubro de 1958, o *Boletim Eberle* também fez alusão ao *Grêmio Cultural Eberle*, mostrando a sua importância na qualificação dos operários da Maesa, apresentando um histórico dos cursos oferecidos e demonstrando a participação da empresa no setor da educação e na oferta de cursos de qualificação social.

⁶⁰ *Boletim Eberle* mai. 1957, p. 3. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁶¹ Idem.

Naquela época, estudar – inclusive as noções elementares de ler e escrever – se constituía num privilégio para poucos e o amargor de muitos, portanto, a luta pela subsistência era a constante na maioria das famílias – de origem humilde, tanto quanto o foram os primeiros habitantes desta região – obrigando a quasi todos os seus componentes, muitos em idade juvenil, a prestarem serviços em fábricas.⁶²

Um dos cursos oferecidos foi o de desenho técnico e artístico, pois, segundo o informativo, acreditava-se que a arte e o artesanato eram a “viga- mestra” da empresa desde seus primórdios. Fazendo alusão também ao idealizador da Maesa, Abramo Eberle, que foi apresentado como um verdadeiro artista, por criar, com suas próprias mãos, os primeiros produtos da empresa, a *lamparina*, que tornou-se um dos símbolos da empresa. Nesse sentido, o curso de desenho tinha por princípio possibilitar que novos *artífices* surgissem “em função às necessidades da fábrica tanto no plano técnico como artístico, ensejando uma melhoria crescente na qualidade dos fabricados”.⁶³

Outra inovação da Maesa, segundo o informativo, foi a oferta do curso de contabilidade, em uma época em que ainda a “Contabilidade andava em fraldas, ensaiando os primeiros passos”. Porém, o referido curso de contabilidade foi ofertado somente pelo prazo de três anos, visando qualificar apenas “aos que prestavam seus serviços no Escritório”.⁶⁴

O *Grêmio Cultural Eberle* também proporcionou aos operários da metalúrgica o acesso a uma biblioteca, pois a agremiação entendia que eles poderiam “fazer uso de seus livros, sem necessidade de contribuição de qualquer espécie”.⁶⁵ Segundo o *Boletim*, a biblioteca recebeu o nome de Eliza Venzon Eberle, esposa do fundador da Maesa, Abramo Eberle, e contava aproximadamente “com mil volumes”, que abrangiam obras literárias e manuais técnicos.

Em suma, todas estas considerações, a respeito do mito Abramo Eberle, foram constantemente reafirmadas pelo *Boletim Eberle* e reforçaram a ideia de ele ser considerado um herói civilizador. Todas as etapas de construção e instalação de seu maior empreendimento, a Maesa, confundiram-se com o próprio desenvolvimento e a

⁶²*Boletim Eberle* out. 1958, p. 4. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁶³*Boletim Eberle* out. 1958, p. 6. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁶⁴*Boletim Eberle* out. 1958, p. 8. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁶⁵*Boletim Eberle* out. 1958, p. 10. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

modernização da cidade de Caxias do Sul. Assim, Abramo Eberle passou a ser um símbolo de amor ao trabalho e o modelo, que poderia ser seguido não somente pelos operários dessa indústria, mas por toda a sociedade.

4 A CIDADE REAL POR MEIO DO DISCURSO DO JORNAL *DIÁRIO DO NORDESTE*

No presente capítulo, procura-se, por meio da leitura do jornal *Diário do Nordeste*⁶⁶, primeiro periódico de circulação diária de Caxias do Sul e da região nordeste do Rio Grande do Sul, entre 1951 e 1954, identificar os elementos que ajudam na compreensão da cidade real. Parte-se da compreensão de que a cidade real, segundo Argan (1998), é aquela distante do centro histórico da cidade, ou seja, do ponto de referência, que foi idealizado como uma obra de arte.

Acredita-se que o jornal *Diário do Nordeste*, tendo por objetivo retratar o cotidiano de Caxias do Sul, em diferentes aspectos, oferece pistas de alguns elementos do real histórico, afastando-se do discurso do pioneiro.

Desse modo, entende-se que *Diário do Nordeste* nos oferece elementos para elaborar uma visão diferente daquela que foi idealizada pelo *Boletim Eberle*, ou seja, a do *pioneiro* e do *herói civilizador*. O jornal *Diário do Nordeste*, muitas vezes, foi instrumento de denúncia a diferentes problemas e contradições experimentados pela sociedade de Caxias do Sul, alguns deles decorrentes do próprio desenvolvimento urbano e da modernização da cidade. É possível identificar que esse jornal apresentou a cidade mais próxima do real, ou seja, do real histórico, em função de apontar, por exemplo, problemas de infraestrutura e incoerências proporcionadas pelo dito progresso da então pujante cidade de Caxias do Sul.

Caxias do Sul, na década de 50 do século passado, já poderia ser considerada uma das maiores cidades da região nordeste do RS. Na época, contava com uma população de 58.594 habitantes, representando 1,4%⁶⁷ da população do RS, bem como era conhecida nacionalmente pela indústria vinícola e, principalmente, pela Metalúrgica Abramo Eberle S/A.

O grande desenvolvimento de Caxias do Sul, segundo a historiografia, é apontado pelo número de indústrias e casas comerciais da cidade, pois, segundo Giron e

⁶⁶ O *Diário do Nordeste* era propriedade da *Gráfica Editora Diário do Nordeste* que, na época, estava localizada na Rua Alfredo Chaves esquina com a Avenida Júlio de Castilhos, Edifício Nossa Senhora de Pompéia; possuía também uma sucursal na cidade de Porto Alegre, sob a direção do jornalista Gino Pasquini. O *Diário do Nordeste* era organizado estruturalmente por 8 a 12 páginas, com preço de venda de CR\$ 1,00 o número avulso, e CR\$ 200,00 a assinatura anual.

⁶⁷ CAXIAS, a surpreendente: monografia de Caxias do Sul publicada em comemoração aos festejos da Festa da Uva e primeira exposição Feira Industrial realizados no ano de 1954. Caxias do Sul: Oficinas Gráficas da Editora São Miguel, 1954. p. 56.

Bergamaschi (2001, p.159), havia 420 indústrias; 350 estabelecimentos comerciais; 3.660 prédios; 800 quilômetros de estradas de rodagem e 122 escolas públicas.

O *Diário do Nordeste*, por meio das colunas intituladas “Coisas da Cidade” e “Bom Dia”, entre outras, além de oferecer matérias que contradiziam o discurso idealizado do *Boletim Eberle*, também denunciavam os problemas da cidade, tais como: mau estado e limpeza das ruas e calçadas das principais vias; problemas com assistência social aos menores e órfãos; falta de fornecimento de energia elétrica, bem como de habitação, abastecimento de água, além da péssima pavimentação e iluminação pública. No que diz respeito aos problemas sociais decorrentes da pobreza, apontou as favelas e a mendicância; os de saúde pública, com a presença de doenças, como, por exemplo, tuberculose e alcoolismo.

Em 1º de junho de 1951, passou a circular o jornal *Diário do Nordeste* que, conforme editorial se autodenominou *Matutino Independente*, dada a finalidade de: “Fazer Jornal! Jornal diário, vibrante, moderno, oportuno, que espelhe com fidelidade a dinâmica desta cidade, florescente, bela e progressista, e que retrate de forma objetiva, perfeita e útil as iniciativas, necessidades e problemas da coletividade caxiense.” Também dizia ser um “Órgão independente, apolítico e combativo, popular por excelência”, bem como “um jornal Diário, matutino, [...] com um serviço de informações mundiais, perfeitamente atualizado”.⁶⁸ Ainda afirmava que suas colunas estavam

sempre abertas à todas as causas que digam respeito ao bem estar e ao progresso de nossa gente, e a estas causas prometemos dar todo o apoio de nossa organização. Queremos que o Diário do Nordeste seja verdadeiramente, o espelho da situação da gente desta importante zona de nosso Rio Grande.⁶⁹

De acordo com a leitura do *Diário do Nordeste*, seus diretores contaram com o trabalho do empresário Nestor Domingos Rizzo, que atuou de junho de 1951, a setembro de 1952; e do advogado e jornalista Elvo Janir Marcon, de setembro de 1952 a novembro de 1954. Também identifica-se que o jornal contou com a colaboração de alguns dos “intelectuais”⁷⁰ da cidade de Caxias do Sul naquele contexto.

⁶⁸O jornal *Diário do Nordeste* 1º jun. 1951, p. 3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁶⁹Idem.

⁷⁰Segundo Adami, o jornal *Diário do Nordeste*, também teve a contribuição dos secretários, do escritor e promotor Público Paulo Pinto de Carvalho e jornalista Mauro José de Rezende e, como gerente, o jornalista, poeta e um dos

Segundo Marcon (apud HENRICHS, 1988, p. 41) a iniciativa de lançar um jornal diário e independente partiu do empresário Nestor Domingos Rizzo (Figura 4), que também atuava como diretor do Frigorífico Rizzo, localizado na época no 1º Distrito de Caxias do Sul, hoje atual Bairro Desvio Rizzo. O Frigorífico Rizzo localizava-se cerca de 8 quilômetros do Centro Histórico de Caxias do Sul, onde estava a Metalúrgica Abramo Eberle S.A. Na época, Nestor Rizzo também dirigia a ZYF-3 *Rádio Caxias*, única emissora de rádio de Caxias do Sul, naquele período.

Figura 4 – Foto de Nestor Rizzo, fundador e diretor do *Diário do Nordeste*. Sem data. Autoria: Studio Geremia.



Fonte: Acervo particular de Marcelo Rizzo

Segundo ainda Marcon, na década de 50 do século passado, ele já havia desempenhado a função de redator-chefe da *Rádio Caxias*, como também já havia

idealizadores da Festa da Uva, Joaquim Pedro Lisboa. Dentre seus colaboradores, pode-se identificar o escritor, orador, deputado estadual e secretário da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, Guilherme do Valle Toenniges; do professor estadual, escritor e poeta, José Fialho de Vargas; Agente Fiscal da Exatonia Estadual, Cyro de Lavra Pinto; escritor e poeta, Duminiense Paranhos Antunes; Jurista, orador e poeta Ary Zatti Oliva; médico, Walter Bruger; diretor da Biblioteca Pública Municipal e secretário do município, procurador da República, diretor da Escola Duque de Caxias e prefeito de Caxias do Sul Demétrio Niederauer; o jornalista, Pancrácio Scopel. (ADAMI, 1960, p. 11-36). A partir da leitura do jornal também identifica-se a atuação dos jornalistas: Oswaldo de Assis e Nestor José Gollo.

trabalhado e dirigido outros jornais da cidade, como, por exemplo, *O Momento*, *A Folha do Nordeste* e *O Pioneiro* e por isso acredita que Nestor Rizzo lhe deu a incumbência de elaborar um estudo sobre a possibilidade de criar um jornal diário, em Caxias do Sul.

Segundo ele, o jornal *Diário do Nordeste* representou

a maior aventura jornalística do interior do Rio Grande do Sul, seguramente, porque 43 dias depois o primeiro número do jornal ia a rua: o “Diário do Nordeste”. Em 43 dias nós fundamos o jornal, compramos todo o equipamento gráfico, organizamos todo o corpo redatorial, [...] foi um esquema de trabalho impressionante! Procurou-se dar ao jornal diário de Caxias, a feição de um jornal de capital de estado. (Apud HENRICHS, 1988, p. 39-41).

O autor também afirmou que, na época, foram adquiridas em São Paulo três máquinas tipográficas do tipo *Intertype*, além de terem contratado da agência internacional de notícias *United Press* os serviços fotográficos internacionais da *UP-ACM*. Segundo o autor, o *Diário do Nordeste* necessitava da captação telegráfica da *United Press*, “que era um serviço teleográfico de alta intensidade, era ultra rápido” e, para sua captação, dependia do serviço de um telegrafista experiente. Na época, a única empresa do RS, que possuía um profissional qualificado e experiente era a *Viação Aérea Rio Grandense* (Varig), localizada na cidade de Porto Alegre. Conforme Marcon, o *Diário do Nordeste* conseguiu contratar Adão Borges, considerado o melhor radiotelegrafista da Varig. O autor também destacou que Adão Borges

[...] dominava perfeitamente o inglês. Então, em noites de temporal, noites de dificuldade para o serviço de captação, ele fazia a captação diretamente da “United Press” de Washington, Los Angeles ou Chicago e de outras partes do mundo, em vez de fazer a captação da “United Press” de Montevidéo [*sic*], Buenos Aires ou do Rio de Janeiro, nas transmissões de língua estrangeira, ele fazia a captação de ouvido, mas já datilografava em português, direto, então facilitava enormemente o trabalho da redação. (Apud HENRICHS, 1988, p. 41).

Um jornal diário tinha, em Caxias do Sul, segundo o autor,

naquela época, um corpo redatorial de primeira grandeza e o “Diário do Nordeste” foi recebido com muita euforia [...] na cidade e a redação do jornal passou a ter uma vivência literária e cultural muito acentuada porque, como era matutino e a composição dele se fazia durante a noite, durante o dia era o serviço de redação, captação de notícias, redação dos artigos de fundo, comentários políticos, jornal feminino, jornal de esportes. Cada setor tinha os seus redatores próprios, seus chefes de redação próprios. Então, à noite, os intelectuais de Caxias se reuniam no “Diário do Nordeste” [...] para debater

os acontecimentos nacionais, a política nacional, as iniciativas que Caxias fazia, não fazia, aquela coisa toda. (Apud HENRICHS, 1988, p. 41).

4.1 O JORNAL *DIÁRIO DO NORDESTE* E OS PROBLEMAS MATERIAIS DE CAXIAS DO SUL

Em sua primeira edição, o jornal *Diário do Nordeste*⁷¹, 1951, por meio da matéria intitulada “E os Problemas Públicos da Nossa Comuna”, realizou uma entrevista com Luciano Corsetti, na época prefeito municipal de Caxias do Sul. Na entrevista, foram tratados e apontados os principais problemas materiais da cidade, como, por exemplo, abastecimento de água, pavimentação e conservação das ruas, máquinas para a manutenção das ruas e estradas e projetos que, caso fossem aprovados, poderiam trazer benefícios às famílias operárias da cidade, que eram consideradas as mais atingidas pela falta de estrutura material da cidade.

Frente ao problema de abastecimento de água, o prefeito, durante entrevista, apontou uma série de melhoramentos que haviam sido realizados na “Hidráulica Municipal”, como, por exemplo, a reforma na rede elétrica, que estava desgastada e por oferecer um perigo; a compra de um gerador de emergência movido a diesel; a construção de um prédio próprio para as máquinas, e a aquisição de filtros e tanques para o armazenamento de água. Segundo Corsetti, a falta de verbas impedia ampliar os serviços de abastecimento de água para grande parte da sociedade, bem como dar início aos serviços de esgoto. A questão do serviço de esgoto era ainda praticamente inexistente em Caxias do Sul, segundo o *Álbum comemorativo do 75º aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. (1950).

Para o prefeito de Caxias do Sul, a falta de pavimentação e conservação das ruas e estradas municipais, segundo seus depoimentos, era agravada pela inexistência de maquinário. Segundo Corsetti, a prefeitura de Caxias do Sul contava, na época, apenas com um trator e duas patrulas, sendo que uma delas se encontrava em serviço no interior do município, e a compra de um segundo trator já havia sido aprovada pela Câmara de Vereadores.

A falta de habitação, segundo o *Diário do Nordeste*, era outro dos principais problemas apresentados em Caxias do Sul, pois afetava principalmente as famílias

⁷¹O jornal *Diário do Nordeste* 1º jun. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

operárias. Entretanto, segundo Corsetti, a prefeitura municipal já havia enviado ao Poder Legislativo um projeto de lei que visava beneficiar as famílias pobres da cidade, pois buscava regulamentar a construção de casas em terrenos ainda não regularizados. Para Corsetti, o projeto ajudaria a solucionar o problema de moradia própria, em Caxias do Sul, principalmente a grupos mais empobrecidos. Porém, na entrevista afirmou que as licenças para a construção das casas para as famílias pobres somente seriam

concedidas para construções de madeira e mediante a assinatura de um Termo de Compromisso que isenta a Municipalidade de qualquer ônus para o futuro, quando for iniciada a execução do Plano Diretor, o qual traçará o desenvolvimento da cidade, em todas as suas faces.⁷²

Segundo esse prefeito municipal, também havia sido enviado um outro projeto de lei à Câmara de Vereadores, que solicitava abastecimento de água para as moradias localizadas em áreas não regulamentadas pelo Poder Público, ou clandestinas. Para o prefeito, o serviço de abastecimento de água não poderia ser negado aos moradores; era, segundo seu entendimento, “um dos elementos mais indispensáveis a uma moradia e a negativa de seu fornecimento importará em grave problema para seus moradores”.⁷³ Porém, o prefeito afirmava que as licenças para instalações da rede de água apenas seriam fornecidas mediante a assinatura de um Termo de Compromisso, isentando o Poder Público municipal de qualquer problema e indenizações futuras, pois somente seriam fornecidas licenças para a instalação da rede de água às casas que fossem construídas próximas à rede de água, afirmando também que as despesas da ligação seriam dos interessados por aquele serviço.

Nesse sentido, o *Diário do Nordeste* iniciou suas atividades diárias apontando como parte da sociedade caxiense estava sendo tratada pelo Poder Público municipal. É possível perceber, na entrevista realizada com o prefeito de Caxias do Sul, que o Poder Público municipal tinha consciência dos problemas enfrentados pelos grupos mais empobrecidos, mas apenas eram apresentadas soluções paliativas e descompromissadas com estes grupos sociais.

Na mesma publicação, o *Diário do Nordeste* também anunciou a entrega de 40 casas que foram construídas pelo *Serviço Social da Indústria* (Sesi) para as famílias de operários caxienses, que haviam sido contempladas a realizar o sonho da casa própria.

⁷²O jornal *Diário do Nordeste* 1º jun. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁷³Idem.

Segundo o jornal, “embora construídas já algum tempo, numerosas dificuldades se antepuseram a que essa entrega se efetivasse anteriormente, entre as quais a abertura de vias de acesso e as ligações de luz e água”.⁷⁴

Ainda em sua primeira edição, o jornal publicou outra matéria intitulada “Coisas da Cidade”, por meio da qual apontou o mau estado das calçadas ao longo das principais vias da cidade, explicando que o péssimo estado representava um sério perigo aos transeuntes mais distraídos e, principalmente, àqueles que percorriam áreas, nas quais a iluminação pública era precária. Afirmou que, nos dias de chuva, formavam-se poças *extensas e profundas* que impediam a passagem dos pedestres.

Na segunda edição do jornal, insistiu em apontar os problemas de Caxias do Sul, ao afirmar:

O mau estado dos passeios, em prejudicando gravemente o aspecto urbanístico da cidade, dificulta o livre trânsito para o qual especificamente se destinam, e o escuro que se nota em sua conservação deve merecer uma observação toda especial do poder público. Se este souber agir convenientemente terá sem dúvida a cooperação dos particulares responsáveis por pequenos trechos de calçada, e num movimento e cooperação total, faremos com que os passeios de nossa cidade cumpram eficientemente a sua destinação, sem os inconvenientes que apontamos, altamente prejudiciais pelo seu mau aspecto e pelo perigo que representam.⁷⁵

Nesse sentido, observou-se na circulação do jornal *Diário do Nordeste*, entre 1951 e 1954, as denúncias dos problemas materiais e sociais da cidade de Caxias do Sul, pois o jornal, em diferentes momentos, assumiu o papel de relatar à sociedade as autoridades responsáveis por sua administração.

Em outro momento, o jornal alertou o Poder Público municipal, mediante coluna intitulada “Coisas da Cidade”, por meio de suas críticas, as condições de limpeza das principais ruas da cidade. Segundo o jornal, era comum o acúmulo de cascas de frutas e demais “detritos” estarem espalhados nas ruas e calçadas, principalmente em lugares próximos aos mercados, armazéns, *engraxaterias, bombonnières* e nos locais onde os operários das fábricas tinham a tendência de se aglomerar, antes da jornada de trabalho. Segundo o jornal, “nada diz tão mal de uma cidade, da educação e boa vontade de sua gente, como as ruas sujas e mal cuidadas.” Além de apontar a existência da sujeira, o jornal também dizia que era necessária a instalação de lixeiras em diferentes pontos da

⁷⁴Idem.

⁷⁵ O jornal *Diário do Nordeste* 02 jun. 1951, p. 2 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

cidade, chegando a solicitar a colaboração da população “numa campanha de limpeza geral”.⁷⁶

Assim, o jornal apresentava uma solução para melhorar o aspecto higiênico da cidade, o que também auxiliaria os funcionários responsáveis pela limpeza das vias públicas, pois, com as medidas apresentadas pelo periódico, poderiam aqueles funcionários limpar um espaço muito maior diariamente. Segundo o *Diário do Nordeste*, as indicações apresentadas para solucionar o problema da sujeira aguardavam também o apoio do Poder Público municipal, ao dizer que “um pouco de bôa vontade [...] poderá evitar que algum transeunte menos cuidadoso tenha amanhã que usar muletas”.⁷⁷

Com relação à carência de iluminação pública nas áreas centrais da cidade e, principalmente em frente à Igreja Matriz localizada na Rua Sinimbu e também na Avenida Júlio de Castilhos, considerada na época a principal via da cidade, o jornal, por meio da coluna intitulada “Bom Dia”, também apontou a falta de iluminação, o que exigia dos motoristas de automóveis o uso dos faróis. Constantemente, isso provocava problemas aos transeuntes e aos condutores que trafegavam em sentido contrário. O jornal chegou a afirmar que um outro perigo dizia respeito aos riscos sofridos pelos pedestres, que poderiam ser atropelados mais facilmente. Segundo o jornal, “as situações de verdadeiro perigo, debeladas [...] por alguma providencial corrida do pedestre em apuro”.⁷⁸

Outro problema localizado pelo jornal, na cidade de Caxias do Sul, dizia respeito à falta de planejamento da Prefeitura Municipal, no que dizia respeito às obras públicas e, principalmente, à pavimentação das ruas. Segundo o jornal, muitas obras foram iniciadas, mas eram constantemente interrompidas, o que gerava atrasos no “desenvolvimento da cidade, atrapalhando o tráfego, criando enfim problemas que a boa vontade e o interesse poderiam resolver sem muitas delongas”.⁷⁹ Segundo o jornal, nas principais vias de acesso à Caxias do Sul, as obras de pavimentação se encontravam novamente paralisadas como, por exemplo, as da Avenida Rio Branco, que, na época,

⁷⁶ Idem

⁷⁷ O jornal *Diário do Nordeste* 03 jun. 1951, p. 3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁷⁸ O jornal *Diário do Nordeste* 09 set. 1951, p.3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁷⁹ O jornal *Diário do Nordeste* 14 jul. 1951, p.3 Disponível em <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em 25 maio 2014.

era percorrida por um intenso tráfego de carros e caminhões, principalmente na safra da uva. Destaca-se também que a via era o local onde havia algumas das principais vinícolas da cidade, além de servir de ligação com o Desvio Rizzo, e o Distrito de Forqueta, bem como a outras cidades da região e à capital do estado.

O jornal apontou que o aumento do preço dos serviços de pavimentação foi um dos principais empecilhos para a Prefeitura Municipal cumprir sua obrigação, e tal fato atingiu principalmente os donos dos terrenos que estavam localizados nas ruas sem pavimentação.

Segundo o *Diário do Nordeste*, edição de julho de 1951, quando o prefeito Dante Marcucci⁸⁰ conseguiu pavimentar as principais quadras da cidade, calçando-as com paralelepípedos, o gasto foi uma “ninharia, custa hoje os olhos da cára [sic] à Prefeitura, e conseqüentemente ao proprietário que recebe o indispensável melhoramento.” Assim, destacava que o custo elevado do calçamento atingia principalmente os proprietários que residiam nas ruas “laterais e paralelas, onde a densidade de construção é cada vez menor e conseqüentemente o poder econômico dos proprietários também é menor”.⁸¹ Desse modo, observa-se, segundo o jornal, que o Serviço Público municipal dependia basicamente do que era recolhido dos proprietários residentes nas vias que necessitavam ser pavimentadas, pois não empregava corretamente o dinheiro público, nos serviços que eram fornecidos à sociedade.

Entretanto, a questão da pavimentação da cidade e das ruas, que eram consideradas prioritárias para o desenvolvimento urbano e a modernização, às vezes foi resolvido de modo autoritário pelo Poder Público municipal. Pode-se observar que o serviço de pavimentação foi oferecido, independentemente de seus moradores poderem ou não pagar, o que gerou alguns inconvenientes, quando o jornal chegou a apontar que alguns moradores pensaram em vender seu imóvel para pagar o serviço de pavimentação que foi oferecido. Segundo o jornal,

acontece que diversos moradores de determinada rua reúnem-se e vão ao Prefeito pedir-lhe que mande calçar sua quadra. O Edil, ouve as considerações e queixas e considerando que os elementos residentes na quadra em estudo podem pagar o calçamento sem delongas, manda pavimentar-lhes a rua. Está claro que assim a Prefeitura não tem queixas de

⁸⁰ Dante Marcucci foi prefeito de Caxias do Sul entre os anos de 1935 a 1947. (MACHADO, 2001, p.269).

⁸¹ O jornal *Diário do Nordeste* 23 jul. 1951, p.3 Disponível em:

<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

proprietários que assustados pelo preço da pavimentação muitas vezes são até obrigados a vender seu terreno ou casa para pagar o calçamento.⁸²

A Avenida Júlio de Castilhos, que representava uma das principais vias da cidade, também enfrentou problemas com pavimentação. O jornal destacou:

Quem se der o trabalho de andar pelas faixas de nossa avenida, verificará o quanto está fazendo falta a pavimentação [...]. Em dias secos, os veículos que descem das faixas para cruzar qualquer outro, levantam verdadeiras nuvens de pó. Em dias molhados, as poças que se formam ao lado da pavimentação são um inferno quer para os veículos, quer para os pedestres que tem a desventura de estar cruzando a rua no momento exato em que passa um carro.⁸³

Na coluna intitulada “Bom Dia”, o *Diário do Nordeste*⁸⁴ publicou uma reclamação que foi enviada por um grupo de moradores denunciando a falta de cuidados com as vias públicas, quando apontou que “apesar de estar situada em zona central da cidade parece, porém que a Prefeitura se esqueceu dos seus moradores, ou antes, lembra-se deles apenas para lhes cobrar os impostos”. Segundo os reclamantes, também não havia rede de água, esgoto, calçadas e pavimentação; o lixo e os “entulhos” estavam sendo acumulados na via pública, o que contribuía com a proliferação de mosquitos e, conseqüentemente, de doenças. Assim, o jornal, pensando em dar solução aos problemas, convidava as autoridades competentes para visitarem e verificarem a situação dos moradores de uma das principais vias, pois dizia acreditar que os moradores tinham o “direito de obter os benefícios do urbanismo”, já que a cidade, “nas condições de seu progresso atual, não pode admitir, no seu centro, local em condições tão deploráveis”. Deste modo, o jornal, ao publicar os problemas enfrentados pelos moradores da rua Pinheiro Machado, identifica que a realidade apresentada foi totalmente diferente daquela idealizada pelo *Boletim Eberle*, quando afirmou que a rua Pinheiro Machado se abria “como se fora um grandioso tapêto na mais fina decoração, que rolando do alto da montanha, se estende pela cidade”. Ainda segundo os elogios tecidos pelo *Boletim Eberle*, “a medida que nos aproximamos do centro da cidade,

⁸² O jornal *Diário do Nordeste* 14 set. 1951, p.3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁸³ O jornal *Diário do Nordeste* 16 out. 1951, p.3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁸⁴ O jornal *Diário do Nordeste* 13 out. 1951, p.3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

torna-se essa rua mais imponente, mais colossal, já encontramos hotéis, cinemas, bares, cafés, indústrias e casas comerciais”.⁸⁵

Outro problema enfrentado pela sociedade foi a execução das obras de rebaixamento das ruas, que tinha como objetivo nivelá-las e, conseqüentemente, pavimentá-las, pois as referidas obras, devido à estação de chuvas e com a demora de sua realização, deixaram as vias completamente intransitáveis pelo acúmulo de água e lama. Segundo o *Diário do Nordeste*, os motoristas de táxi se recusavam a realizar corridas para aqueles locais e os moradores que possuíam automóveis dificilmente conseguiam voltar para sua moradia. O único veículo que conseguia transitar por aquelas vias era o *Jeep*, dizendo que “afinal não foi para outra coisa, que a técnica automobilística imaginou êsses veículos”. O jornal também ironizou o problema referente à falta de rede de água, dizendo que “São Pedro, contudo, à vista das promessas de tantos candidatos, que prometiam água para todos, parece ter resolvido mostrar sua autoridade neste assunto”.⁸⁶

A falta de energia foi outro problema apontado pelo jornal, quando se referiu à situação do Distrito de Santa Lúcia do Piaí, antes pertencente ao Município de São Sebastião do Caí e que foi incorporado ao Município de Caxias do Sul, no ano de 1944.⁸⁷ Segundo o *Diário do Nordeste*, o Distrito de Santa Lúcia do Piaí estava praticamente sem energia elétrica, pois dependia do fornecimento que era proveniente de uma usina particular, que se encontrava em péssimas condições de funcionamento. Segundo o jornal, o Distrito de Santa Lúcia do Piaí estava em desvantagem em relação a outras localidades e a distritos, que estavam sendo bem servidos pelo serviço de energia elétrica. Exigia que, por “princípio de justiça, Santa Lúcia do Piaí deve ficar em pé de igualdades com os demais distritos nêste setôr [*sic*]”.⁸⁸

Provavelmente, a defesa feita pelo jornal ao Distrito de Santa Lúcia do Piaí esteja relacionada à associação da energia elétrica ao desenvolvimento e progresso e, também, por abrigar na época um moinho de trigo e milho, pequenas fábricas e casas de

⁸⁵*Boletim Eberle*, jul. 1957, p. 15 - 16. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

⁸⁶O jornal *Diário do Nordeste* 18 out. 1951, p.8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁸⁷GIRON, 1977, p.72.

⁸⁸O jornal *Diário do Nordeste* 27 jun. 1951, p. 3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

comércio, bem como um Seminário dos Cônegos Regulares Lateranenses, um colégio das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, além de um hospital.

O problema do trânsito existente em Caxias do Sul foi tratado pelo jornal em parceria com a *ZYF-3 Rádio Caxias*, que, por meio de uma campanha, alertava o Poder Público municipal sobre a necessidade da instalação de sinaleiras automáticas nas principais ruas. Nesse sentido, na matéria intitulada “Problemas da Cidade”, o *Diário do Nordeste* apontou o intenso tráfego de automóveis e caminhões, como sendo um problema decorrente do crescimento, progresso e desenvolvimento urbano. Segundo o jornal, a cidade de Caxias do Sul era a terceira em número de automóveis e caminhões no RS, depois de Porto Alegre e Pelotas. Segundo Pozenato e Giron (2004), ao estudarem o desenvolvimento urbano, as autoras apontaram que havia na cidade, na década de 50 do século passado, “818 automóveis comuns, 45 ônibus, 283 caminhonetes, 632 caminhões.” (POZENATO; GIRON, 2004, p. 122).

Outra questão associada à cidade era o problema de trânsito, evidenciado pelo jornal. O mesmo destacou que, em determinados horários, entre às 11 e 12 horas e das 18 às 19 horas, além de haver uma grande circulação de veículos, a situação merecia dedicação do Poder Público, pois eram horários de congestionamento, que coincidiam com a saída dos estudantes dos colégios e o fechamento do comércio. Entretanto, também procurou apresentar soluções:

Cremos que se impõe a permanência de guardas de trânsito ou a fixação de sinaleiras no entroncamento das seguintes ruas: Marques do Herval e Avenida Júlio de Castilhos, Dr. Montauri e Avenida J. Castilhos, Visconde de Pelotas e Avenida Júlio de Castilhos, e Marquês do Herval e Rua Sinimbú [...].⁸⁹

O jornal *Diário do Nordeste*, além de indicar a necessidade de guardas de trânsito e sinaleiras, afirmou também ser necessário implantar faixas exclusivas para o trânsito de pedestres, pois elas ajudariam “no sentido da normalização do nosso intenso tráfego diário”.⁹⁰ Segundo o jornal, tais soluções não eram inovadoras, estavam presentes em outras cidades. Entretanto, acrescentou que, para a instalação das medidas apontadas, visando dar solução ao problema do trânsito, era necessária a promoção de uma campanha educativa que alertasse sobre a importância do cumprimento das regras

⁸⁹O jornal *Diário do Nordeste* 23 jun. 1951, p. 3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁹⁰Idem.

de trânsito, tanto para os motoristas quanto para os pedestres. Segundo o *Diário do Nordeste*, sem esta conscientização, haveria um ambiente que somente servia

para aumentar ainda mais o número de acidentes, tão comuns hoje, pela incúria de todos. Exemplificando; bastará que um descuidado cruze pela sinaleira fechada, quando outro motorista garantido pela luz verde passe com seu veículo, para que tenhamos um acidente. E os transeuntes? Bem, para estes também será necessária a campanha de educação. Todos os dias assistimos cenas que demonstram claramente o acerto de uma campanha de tal natureza. Vezes sem conta, vemos descuidados atravessarem as ruas movimentadas de nossa cidade, olhando para cima, correndo as vezes, sem sequer atender para o perigo que isso representa. Os escolares deverão ser intensamente instruídos, porque aos bandos cruzam nossas ruas sem o menor sentido de perigo.⁹¹

4.2 O JORNAL *DIÁRIO DO NORDESTE* E OS PROBLEMAS SOCIAIS DE CAXIAS DO SUL

O jornal *Diário do Nordeste*, além de apontar os problemas materiais do espaço urbano de Caxias do Sul, também denunciou as contradições sociais entre capital e trabalho. Em sua edição de 3 de junho de 1951, apontou, por meio da matéria intitulada “Obras Sociais Combatendo a Orfandade e a Miséria”, assinada por Guilherme do Valle, a existência de vários problemas sociais que afligiam a sociedade caxiense como, por exemplo, a fome, a tuberculose, o câncer e o analfabetismo. Alertou que muitos problemas sociais eram decorrentes dos altos preços dos produtos de primeira necessidade, pois contribuía com o aumento da miséria e do sofrimento das famílias operárias, dizendo que os salários não conseguiam suprir as necessidades básicas.

Um pão falta naquela casa do operário que ganha o salário mínimo; um litro de leite reclama a mulher do operário que não pode mais amamentar seus cinco ou oito filhos, três dos quais são criancinhas de berço; e nos outros lares, para falar em tese, é o aluguel, é a carne, é a vestimenta, são os gêneros de primeira necessidade.⁹²

O autor também identificou frieza em grande parte da sociedade individualista de Caxias do Sul, dizendo que “*conhece-se o EU, e o NÓS está riscado da gramática.*” Porém, o autor observou que alguns grupos, movidos pelo espírito cristão, tinham a tendência de distribuir o “amor onde há rancor; liberdade onde há escravidão;

⁹¹Idem.

⁹²O jornal *Diário do Nordeste* 03 jun. 1951, p. 4 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

esclarecimento onde há trevas e ignorância; levam o pão onde há fome; agasalho onde há frio; amparo onde há abandono e remédio onde há doença”⁹³. Os grupos movidos pelo espírito cristão, segundo o autor, eram aqueles ligados às instituições religiosas, pois amparavam os mais necessitados e, principalmente, os órfãos. Guilherme do Valle citou o trabalho realizado pelo *Orfanato Santa Terezinha*, que atendia as meninas; o *Abrigo de Menores São José*, que era responsável pelos meninos abandonados, oferecendo alimentação e instrução; a *Casa da Criança* e a *Escola São Vicente* estavam dedicadas aos desamparados do bairro denominado Burgo, que era, segundo o autor, um dos bairros mais pobres de Caxias do Sul.

Na edição de 8 de junho de 1951, o *Diário do Nordeste*, por meio da matéria intitulada “Fome e Dor o Drama da Mendicância Adulta e Juvenil”, destacou que a cidade de Caxias do Sul, que se autointitulava “a metrópole do vinho, o cartão postal do nordeste do Estado”, silenciava sobre seus problemas sociais decorrentes do enriquecimento e da pujança apenas de alguns, além de apontar que o progresso e o desenvolvimento urbano ignoravam aqueles que nada possuíam. Um exemplo das contradições decorrentes do próprio desenvolvimento urbano era a presença de *arranha-céus* convivendo com “pavilhões de madeira de quinta classe”, que obrigavam pessoas e grupos *desafortunados*, ou seja, “os esquecidos, os doentes, os que rastejam por este vale de lágrimas”⁹⁴.

Ao descrever os casebres dos denominados desafortunados, esquecidos e doentes, o autor diz que

o vento assoviando entre o latão já carcomido pelo tempo; o mesmo vento impertinente e sem dó a entrar pelas largas frestas dos casebres; o operário sem recursos a espichar uma tosse comprida que lhe estira, de minuto em minuto, os pulmões do Brasil, da mulher do pobre operário procurando adormecer o bebê que mal e mal está enrolado no casaco velho do pai, que amanhã irá vesti-lo novamente para buscar o pão e o leite, no trabalho que honra e dignifica.⁹⁵

Para o jornal, as péssimas condições materiais em que viviam os moradores das favelas e entre eles os operários, proporcionaram o surgimento de outro problema social, ou seja, mendicância adulta e juvenil. Segundo a matéria, a mendicância era

⁹³ Idem.

⁹⁴ O jornal *Diário do Nordeste* 08 jun. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁹⁵ Idem.

definida por qualquer observador que percorresse as ruas de Caxias do Sul, quando poderia ver

o homem que sai à rua em busca de auxílio, popular, é a mulher, que, mal trajada de olhos fundos, olhos que denunciavam fome e dor, olhos de favela, é a mulher que com a criancinha nos braços estende [*sic*] também a mão, uma mão magra, uma mão cansada, cansaço provocada pela subnutrição, e pede uma esmola por amor de Deus... São esses quadros dolorosos, esses quadros pungentes, esses espetáculos que durante o dia presenciamos a todo instante [...].⁹⁶

O crescimento da mendicância também fez o autor identificar que, na maioria das vezes aqueles que pediam algum trocado visavam adquirir alimentos, porque passavam fome e/ou por possuírem algum membro de sua família doente, mas alertava que havia os *espertalhões*, geralmente formados por jovens *desajustados socialmente* que,

depois de recolher uma boa soma de dinheiro, vão ali nas engraxaterias adquirir aquelas revistas do Chasan, do Homem Voador, vão ao filme do mocinho, enquanto a sua mamãe em casa esta esperando umas moedas para ir ao armazém comprar meio quilo de pão, e uma garrafa de leite para a infeliz criancinha que já a quase uma hora chora de fome.⁹⁷

Segundo o autor da matéria, havia casos de crianças que entregavam todo o dinheiro que arrecadavam com as esmolas ao pai alcoólatra, que passava o dia sentado em um caixote em frente da casa bebendo cachaça, pois não acreditava no trabalho. Desse modo, além de certo preconceito, o autor aponta para a mendicância como um problema complexo que atingia principalmente os grupos que não estavam inseridos no mercado de trabalho e/ou decorrente do desenvolvimento e progresso urbano, que trouxe várias pessoas em busca de melhores condições de vida, mas que não conseguiram inserir-se no mercado de trabalho.

O problema de alcoolismo também foi apontado como tema de advertência presente em Caxias do Sul, a exemplo das demais cidades brasileiras, que estavam passando pelo processo de urbanização e modernização. Segundo o *Diário do Nordeste*, edição de 9 de junho de 1951, o alcoolismo era responsável por abrir portas “à irresponsabilidade, ao afrouxamento dos freios morais, à perda da noção do respeito próprio e dos deveres individuais e familiares, propiciando situações as mais danosas

⁹⁶Idem.

⁹⁷O jornal *Diário do Nordeste* 08 jun. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

para o alcoólatra, para seus familiares e para a própria sociedade”. Com o objetivo de resolver esta mazela social, o jornal pediu ao Poder Público que fossem aplicadas multas aos comerciantes *inescrupulosos* que vendessem bebidas alcoólicas aos elementos considerados *viciados* e *fracos*, além de apoiar iniciativa do Ministério Público, que havia denunciado por homicídio culposo um comerciante, dono de um “botequim”, por ter vendido bebida alcoólica a um indivíduo que faleceu de intoxicação. Segundo o jornal, a atitude do comerciante foi interpretada como sendo *desumana* e *imprudente*, pois ele apenas se mostrou preocupado em ganhar dinheiro, quando permitiu “que um bêbado irresponsável ingerisse dose capaz de provocar-lhe a própria morte”.⁹⁸

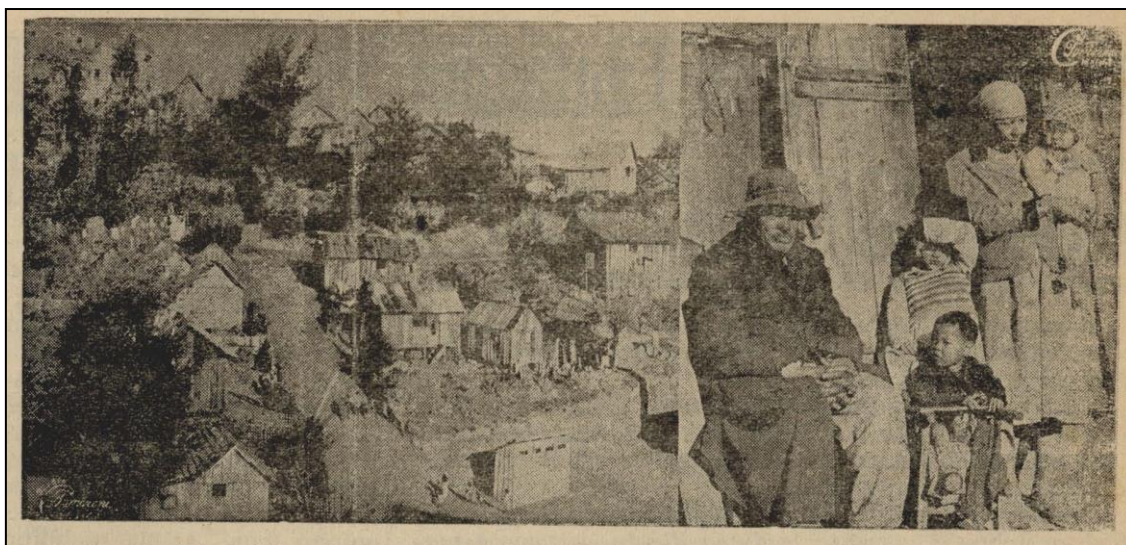
Segundo o jornal *Diário do Nordeste*, o alcoolismo atingia principalmente a classe operária caxiense, quando revelou que a bebida eram comum nos botequins da cidade, alimentando os “bolsos dos que não mourejam nem suam na aquisição do pão de cada dia, o fruto parco da jornada do operário.” Uma das explicações utilizadas pelo jornal, sobre o vício do álcool, foi apontar que as famílias dos operários viviam desamparadas e *sem conforto, e quase sempre sem alegria*, além do ambiente propício ao desgosto e à angústia *de uma vida sem perspectivas*. Era frequente às mulheres verem o marido gastar seu modesto salário nas “transitórias ilusões do álcool”.⁹⁹ Uma outra explicação frequente foi de o álcool ser apontado como *efeito e causa* das mazelas da classe operária. O jornal chegou a afirmar que o vício era decorrente do fato de os operários não disporem de um ambiente onde pudessem se *divertir dignamente* e pela existência de *magros salários*.

Seguindo o espírito do jornal *Diário do Nordeste*, intitulado como apartidário, em matéria de agosto de 1951, foi publicado duas fotografias (Figura 5), que nos levam a identificar a situação experimentada pelos grupos sociais em situação de pobreza. Por meio das fotografias, o jornal apresenta uma outra imagem de Caxias do Sul, provavelmente mais real e plural e, conseqüentemente, diferente do discurso do *pioneiro* e do *herói civilizador* do *Boletim Eberle*, bem como destaca que se responsabiliza pelas reportagens, que apontassem diariamente a situação dos grupos que viviam em bairros denominados *faveliros*.

⁹⁸O jornal *Diário do Nordeste* 09 jun. 1951, p. 3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

⁹⁹O jornal *Diário do Nordeste* 09 jun. 1951, p. 3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

Figura 5 –Duas vistas da favela do Burgo, focalizando à esquerda uma parte dos casebres e à direita, alguns de seus moradores.



Fonte: Jornal *Diário do Nordeste* 08 de ago. 1951, p.8. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=60404&p=0>>. Acesso em: 2 fev. 2015.

Ao entrevistar e ouvir as necessidades dos referidos *faveleiros*, mostrou a extensão da exclusão social existente em Caxias do Sul, por meio da fotografia, dizendo:

Isso, que as fotografias acima apresentam, amigo leitor, não parece a Caxias que Você conhece. Não a Caxias da Praça Vestibular, da avenida Júlio de Castilhos e dos edifícios de concreto que, dia a dia, surgem novos e alterosos; a Caxias da indústria de vinhos e da Praça Dante, com suas aglomerações “chics” dos Sábado à tarde e Domingos cheios; a Caxias das metalúrgicas, das madeireiras, das tecelagens e de tantas outras indústrias; a Caxias das tardes esportivas, da Semana da Pátria e da Festa da Uva; não parece, enfim, a Caxias que nos costumamos apresentar aos estranhos ... Não parece nada disso; mas é Caxias. É a Caxias que devemos apresentar a todos os caxienses. A todos, mas, de modo particular, aos poderes públicos e aos cidadãos abastados; aos corações generosos e a quantos mais se interessem por fazer desta bela terra – um padrão de legítima democracia, de uma democracia social perfeita.¹⁰⁰

A foto e o fragmento serviram para dar início à reportagem que também fez uso do discurso irônico, com o objetivo de alertar à sociedade de que a representação idealizada, pujante e progressista da “Metrópole do Vinho”, *pioneiro* e/ou do *herói*

¹⁰⁰.O jornal *Diário do Nordeste* 08 ago. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

civilizador, era de uma cidade que possuía problemas sociais complexos, provenientes do próprio progresso contraditório de modernização e urbanização elitista.

Com relação às favelas de Caxias do Sul, Balbinot também aponta que

a favelização e a conseqüente marginalização e o aparecimento de grupos indesejados que representam ser uma realidade comum nas grandes cidades, como, por exemplo, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Porto Alegre, entre outras, no início do século XX, também começaram a se manifestar na cidade de Caxias do Sul [...]. (BALBINOT, 2014, p. 42).

Desse modo, em matéria de agosto de 1951, o *Diário do Nordeste* procurou associar o crescimento da favela, em Caxias do Sul, por meio da atração que era exercida pelo discurso do *pioneiro*, idealizador do “agigantamento progressivo das indústrias da cidade, o que eles supunham ser fonte inexgotável de empregos fáceis e fartamente remunerados”, o que ajudava a estimular a vinda de grupos, atraídos pelo “El-Dorado, onde se poderia viver à farta, com algum trabalho apenas a título de distração”.¹⁰¹

Segundo o jornal, a realidade experimentada pela maioria dos grupos, que buscavam melhores condições de vida, foi a de não se empregarem. Entretanto, sem garantia de “*apôio e conforto*” passaram a enfrentar um “ambiente de miséria e depressão de tantos outros vencidos, passaram a viver com êles, assimilados pela massa proletária e assimilando dela os naturais defeitos”.¹⁰² O jornal, por meio da matéria se posiciona não apenas frente à presença da exclusão social e econômica, como também sugere que os grupos de trabalhadores e/ou a massa operária adquirira os vícios e os defeitos decorrentes do próprio processo de modernização e urbanização. Tal posicionamento alertado pelo jornal pode ser identificado quando diz que *os marginais sem trabalho* juntamente com os operários esfarrapados vivenciavam situações de conflito, ou seja, entretinham-se nos

os intervalos entre o trabalho e as refeições, bebendo cachaça e dizendo obscenidades, pelos botequins, que deviam ser proscritos pela Higiene – êsse problema, comum a tôdas as grandes cidades, sempre se apresenta agravado, nos centros industriais. É o caso de Caxias. Não é um pequeno problema.¹⁰³

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² O jornal *Diário do Nordeste* 08 ago. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

¹⁰³ Idem.

A solução apresentada pelo jornal ao problema da existência dos “marginais” deveria ser resolvido pelo Poder Público, por meio da oferta de saneamento, saúde, transporte, iluminação, além do cuidado dispensado às ruas e às calçadas. Era necessário que os mesmos cuidados, que eram direcionados ao centro da cidade, se fizessem também presentes nos bairros periféricos de Caxias do Sul, como, por exemplo, no Burgo. Afirmava que tal postura teria por objetivo proporcionar também àqueles grupos sociais elementos que os integrassem à sociedade.

O homem a quem se faculte residir numa gleba inteiramente saneada, onde êle sinta a saúde dos seus tão garantida como a dos que residem no centro; num terreno arruado confortavelmente, onde êle sabe que, num caso de emergência, o médico pode atendê-lo, desembarcando o automóvel à porta; com luz em casa [...].¹⁰⁴

Segundo o jornal, vários eram os bairros denominados de *faveleiros*, os quais, geralmente, estavam localizados no entorno da área central da cidade. O perfil populacional era composto por

homens, ao menos, mas, não raro, também mulheres e menores – são gente que trabalha ou está oferecendo trabalho nas indústrias. Miseráveis que são, porém, uma vez desocupados, venderão seus braços, empregando-se por qualquer salário, à primeira oferta do empregador.¹⁰⁵

Provavelmente, a composição e o perfil dos grupos ditos *faveleiros* contribuíram para que o jornal publicasse matérias sobre as favelas caxienses, bem como desse maior atenção ao Bairro do Burgo que, segundo Machado (2001, p.143), “se constituiu na primeira favela da cidade, com todos os problemas que esse tipo de aglomerado pode apresentar.” Ainda segundo a autora, o Burgo estava localizado na face nordeste da cidade, com sua área de relevo acidentado o que não propiciou a continuação do arruamento, impedindo que o espaço fosse demarcado.

Como não foram reivindicadas pelo Município, permaneceram na condição de terras devolutas. Na década de 40, com o crescimento da cidade para face leste, a área não demarcada do Burgo começou a ser ocupada por pessoas muito pobres, vindas do interior, especialmente dos Campos de Cima da Serra. (MACHADO, 2001, p. 143).

¹⁰⁴Idem.

¹⁰⁵Idem.

Desse modo, para o *Diário do Nordeste*, a presença das contradições sociais foi decorrente do antagonismo entre o capital e o trabalho, ou seja, entre o grupo dos patrões como, por exemplo, Abramo Eberle, e o proletariado e/ou os operários da indústria nascente de Caxias do Sul.

O operário, urgido pelas necessidades, empregou-se por um salário que beira a irrisão e demonstra mesquinha por parte do empregador. Bem; não demora a descobrir, o operário, que sua receita caseira sobrepassa de muito a tudo o que está ganhando. Chega-se ao patrão, solicita um aumento. Este já viu o que o operário desenvolveu. Aumenta-lhe um pouco, se acha que mereceu bastante, e não lhe aumenta nada, se acha que mereceu pouco. O operário vê nisto uma injustiça. Começa a se desgostar do patrão, já não sente estímulo bastante, para se dedicar afincadamente ao trabalho. Já resvalou no tampo de um declive. A seguir, as necessidades, em casa, tendem antes a aumentar. E o ordenado do chefe da família ficou estacionário, porque, agora que seu rendimento na fábrica também estacionou, o industrial lhe negará sistematicamente qualquer aumento. Desanimado o operário acabará se convencendo que não sairá nunca do regime de miséria que iniciara... E, conformado ou inconformado, escorregará novamente pelo declive, até o fundo, Está encerrado o círculo vicioso: Um pobre vende por um nada seu trabalho, mas com grande vontade de melhorar. Capricha e é aumentado; vence uma, duas, ou mais etapas; mas suas necessidades familiares aumentam, ou com o número de filhos, ou porque lhe cai de velha a casa que lhos abriga. Um dia, o patrão lhe nega uma remuneração que êle reputa justa. Desgosta-se, descapricha, desanima. O fantasma da miséria abafa-lhe os últimos arrancos de reação.¹⁰⁶

Percebe-se no *Diário do Nordeste*, pela citação acima, que há algumas pistas que ajudam na desconstrução dos elementos utilizados pelo discurso do *Boletim Eberle*, quando constantemente afirmava que todos os operários seguidores do modelo do *herói civilizador* ou *pioneiro* “com o tempo se transformaram em verdadeiros mestres, em autênticos artistas [...] graças à orientação progressista e humana”¹⁰⁷ de Abramo Eberle. Contribui também no processo de desconstrução do discurso elaborado pelo *Boletim Eberle* quando identifica-se que os operários eram dependentes de ser ou não reconhecidos pela qualidade de seu trabalho. A tendência foi a de não transformarem suas condições de vida empobrecidas, mas a de ingressarem cada vez mais na pobreza, miséria e desestruturação familiar, não sendo incorporados à sociedade.

Novamente se pode identificar que o jornal, mesmo dizendo ser apartidário, não deixou de denunciar a questão social da fome, da miséria e do desemprego decorrente da própria contradição entre capital e trabalho. Também aproveitou para alertar o Poder

¹⁰⁶O jornal *Diário do Nordeste* 08 ago. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

¹⁰⁷*Boletim Eberle*, jun. 1956, p. 4. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

Público e também os patrões de que a proliferação dos denominados *faveleiros* e da massa de operários, que vivia à beira da miséria, abriria espaço para a efervescência de ideias comunistas.

Com relação à postura dos patrões, o jornal sugeria que eles agissem no sentido de amenizar a péssima situação econômica de seus operários, pois, caso contrário, “o mundo todo irá se comunizando progressivamente, desumanizando, despersonalizando”.¹⁰⁸

Afirmava que os patrões não poderiam negar a *reforma* necessária e urgente para que fosse alcançada a *justiça social*. E, em sua defesa, informou que as denúncias que estavam sendo realizadas sobre a situação dos *faveleiros*, não poderia ser entendida como a de um jornal adepto ao comunismo. No mesmo referencial, o de se defender do posicionamento político-partidário, o jornal destacou que pretendia entrevistar diretamente os *faveleiros*, para “ouvir deles próprios o que seja, viver como vivem, como e por que chegaram a isso”.¹⁰⁹

Nesse sentido, em 10 de agosto de 1951, realizou sua promessa, entrevistando o *maloqueiro em seu habitat*, ou seja, priorizou, dentre as várias favelas existentes em Caxias do Sul, o denominado Burgo, também conhecido como “Buraco Quente”. Ao realizar a matéria, disse que o jornal *Diário do Nordeste* optou por entrevistar de forma aleatória qualquer pessoa que estivesse circulando naquele espaço, com o objetivo de identificar aqueles que estivessem ou não inseridos no mercado de trabalho; bem como levantar sua procedência: se estava ou não inserido no mercado de trabalho; o pagamento do salário, além de procurar confirmar ou não o que dizia o senso comum, ou seja, de que o dinheiro era utilizado apenas na compra de bebidas alcoólicas.

Segundo a matéria, um dos moradores entrevistado abordou a dificuldade de encontrar um terreno no Burgo, para construir uma moradia. Respondeu que era proveniente da cidade de Torres e de estar *cansado de procurar emprego*. Relatou também que há 15 dias, ele e outros moradores estavam sem serviço, não havendo trabalho nem para os de baixa qualificação como, por exemplo, *para picareta, pá, enxada, qualquer coisa*. Um outro morador do Burgo, que foi entrevistado, disse que trabalhava por empreitada e que havia nascido e vivido naquele espaço, mas informou

¹⁰⁸O jornal *Diário do Nordeste* 08 ago. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

¹⁰⁹O jornal *Diário do Nordeste* 08 ago. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

que não conhecia seus moradores, quando afirmou: “A gente cuida de si mesmo, não é? E o resto, não se sabe”.¹¹⁰

Assim, os moradores entrevistados pelo *Diário do Nordeste* foram unânimes em afirmar a dificuldade de serem empregados e a heterogeneidade do grupo social que ali residia. Acredita-se que o Burgo foi um dos espaços que “recebia” diferentes grupos provenientes de variados lugares, bem como um grupo em movimento, que não tinha como estabelecer relações de vizinhança duradouras.

Além dos moradores, o jornal ainda entrevistou o comerciante e proprietário de um armazém, que confirmou a tendência de os assalariados irem ao seu estabelecimento, com o objetivo de gastar o seu salário e/ou ordenado em *bebidas e farra* (diversão). Revelou que tal comportamento o ensinava *a não vender fiado, nem mesmo a prazo*.

Há casos que um homem ganha Cr\$ 200,00 por semana, e em dois dias liquida com tudo. Os dias restantes são passados vegetando. Para dar uma proporção das compras que aqui se fazem, eu teria de dizer que seria de 2 quilos de mandioca para uma garrafa de cachaça.¹¹¹

Segundo o jornal, o comerciante entrevistado se chamava João Hofflinger, que afirmou, segundo seu entendimento, que como em qualquer lugar havia pessoas boas e maldosas, mas com relação ao Burgo, os “menos bons é que faziam a fama do lugar”.¹¹² Também se referiu que havia muita gente desempregada, especialmente os jovens entre 18 e 20 anos, pois eram os mais vulneráveis a todo tipo de deslizos, seja pela falta de perspectiva de um futuro melhor, quando empregado, e também de educação, pois a maioria não frequentava a escola.

O *Diário do Nordeste*, ao entrevistar os moradores do Burgo, procurou obter informações sobre a Igreja e a Escola administradas pelo Pe. Giordani. Neste aspecto, o comerciante Hofflinger disse que as famílias não acreditavam nem cooperavam com a escola, o que fazia com que os professores enfrentassem inúmeras dificuldades com os seus alunos como, por exemplo, sobre a tendência de não voltarem para a sala de aula, após o horário do recreio, preferindo outras atividades como jogar bola. Afirmou que os professores não conseguiam obter sucesso chamando a atenção dos alunos, mesmo

¹¹⁰O jornal *Diário do Nordeste* 10 ago. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

¹¹¹Idem.

¹¹²Ibidem, p.2.

quando os ameaçavam “com castigos ou mesmo chegam a aplicá-los, houve casos de pais que, à queixa do filho vieram aí para a escola, ‘querendo briga’”.¹¹³

O jornal *Diário do Nordeste*, em sua edição 14 de agosto de 1951, entrevistou o Pe. Eugênio Giordani, pároco da Igreja São Pelegrino e fundador da *Ação de Recuperação Social* (ARS), sendo responsável por auxiliar os moradores das favelas de Caxias do Sul. Segundo o Pe. Giordani, nada era mais angustiante que o problema dos “marginais da vida, que constituem uma das chagas mais vivas da civilização moderna”. Na entrevista, o Pe. Giordani apontou os mesmos problemas anteriormente identificados pelo jornal, ao dizer que os *marginais* viviam em condições desoladoras, em ambientes insalubres, propensos a doenças infectocontagiosas, pois lhes eram negados abastecimento de água, sabão, fossas sanitárias, luz elétrica e alimentação. Afirmou que havia falta de uma educação sanitária voltada para as famílias, levando em consideração que elas eram numerosas, compostas por “seis, sete, dez filhos próprios, mais a esposa; depois outros três, quatro ou até cinco filhos alheios, afilhados, sobrinhos, órfãos, o compadre decrépito, a comadre sem ninguém por ela [...]”.¹¹⁴

Ao descrever a favela, o Pe. Giordani afirmou que ela era uma espécie de moradia onde a maioria das famílias habitava verdadeiros casebres de uma única peça coberta de “lataria, sem janela, com uma porta de encostar, quando existe [...]. Alí no chão batido, vamos encontrar [...] uma lareira miserável, uma carência espantosa de tudo quanto seja primariamente necessária às mais elementares exigências da vida”.¹¹⁵ Outro problema apontado pelo Pe. Giordani era o fornecimento de água regular, além das péssimas condições sanitárias que poderiam ser agravadas, pois as mulheres eram obrigadas a utilizar um pequeno córrego para lavar as roupas de sua família. O referido córrego, segundo o padre, era um pequeno *fio de água*, que escorria do alto do morro e que percorria toda a extensão da favela do Burgo.

Os moradores, necessitando do precioso líquido, para lavar a própria roupa, represam, com pequenas barreiras, em todo o seu percurso, a pouca água que escorre pela encosta abaixo; aí vão colocando seus lavadouros. E, o que podemos contemplar, junto dos lavadouros das últimas donas de casa que se entregam ao mister de lavagem de roupa, em vez de um córrego de água, – contemplamos um líquido escuro, que se assemelha a uma substância oleosa

¹¹³O jornal *Diário do Nordeste* 10 ago. 1951, p. 2 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

¹¹⁴O jornal *Diário do Nordeste* 14 ago. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

¹¹⁵Idem.

e visguenta. Como será possível lavar roupa com água supersaturada de imundice? Como evitar [...] contrair os bacilos de que estão impregnadas as mesmas roupas, e os que descem das fossas sanitárias improvisadas, as quais abundam junto aos ranchos, e não deixam de esgotar para a valeta, por onde desliza o diminuto riachinho.¹¹⁶

Além das doenças decorrentes da falta de abastecimento regular de água, o Pe. Giordani também apontou a existência de uma outra doença, a tuberculose. Na época, a tuberculose era uma doença fortemente associada à situação de miséria e de pobreza dos habitantes daqueles casebres e atingia velhos, crianças e, principalmente, jovens. O Pe. Giordani, por meio da convivência com os grupos de *faveleiros*, especialmente do Burgo, observou que a tuberculose, quando atingia “um dos membros da família; êste será vítima do terrível mal e, com êle, um após outro, também os outros membros, fatalmente seguirão o mesmo caminho”.¹¹⁷ Além de apontar sobre a existência de dezenas de casos de pessoas com o bacilo da tuberculose no Burgo, afirmava que também era um mal que atingia outras favelas de Caxias do Sul, como, por exemplo, a *zona do cemitério* e a *zona Antunes*. O Pe. Giordani inclusive destacou que acompanhou muitos casos fatais, desde os primeiros sintomas de tosse, secreção sanguinolenta, falecimento e, conseqüentemente, o sepultamento.

A análise da situação dos *faveleiros*, na ótica do Pe. Giordani, levou-o a afirmar que naquele espaço, além da *miséria material e biológica*, existia também a *miséria moral*. Com relação à *miséria moral* apontou que a maioria dos “casamentos” não era legalizado e, conseqüentemente, as crianças nascidas desta relação não eram registradas. Tal contexto levou o padre a afirmar que, naquele ambiente, havia a tendência para a manutenção de um círculo vicioso, pois as crianças, a exemplo dos pais, tendiam a reproduzir o modelo de comportamento de seus familiares.

O *Diário do Nordeste*, em 19 de agosto de 1951, publicou a segunda parte da entrevista que foi realizada com o Pe. Giordani. Segundo o jornal, o padre apresentou um “plano de ação, sensato e nada utópico”¹¹⁸ que deveria ser incorporado pelo Poder Público municipal, dizendo que havia a necessidade de serem resolvidos os problemas sociais das favelas de Caxias do Sul, com o objetivo de evitar que se tornassem crônicos ou um mal maior, próprio do processo de urbanização e modernização da cidade.

¹¹⁶O jornal *Diário do Nordeste* 14 ago. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

¹¹⁷Idem.

¹¹⁸O jornal *Diário do Nordeste* 19 ago. 1951, p. 14 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014

Segundo a avaliação do Pe. Giordani, Caxias do Sul era uma cidade de grandes contradições e desigualdades sociais; afirmava ser possível observar a existência dicotômica, havendo uma “orgia de riqueza, de luxo e de futilidades, concentradas na mão de poucos” e, por outro lado, uma “desoladora miséria de muitos”.¹¹⁹ Tinha uma visão muito próxima a do jornal, sobre as contradições existentes entre trabalho e capital.

Dentre outras medidas idealizadas pelo Pe. Giordani, visando “libertar a cidade dessa dolorosa chaga social”,¹²⁰ representada pelo grande número de favelas existentes, estava em dar importância à questão educativa. Havia a necessidade de se criar um órgão voltado ao Serviço de Assistência Social, com o apoio do Poder Público municipal, para recuperar e reeducar as *massas marginais da vida*; elaborar e aprovar uma lei que proibisse a construção de novos casebres em espaços irregulares e/ou multa a proprietários de terrenos, que não construíssem suas casas, de acordo com o modelo idealizado pelo Serviço de Assistência Social.

No que diz respeito às moradias, um dos objetivos importantes idealizados pelo Pe. Giordani visava a construção de vilas operárias em áreas “estratégicas”, isto é, próximas das empresas onde estivessem empregados. A construção das vilas operárias também deveria ser objeto de regulamentação do Serviço de Assistência Social, que regularia o tamanho das casas, conforme o número de integrantes de cada família; priorizaria o fornecimento de água, luz e fossas sanitárias; construiria escola primária para as crianças; haveria alfabetização de adultos, oferta de cursos de corte e costura e de economia doméstica. Na matéria do jornal, o Pe. Giordani lembrava também que não poderia ser descuidada a questão da assistência médica e odontológica nas vilas operárias.

De acordo com as ideias do Pe. Giordani, as vilas operárias abrigariam os moradores das favelas que fossem transferidos, desde que obedecessem os *critérios pedagógicos morais e sociais*, que ficariam sob a responsabilidade do Serviço de Assistência Social. Nesse sentido, segundo o Pe. Giordani,

As casas com o respectivo lote não seriam *doadas* e sim *vendidas* aos maloqueiros, pois a doação pura e simples seria uma medida deseducativa e altamente anti-pedagógica, conforme a experiência ensina. E a *venda* seria,

¹¹⁹ Idem.

¹²⁰ O jornal *Diário do Nordeste* 19 ago. 1951, p. 2 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

principalmente para efeito educativo. O novo proprietário não poderá vender sua residência, a não ser depois de ter pagado o pagamento da última prestação.¹²¹

Um outro aspecto apontado pelo Pe. Giordani, para melhorar a sorte dos *faveiros*, foi a necessidade de criar uma *Agência de Colocação*, isto é, um órgão encarregado de (re)colocar no mercado de trabalho os desempregados. Ainda associado à pobreza e à miséria de alguns grupos sociais, uma outra preocupação abordada pelo jornal foi a de elencar o grande número de crianças abandonadas na favela e, especialmente, no Burgo.

Na coluna intitulada “Bom Dia”, o *Diário do Nordeste*,¹²² em junho de 1951, identificou o problema social relacionado às crianças moradoras das favelas de Caxias do Sul. Segundo o jornal, as crianças sofriam em função do frio e da falta de agasalhos, principalmente na estação de inverno. Nesse sentido, o jornal reafirmou as péssimas condições dos *casebres amontoados*, que *abrigavam crianças mal vestidas*, praticamente nuas muitas delas. Muitas vezes eram vítimas da própria irresponsabilidade de seus pais de abandono, bem como de não haver maior atenção da sociedade e do Poder Público, voltada para os menores. Segundo o jornal, existiam casos angustiantes e dolorosos como, por exemplo, o de uma viúva, com filhos pequenos. Viviam o paradoxo de não conseguir sustentar sua família, mesmo vendendo sua força de trabalho em uma indústria da cidade. Porém, não tinha com quem deixá-los, pois,

após preparar uma humilde refeição, para seus filhinhos, como o café matinal tranca-os todos dentro do rancho, fechado por fora a porta, e, ali aquelas pobres crianças ficam aguardando a volta da mãe, ao meio-dia, quando, então, poderão almoçar; mas, que almoço!? – E o turno da tarde também é passado melancolicamente, por essas crianças, no fundo de uma desolada choupana.¹²³

A leitura do *Diário do Nordeste* ofereceu a visão de uma outra Caxias do Sul, a de uma cidade com suas contradições decorrentes do processo de modernização e

¹²¹O jornal *Diário do Nordeste* 19 ago. 1951, p. 02 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

¹²²O jornal *Diário do Nordeste* 08 jun. 1951, p. 3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

¹²³O jornal *Diário do Nordeste* 14 ago. 1951, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

urbanização, não aquela idealizada pelo discurso do *Boletim Eberle*, ou seja, do *pioneiro* e do *herói civilizador*.

5 ENTRE O ESTIGMA E O PRECONCEITO

O presente capítulo procura identificar o significado do Bairro Desvio Rizzo de Caxias do Sul, por estar distante do processo de urbanização e modernização, que ocorreu no centro urbano da cidade. A princípio, acredita-se que por estar localizado fora do perímetro urbano e, também, por estar situado naquele espaço um frigorífico, esses fatores tenham contribuído para a sua estigmatização, bem como para o silenciamento de sua importância no desenvolvimento regional.

5.1 A RELAÇÃO ENTRE O BAIRRO DESVIO RIZZO E O URBANO

Atualmente, o Bairro Desvio Rizzo está localizado a aproximadamente 8 quilômetros do centro histórico de Caxias do Sul. Entre os anos de 1938 a 1960, tal distância seria maior, pois não havia meios de transporte público regular e calçamento, o que dificultava o deslocamento de seus habitantes.

Segundo o jornal *Pioneiro*,¹²⁴ de acordo com a matéria intitulada “Recordando”, na década de 40 do século passado, para percorrer a distância de 8 quilômetros entre o Bairro Desvio Rizzo e o centro urbano de Caxias do Sul, o tempo gasto era de uma hora e meia, aproveitando a linha de ônibus que ligava Porto Alegre e o Município de São Sebastião do Caí, e depois subia a Serra até Caxias do Sul.

No Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no RS (1950), é possível identificar o mapa (Figura 6) que nos oferece um breve panorama da localização do Bairro Desvio Rizzo, em relação ao centro histórico de Caxias do Sul. A distância observada, conforme ilustra o mapa, foi amenizada na década de 50 do século XX, com a abertura de uma nova estrada, que se propunha ligar o centro da cidade e o Bairro Desvio Rizzo.

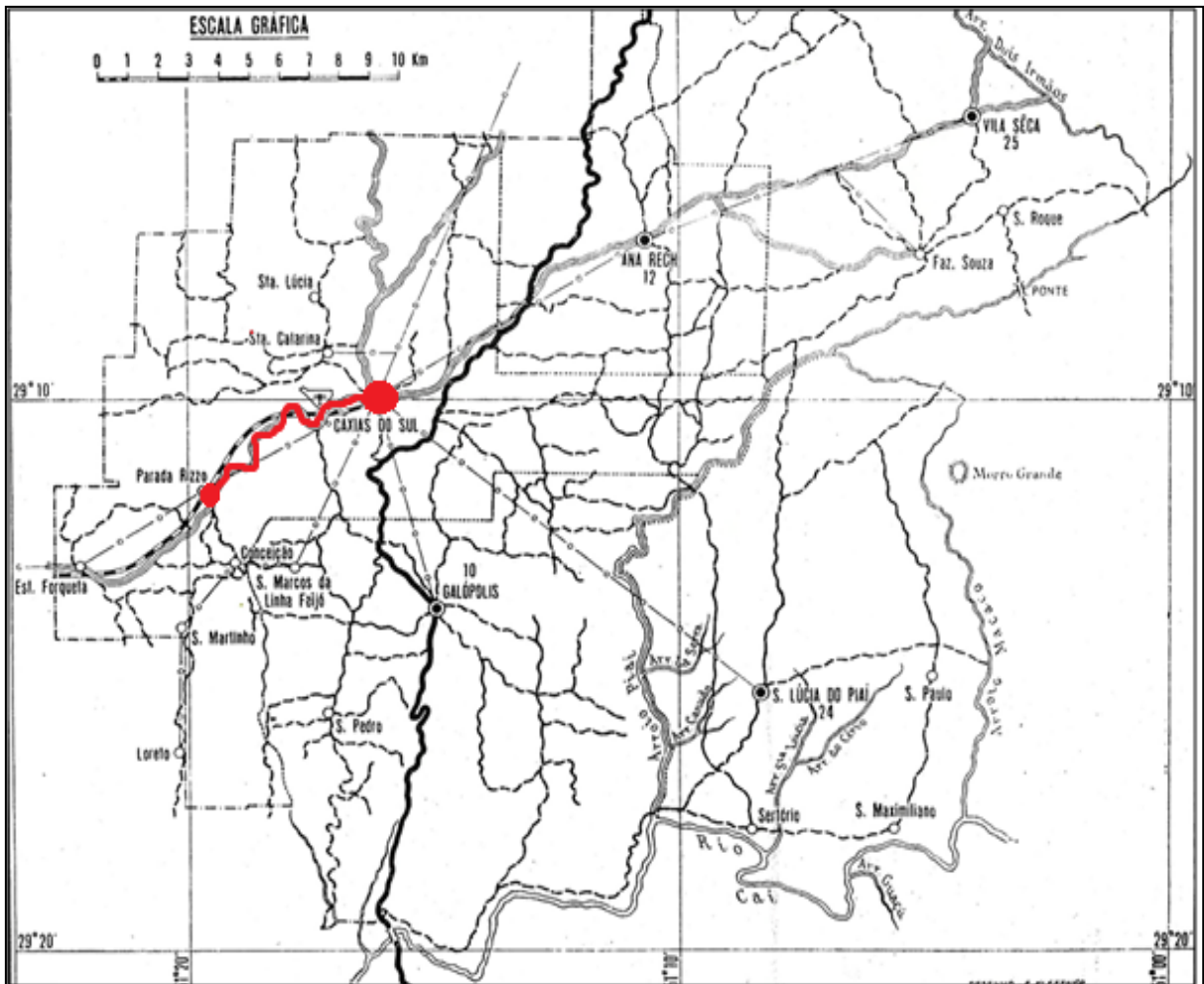
Segundo o jornal *Diário do Nordeste*,¹²⁵ de 1952, tal empreendimento partiu da iniciativa particular da família Sanvitto, pois ela pretendia lotear parte de suas terras. O loteamento da família Sanvitto, denominado Bairro Floresta, deveria se localizar entre o Bairro Desvio Rizzo e o centro da cidade, passando a contar com a Avenida dos

¹²⁴O jornal *Pioneiro* 04 jul. 1986, p. 20 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=38827&p=1&Miniatura=true&Texto=true>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

¹²⁵O jornal *Diário do Nordeste* 24 jul. 1952, p. 3 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=48505&p=0>>. Acesso em: 25 maio 2014.

Eucaliptos, que proporcionou a redução de 2 quilômetros entre o Bairro Desvio Rizzo e o centro urbano de Caxias do Sul.

Figura 6 – Mapa do Município de Caxias do Sul



Fonte: Adaptado de ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RS (1950, p. 149).

Conforme o jornal *Diário do Nordeste*,¹²⁶ de julho de 1952, a nova estrada, além de encurtar a distância entre o Desvio Rizzo e o centro urbano da cidade, também contribuiu para diminuir o trajeto entre as cidades de Caxias do Sul e Farroupilha. O jornal destacou que tal empreendimento desviou o tráfego de automóveis e caminhões da antiga e *tortuosa* estrada municipal, que antes ligava o centro urbano da cidade e o Bairro Desvio Rizzo, e de outras cidades da região como, por exemplo, Farroupilha. O

¹²⁶O jornal *Diário do Nordeste* 27 jul. 1952, p. 14 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simple=1>>. Acesso em: 25 maio 2014.

jornal apontou que a abertura do trecho final da nova estrada ficou a cargo do Frigorífico Rizzo, pois seu traçado cortaria as terras onde estava localizada a empresa.

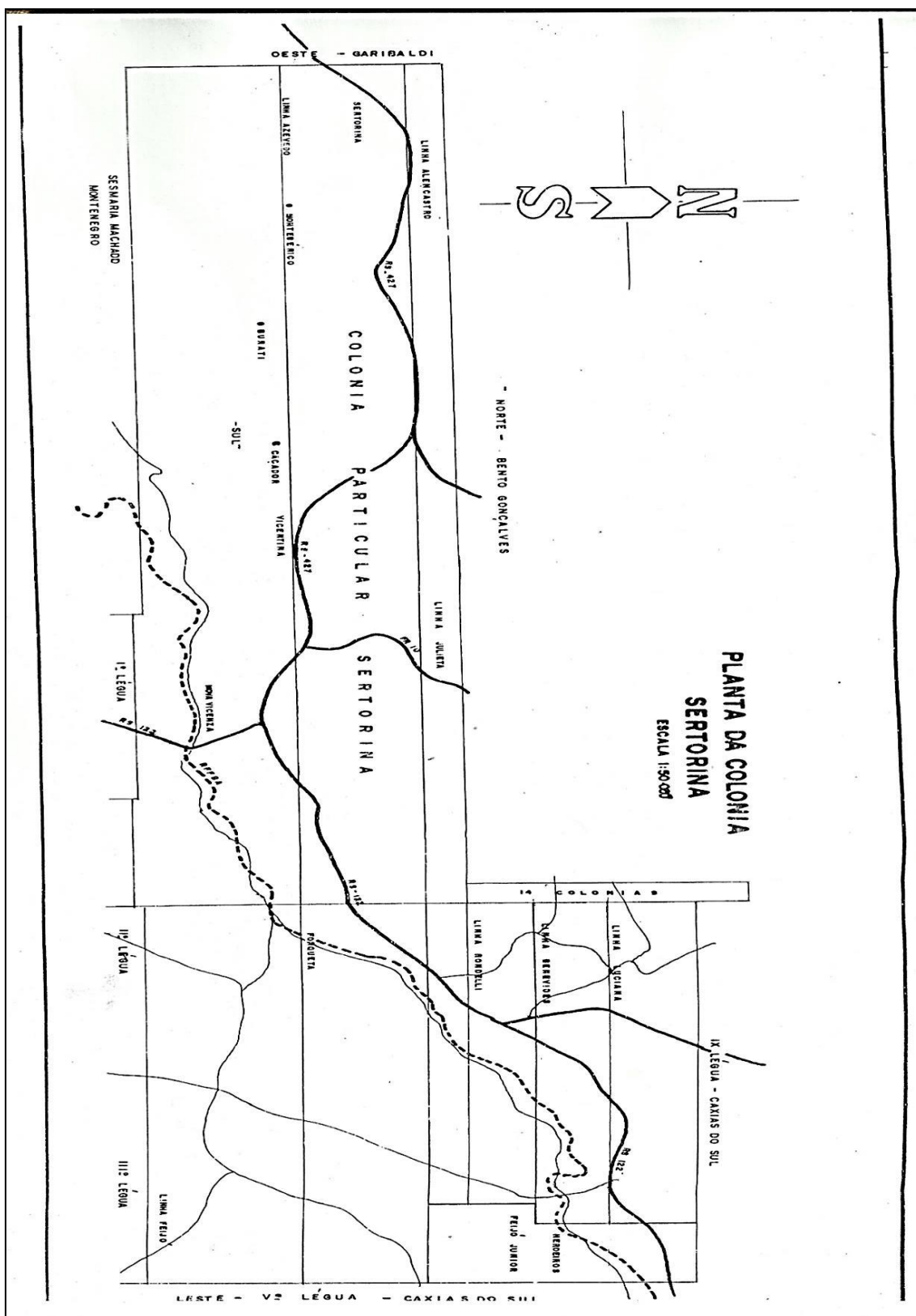
Historicamente, o surgimento do Bairro Desvio Rizzo está relacionado à presença da Colônia Sertorina, que era uma sesmaria que pertenceu ao fazendeiro Luís Antônio Feijó Júnior.¹²⁷

Segundo Adami (s/d p.16), em 1870, Feijó Junior recebeu a incumbência do então presidente da Província do Rio Grande do Sul, João Sertório, para organizar uma expedição de reconhecimento do território denominado “Campos dos Bugres”, onde hoje está localizada a cidade de Caxias do Sul, bem como a expedição tinha por objetivo recolher amostras do solo para serem enviadas aos laboratórios do Império, a fim de identificar que tipo de produtos poderiam ser ali cultivados. Adami apontou que as referidas amostras do solo revelaram que ele seria adequado para o cultivo do trigo e da parreira.

Gasperin (1989, p.68) destacou que, em função dos serviços prestados, Feijó Júnior recebeu de João Sertório uma sesmaria *de três léguas quadradas* localizada ao lado das terras que seriam destinadas à imigração italiana. A autora destacou também que Feijó Júnior, “em homenagem ao amigo, benfeitor”, nomeou a referida sesmaria recebida de Colônia Sertorina. A autora também apresenta um mapa da Colônia Sertorina (Figura 7), onde é possível observar os limites e as confrontações daquelas terras. Conforme o mapa apresentado pela autora, os limites da Colônia Sertorina eram: “a leste, a 5ª Léguas de Caxias; ao norte, a 9ª de Caxias e em linha reta a Colônia Dona Isabel (Bento Gonçalves); a oeste a Colônia Conde D’Eu (Garibaldi); ao sul, a 3ª, 2ª e 1ª Léguas de Caxias e a Sesmaria de Antônio Machado de Souza”. (p. 93).

¹²⁷ Era natural de Bom Jesus, na época 2º Distrito do Município de Triunfo, RS. Ainda jovem mudou-se para a cidade de Pelotas, onde conheceu João Sertório, que se tornou amigo e companheiro de negócios. (GASPERIN, 1989, p. 67).

Figura 7 – Mapa da Colônia Particular Sertorina.



Fonte: GASPERIN, Alice. **Farroupilha**: ex-Colônia Particular Sertorina Caxias do Sul, RS: Ed. do autor, 1989. p. 360.

Stormowski (2010), em suas análises, destacou que a Colônia Sertorina possuía cerca de 13.068 hectares e, “para promover a colonização nas novas terras Feijó Júnior vendeu sua fazenda, em Bom Jesus, que era então 2º Distrito de Triunfo, e mudou-se para a Colônia Sertorina, cuja colonização iniciou na parte leste, junto à Colônia Caxias, em 1881”. (2010, p.150). Segundo a autora, desde a década de 90 do século XIX, a população da Colônia Sertorina pagava seus impostos, em Caxias.¹²⁸ Assim, conforme a autora, foi quando a colônia particular passou a ser denominada de Nova Vicenza, na época distrito de Caxias, até o ano de 1934, quando então se emancipou constituindo o Município de Farroupilha. (STORMOWSKI, 2010, p.150).

Ao procurar elementos sobre o histórico do Bairro Desvio Rizzo, é possível identificar a carência de fontes e, conseqüentemente, poucas informações a respeito. Entretanto, ao longo da presente pesquisa, localizou-se algumas matérias de jornais locais como, por exemplo, o jornal *Pioneiro*¹²⁹ e o jornal *Uno Fato*,¹³⁰ os quais tendem a identificar que a origem do Bairro Desvio Rizzo esteve relacionada à implantação do Frigorífico Rizzo, em 1938.

O jornal *Pioneiro*, em 1986 passou a publicar várias matérias que foram intituladas “Conheça sua Cidade”, as quais tinham por objetivo apresentar parte do histórico dos vários bairros da cidade de Caxias do Sul. Assim, em junho de 1986, o jornal *Pioneiro*¹³¹ abordou a origem do denominado Bairro Desvio Rizzo, como sendo decorrente da existência de um ramal da linha férrea, que era ali desviada. O desvio tinha por objetivo facilitar o carregamento de madeira das serrarias ali localizadas, devido à abundância de pinheiros existentes naquele local. A princípio, o desvio da linha férrea permitiu que aquele espaço fosse conhecido por “Desvio Blauth”, em alusão à serraria da família Blauth.

¹²⁸Caxias do Sul, em sua formação e em seu processo de emancipatório passou por várias denominações: em 1871, passou a ser denominada de Campo dos Bugres, Colônia aos Fundos de Nova Palmira; em 1872; Colônia Caxias, em 1877; Caxias do Sul, em 1944. (GIRON, 1977, p. 69-72).

¹²⁹Conforme a ficha descritiva do Projeto de Digitalização de Jornais de Caxias do Sul, Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, o jornal *Pioneiro* passou a circular semanalmente em 4 de novembro de 1948, com o nome de *O Pioneiro*. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=59624&p=0>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

¹³⁰ Conforme a ficha descritiva do Projeto de Digitalização de Jornais de Caxias do Sul, Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, o jornal *Uno Fato* passou a circular mensalmente em 11 de novembro de 1997, com assuntos relacionados aos interesses do Bairro Desvio Rizzo. Em 3 de julho de 1999, passou a circular quinzenalmente. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=59625&p=0>> Acesso em: 12 jul. 2015.

¹³¹ O jornal *Pioneiro*, 14 jun. 1986, p.18 Disponível em:

<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simple=1>>. Acesso em: 2 maio 2014.

No mesmo mês de junho de 1986, o jornal *Pioneiro*¹³² entrevistou alguns moradores do Bairro Desvio Rizzo como, por exemplo, o casal Ângelo Domingos Sartor, que informou possuir 82 anos de idade e de sua esposa Odila Sartor ter 81 anos. Na época da entrevista, disseram ser os moradores mais antigos, pois, segundo informações por eles reveladas, estariam ali desde o ano de 1933. O casal também informou o nome de outras famílias que residiram no Bairro Desvio Rizzo, apontando os nomes de: Pedro Poloni, Cristiano Ramos de Oliveira e Alexandre Zattera.

O jornal, em relação ao desenvolvimento daquele espaço, informou que até a década de 30, do século XX, o bairro estava isolado, pois a única forma de ligação que possuía com o centro urbano da cidade de Caxias do Sul dependia da antiga estrada municipal. Segundo o jornal, a estrada municipal não recebia nenhum tipo de manutenção, além de ser muito estreita, permitindo apenas o tráfego de carretas e de cavalos. Acredita-se que tal dificuldade de deslocamento talvez explique o quanto o Bairro Desvio Rizzo encontrava-se distante do processo de modernização e urbanização de Caxias do Sul e, conseqüentemente, da posição de destaque econômico.

Porém, segundo o jornal, o grande impulso populacional do Bairro Desvio Rizzo ocorreu com a instalação do Frigorífico Rizzo, em 1938. O Frigorífico conseguiu atrair um grande número de empregados, de diversas cidades do RS e do Brasil, além de estrangeiros, segundo dados presentes nas Fichas de Registros de Empregados da própria empresa. O jornal ainda apontou que, além da oferta de vagas de emprego, o frigorífico passou a oferecer energia elétrica ao bairro, pois naquela época possuía geradores próprios.

Na mesma edição, o jornal, por meio da matéria intitulada “No apito do trem, a lembrança do passado”,¹³³ informou que, após a instalação do Frigorífico Rizzo, foi também construída uma estação da linha férrea junto à empresa. A referida linha férrea tinha por objetivo ligar a cidade de Porto Alegre a Caxias do Sul, bem como a Farroupilha e Passo Fundo, entre outras cidades. A linha férrea na década de 30, do século XX, era o único meio de transporte diário responsável em transportar as pessoas para o centro da cidade de Caxias do Sul. Segundo o jornal, entre 1940 e 1950, circulava diariamente, também pelo Bairro Desvio Rizzo, um trem de passageiros e três de carga.

¹³²O jornal *Pioneiro*, 17 jun. 1986, p. 11 Disponível em:

<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 2 maio 2014.

¹³³ Idem.

Em 2004, o jornal *Uno Fato*,¹³⁴ por meio da coluna intitulada “Vita immigrante” publicou uma série de matérias sobre a história da imigração italiana na região, quando também abordou o histórico do Bairro Desvio Rizzo. Em sua edição de agosto de 2004, identificou Pedro Poloni, como sendo um dos primeiros moradores do Bairro Desvio Rizzo. Pedro Poloni foi apresentado como sendo filho de imigrantes italianos que, em 1889, adquiriu terras da família Blauth; além de ter auxiliado a construção da estrada de ferro, Pedro Poloni também foi apontado como responsável por doar o terreno para a construção da primeira igreja do Bairro Desvio Rizzo, onde hoje está localizada uma praça que leva o seu nome.

Na edição de outubro de 2004, o jornal *Uno Fato*,¹³⁵ em matéria intitulada “Um Desvio para o Rizzo”, afirmou que a origem do Bairro Desvio Rizzo também estava associada à construção do Frigorífico Rizzo. Segundo o jornal, houve um acordo entre a direção do frigorífico e a *Viação Férrea do Rio Grande do Sul* (VFGRS), para a instalação de uma estação da ferrovia no Frigorífico Rizzo. Tal acordo fez com que a estação ficasse conhecida por Estação Rizzo.¹³⁶ A construção e a instalação da estação férrea, junto ao frigorífico, fez com que fosse criado um desvio, com o objetivo de facilitar o descarregamento de bois e ovelhas, pois o trem era o meio de transporte mais eficiente para a condução dos rebanhos provenientes da região da Campanha do RS. Assim, segundo o jornal, o frigorífico “teria um DESVIO para o RIZZO”.

Após ser desativada, a estação férrea do Desvio Rizzo serviu como moradia a algumas famílias de funcionários da extinta VFGRS. Porém, ao ser abandonada, na década de 90 do século passado, a estação férrea sofreu um incêndio, que destruiu grande parte de sua estrutura, restando somente as paredes construídas em alvenaria, conforme ilustram as figuras a seguir.

¹³⁴ O jornal *Uno Fato*, 5 ago. 2004, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 31 maio 2014.

¹³⁵ O jornal *Uno Fato*, 7 out. 2004, p. 8 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 19 maio 2014.

¹³⁶ Segundo o *site* Estações Ferroviárias do Brasil, a Estação Rizzo foi inaugurada em 10 de outubro de 1938. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/desvio.htm>. Acesso em: 20 ago. 2015.

Figura 8 e 9– Ruínas da estação férrea do Bairro Desvio Rizzo, construída em 1938



Fonte: Autor (2014).

5.2 FRIGORÍFICO RIZZO: A DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO PARA O ABATE DE ANIMAIS

Após a implantação da República no Brasil, a cidade de Caxias do Sul publicou o seu Código de Posturas em 1893.¹³⁷ Segundo Balbinot (2014, p. 44-45), em 20 de junho de 1890, Caxias foi elevada à categoria de município, deixando de fazer parte de São Sebastião do Caí. Conforme a autora, Caxias não contava com uma legislação própria, que regulasse a sua organização e administração do espaço geográfico e do

¹³⁷ Disponível no *site* da Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul. <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=18712&p=0>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

comportamento da sociedade caxiense. A falta de uma legislação própria fez com que o governo do RS autorizasse que Caxias aplicasse o mesmo Código de Posturas de São Sebastião do Caf. Entretanto, em 5 de março de 1893, o intendente Antônio Xavier da Luz sancionou o primeiro Código de Posturas do Município de Santa Thereza de Caxias.

O Código de Posturas de 1893, no que diz respeito ao abate de animais, em seu Capítulo XVI, art. 126 (p.15), procurou normalizar e estabelecer o funcionamento dos açougues e de um matadouro municipal, além de coibir o abate de animais em locais não autorizados, quando afirmou que “abater gado para o consumo publico sem ser no matadouro municipal ou em lugar para esse fim destinado pela intendência” seria punido com multa de 8\$000. (oito mil-réis).

Balbinot (2014, p. 61) apontou também que “para viabilizar o controle da vida coletiva e garantir o crescimento higiênico e ordenado da cidade, o Poder Público repensou a legislação municipal”, quando o intendente municipal, José Pena de Moraes (1912-1924), designou ao secretário municipal, Demétrio Niederauer, a elaboração de um novo Código de Posturas. Pena de Moraes, considerando como sendo ultrapassado o Código de Posturas de 1893, afirmava que ele era *insuficiente* para atender as demandas de uma cidade em crescimento. O novo código foi denominado “Código Administrativo”,¹³⁸ e foi sancionado em 7 de dezembro de 1920, quando passou a vigorar a partir de 1º de janeiro de 1921.

O Código Administrativo de 1920, em seu Capítulo VIII (p.16), tratou das regulamentações para o funcionamento dos açougues e matadouros da cidade. Em seu art. 46, havia a proibição de serem abatidos e esquarterados os animais para consumo público e/ou particular, fora do espaço dos matadouros públicos e/ou privados licenciados, bem como estabelecia multa de (50\$000) cinquenta mil-réis aos infratores.

Quanto às questões sanitárias dos matadouros, o novo Código Administrativo também determinou, em seu art. 49, que os matadouros teriam um fiscal nomeado pela Intendência, com a atribuição de fiscalizar os animais antes e depois de serem abatidos e, somente após ser realizada a devida fiscalização, a carne do animal poderia ser comercializada e consumida pela sociedade.

O código também determinava as regras para o funcionamento dos açougues, no Município de Caxias, pois, conforme o art. 51, os estabelecimentos destinados ao

¹³⁸ Disponível no *site* da Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul. <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=18712&p=0>>. Acesso em: 16 set. 2015.

comércio de carne deveriam ter as paredes revestidas de azulejo, cimento e/ou gesso até a altura de dois metros, além de ser obrigatório que elas fossem diariamente lavadas. O chão desses estabelecimentos deveria ser de concreto e/ou ladrilhado. Segundo o art. 52, as mesas destinadas à exposição das carnes deveriam ser revestidas de mármore e/ou zinco, bem como avisava aos proprietários dos açougues que, se não seguissem o Código Administrativo, seriam multados no valor de (50\$000) cinquenta mil-réis e, em caso de reincidência, a licença de funcionamento do estabelecimento seria cassada.

Nesse sentido, a partir da leitura dos Códigos de Posturas de 1893 e do Código Administrativo de 1920, é possível observar que houve certa preocupação do Poder Público, com relação às questões sanitárias referentes ao abate de animais e à comercialização de carne. No entanto, foi possível observar que, a partir da implantação do Código Administrativo de 1920, conforme determinado pelos arts. 49, 51 e 52, houve, por parte do Poder Público, certo controle sobre os estabelecimentos de abate de animais e de comercialização da carne, no Município de Caxias.

O funcionamento de um frigorífico simbolicamente dizia respeito à presença do sangue e do odor, bem como das péssimas condições sanitárias desses estabelecimentos e da presença da insalubridade que era enfrentada pelos seus operários.

O escritor norte-americano Upton Sinclair (1878-1968),¹³⁹ por meio de sua obra procurou denunciar as péssimas condições sanitárias presentes no ambiente de trabalho dos frigoríficos, quando observou o funcionamento daqueles existentes na cidade de Chicago, EUA, na primeira década do século XX. Sinclair, por meio da obra *The Jungle*¹⁴⁰ ([1906] 1965), narrou a história do imigrante lituano Jurgis Rudkus e de sua família, recém-chegados nos EUA, os quais enfrentaram as precárias condições de trabalho da indústria da carne. Na obra, o autor apontou e denunciou a realidade do trabalho nas indústrias da carne e/ou frigoríficos, descrevendo como ela era produzida e eram comercializados os seus diferentes derivados. Sinclair, ao referir-se sobre a contaminação da carne e as doenças dos operários, decorrentes da industrialização da mesma, apontou que os animais chegavam aos matadouros doentes. Entretanto, não havendo seleção deles, muitos mesmo doentes eram abatidos e sua carne industrializada e comercializada. Nesse sentido, Sinclair afirmou:

Há um inspetor do governo lá, mas ele é facilmente convencido a sair para tomar café ou fumar.

¹³⁹ Disponível em: < http://www.nytimes.com/ref/timestopics/topics_uptonsinclair.html > Acesso em: 15 jul. 2015.

¹⁴⁰ A Selva.

Então o capataz traz as vacas doentes para dentro...
Vacas prenhes, com as costas ou membros quebrados.
Gado com doenças terríveis que nunca vi antes.
Quando o inspetor volta, já terminamos o serviço sujo.¹⁴¹

O autor, segundo a citação acima, denunciou que uma estratégia para abater qualquer animal era o suborno dos fiscais, que ajudavam na não ocorrência de um real controle da qualidade dos animais que eram transformados em diferentes produtos.

As denúncias de Sinclair também diziam respeito aos animais que eram abatidos para a produção de carne enlatada, que consistia muito mais no armazenamento da sujeira recolhida do chão do matadouro, do que da carne dos animais. O autor neste aspecto dizia:

Os ralos não dão vazão.
É quando eu sou chamado.
Corro para a mesa do açougueiro com uma vassoura.
Eles gritam: “Velho venha cá”...
Quando o sangue nos seus pés está muito alto.
Mas o curioso é que o ralo não leva a lugar algum.
Há uma caixa embaixo do chão recolhendo tudo.
Para onde essa coisa vai?
Ponho num barril para fazer carne enlatada.¹⁴²

Todas as denúncias da sujeira, insalubridade e das doenças, que foram apontadas em detalhes por Sinclair, sobre o que e como era realizada a industrialização da carne, levaram o então presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, a decidir por uma mudança de postura com relação aos frigoríficos, que na época ainda não eram objeto de uma efetiva fiscalização. Por determinação presidencial, foram criados nos EUA órgãos fiscalizadores, com o objetivo de acompanhar as reais condições sanitárias que envolviam a indústria da carne.

Segundo a análise do vídeo *Grandes livros: a selva*, antes das denúncias realizadas por Sinclair, as mortes decorrentes do consumo de carne enlatada, que estava contaminada, eram consideradas como algo natural, pois havia desconhecimento do processo de fabricação e, conseqüentemente, da sua contaminação. Em 1900, na guerra Hispano-Americana, ocorreu a morte de 1000 soldados norte-americanos, devido ao consumo de carne enlatada contaminada. Segundo o vídeo, este número foi quase três vezes maior do que as baixas causadas pelas tropas espanholas.

¹⁴¹ Grandes Livros: A Selva - Upton Sinclair - YouTube. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=TEM8JVw0tvo>. Acesso em: 25 fev. 2015.

¹⁴² Grandes Livros: A Selva - Upton Sinclair - YouTube. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=TEM8JVw0tvo>. Acesso em: 25 fev. 2015.

As denúncias do autor somente foram possíveis, porque o próprio Sinclair viveu a experiência de trabalhar nos frigoríficos de Chicago. Experiências que foram reunidas na obra intitulada *The Jungle*, que foi publicada em 1906. Para alcançar seu objetivo de denunciar a exploração experimentada naqueles ambientes, Sinclair arriscou sua própria vida, quando se disfarçou de operário infiltrando-se nas “fábricas da morte”, do distrito industrial de Packingtown, em Chicago.

O autor, misturando-se ao grande número de operários que vendiam sua força de trabalho em um ambiente “insalubre e imundo”, conseguiu observar que os trabalhadores se submetiam a longas jornadas de trabalho, esfolando animais, muitas vezes já doentes e, retalhando a carne morta, que era transformada em alimento. Segundo o autor, o salário era miserável e os operários daquelas indústrias eram tão ou mais maltratados que o “alimento” que produziam. Segundo o autor, naquele ambiente de trabalho a vida não valia nada, uma vez que se algum operário se ferisse e/ou sofresse alguma queda, devido ao chão escorregadio era logo descartado, pois havia centenas de pessoas desempregadas, principalmente compostas por imigrantes, à espera por uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho.

Dias (2009), ao analisar o ambiente e as condições de trabalho dos operários que exerciam suas atividades nos frigoríficos, a exemplo de Sinclair, destacou que ali era um lugar com

um cenário de horrores: a limpeza da sala de matança; a feitura dos embutidos – na qual entravam todas as carnes estragadas ou rejeitadas pelos importadores, ratazanas mortas, águas imundas –, em que a velocidade das máquinas freqüentemente levava os dedos de mulheres e meninos; a moagem dos ossos, cujo pó fino e fétido penetrava os poros e cobria os trabalhadores como um véu macabro. Só a extrema miséria levava a aceitar, relutantemente, tais condições de trabalho e quem o aceitava já se sabia morto. Em suma, o processo produtivo da carne comestível é a metáfora de que se utiliza o autor para falar da aniquilação de trabalhadores: “do boi só se perde o berro”, diz Sinclair, o que se estende à força de trabalho. (DIAS, 2009, p. 22).

Segundo a autora, apesar de Sinclair, realizar suas denúncias, com o objetivo de denunciar as condições de trabalho dos operários, destacou que ele havia mirado o coração de seus leitores e acabara acertando-lhes o estômago, pois a situação do trabalho não foi alterada. (DIAS, 2009, p. 22). Assim, sua obra foi mais sensível à sociedade quanto à industrialização da carne, do que em relação à exploração da mão de obra.

Bosi (2013) analisou a obra de Sinclair, dizendo que o frigorífico era uma indústria ou um sistema de “desmontagem” utilizando-se basicamente de uma mão de obra barata e pouco qualificada, que segundo o autor ajudava a sustentar a “bilionária indústria da carne”, dos EUA. A “linha de desmontagem” descrita por Sinclair, para Bosi, também serviu de inspiração para Henry Ford, quando utilizou-se dela para criar a primeira linha de montagem de sua fábrica de automóveis, a partir de 1913. (2013, p. 311).

Bosi (2014a p. 279) também ensina que a indústria frigorífica nasceu nos EUA, no século XIX, a partir da combinação da presença de matéria-prima abundante e do trabalho barato, bem como de uma rede de transportes que ajudou a facilitar a distribuição dos produtos de base animal, que foram industrializados como, por exemplo, a carne congelada e os enlatados. Segundo o autor, foi o “trabalho artesanal dos açougueiros que forneceu a base técnica” para o surgimento da indústria frigorífica. Nesse sentido, destaca o exemplo de Phillip Armour e Gustavus Swift, como sendo os fundadores dos frigoríficos *Armour* e *Swift*, pois eram “açougueiros de ofício”. Conforme o autor, esses estabelecimentos foram instalados, em Chicago, a partir de 1860, dizendo que eles

fizeram fortuna despachando carne acondicionada em barris de salmoura para regiões distantes nos EUA, particularmente o Oeste, que era o alvo de milhares de famílias de colonos. Na década de 1870, o desenvolvimento do transporte refrigerado possibilitou o envio de carne para regiões ainda mais distantes. Bois e porcos eram abatidos em toneladas, retalhados, empacotados, congelados, transportados e vendidos. (BOSI, 2014a, p. 279).

Para o autor, o frigorífico norte-americano *Armour* foi o primeiro a ampliar seus domínios para a América do Sul, com a compra de matadouros e charqueadas da região do Prata, localizados na Argentina e no Uruguai.

Nesse referencial, diz que no Brasil e, em parte da Europa, a construção de matadouros foi obra do Estado, pois já havia certa preocupação com as questões “sanitárias e higienistas”, quando aponta que

a maioria das cidades criou seu matadouro municipal para eliminar o trânsito de animais, o mau cheiro, o sangue e o barulho [...]. A inauguração de um dos primeiros matadouros no Brasil, no Rio de Janeiro, em 1881, contou com a presença de D. Pedro II, que assistiu ao trabalho dos açougueiros. (BOSI, 2014a, p. 285).

Araújo (2002), em suas análises, avalia que os matadouros existentes no Brasil, até a primeira década do século XX, funcionavam também em precárias condições sanitárias e de higiene. Afirma que não existiam nesses estabelecimentos câmaras de refrigeração, nem para o armazenamento nem para o transporte da carne. Além disso, a autora ressalta que, nos matadouros, havia a proliferação de germes e de “moléstias trazidas por urubus que povoavam o local”. (ARAÚJO, 2002, p. 24). Conforme a autora, o primeiro estabelecimento frigorífico brasileiro, baseado nos moldes modernos, foi a denominada *Companhia Frigorífica e Pastoril de Barretos*, que iniciou suas atividades, em 1913, quando também passou a exportar seus produtos no ano seguinte. A *Companhia Frigorífica e Pastoril de Barretos* era propriedade da família Prado, também conhecida pela atividade de exportação do café. A implantação de um frigorífico no Brasil, nos moldes modernos, segundo a autora, significou um investimento inédito, que necessitou a importação de um maquinário, além do serviço de “cargos técnicos estrangeiros”. (ARAÚJO, 2002, p. 26-28). A autora aponta que o material utilizado no matadouro, na fabricação de subprodutos de base animal e as câmaras frigoríficas ficaram a cargo da empresa francesa *Sociedade Dyle et Balacan*, que na época estava localizada em Paris, enquanto que a mão de obra especializada veio principalmente da Argentina e dos Estados Unidos. (ARAÚJO, 2002, p. 30). A *Companhia Frigorífica e Pastoril de Barretos*, na época, estava localizada na Fazenda Pitangueiras, no Município de Barretos, São Paulo, e foi vendida em, 1923, para o grupo britânico *Anglo S/A*.

Com relação à implantação da indústria da carne no RS, é possível inferir que, historicamente, é uma região que teve na pecuária, por muito tempo, a sua principal atividade econômica.

Albeche (2002), ao analisar a conquista, ocupação e o povoamento do território do atual RS, entre os séculos XVIII e XIX, aponta a importância da cidade de Rio Pardo, localizada na bacia do Rio Jacuí, como “ponto estratégico” para a conquista e manutenção do território da Coroa de Portugal. Na época, o RS, “era um território de fronteira que estava sendo disputado entre as Coroas de Portugal e Espanha” (ALBECHE, 2002, p.141), em função da imprecisão dos limites territoriais existentes. A autora destaca que a cidade de Rio Pardo ganhou destaque naquele contexto, pois naquele espaço circularam e se aquartelaram tropas militares, que foram responsáveis pela demarcação e manutenção das fronteiras entre as duas Coroas. Conforme Albeche, tal fato contribuiu para que a historiografia atribuisse aos militares a origem das grandes

propriedades, ou seja, das sesmarias, como espaços destinados principalmente para a criação de animais. (2002, p. 142). Nesse sentido, Laytano (apud ALBECHE, 2002, p.145) diz que “a sesmaria foi o latifúndio onde se desenvolveu a pecuária, o ouro do Rio Grande”, ou seja, a matéria-prima abundante que seria utilizada nas charqueadas e, posteriormente, nos primeiros frigoríficos de capital estrangeiro, que se estabeleceram no RS, nas primeiras décadas do século XX.

Assim, observa-se que a história regional tendeu, segundo as abordagens tradicionais, supervalorizar a importância da pecuária, pois o próprio processo de ocupação e conquista do atual RS teve nesta atividade econômica a base de sua economia, por tratar-se de um território com fronteira móvel.

As charqueadas do RS foram os primeiros estabelecimentos responsáveis por abater, conservar e industrializar, ainda que de forma rudimentar e artesanal, a carne dos rebanhos criados nas estâncias. Conforme Pesavento (1980), as charqueadas eram espaços caracterizados por apresentar a falta de tecnologia no processo de produção empregado. A autora aponta que “a instalação do processo de salgamento da carne foi a inovação tecnológica fundamental, que forneceu ao Rio Grande do Sul o seu principal produto comerciável e elevou a rentabilidade da pecuária”. (PESAVENTO, 1980, p.14).

Porém, os relatos dos diferentes viajantes estrangeiros, que percorreram o território do RS, no século XIX, fornecem uma descrição daqueles espaços que eram destinados à industrialização e à conservação da carne como, por exemplo, nas charqueadas.

Nicolau Dreys e Saint-Hilaire, viajantes estrangeiros que percorreram o Rio Grande do Sul, no século XIX, descreveram as charqueadas como casas de correção dos vícios dos escravos. Nas palavras do viajante e comerciante francês, Dreys “uma charqueada bem administrada era um estabelecimento penitenciário”. (DREYS, 1961, p.168). No mesmo referencial, o também viajante e botânico francês Saint-Hilaire ensina que, nas charqueadas, os negros eram tratados com muita rigidez “porque sendo os negros em grande número e cheios de vícios, trazidos da capital, torna-se necessário tratá-los com mais energia”. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 73).

Com relação ao aspecto das charqueadas, Dreys e Saint Hilaire tinham opiniões divergentes. Para o comerciante Dreys, aqueles espaços não eram descritos como sendo repugnantes e insalubres. No seu entendimento, explica que toda a sujeira e os restos, decorrentes do processo de charquear a carne, não interferiam em nada a “salubridade de que goza e sempre gozou a província”. (DREYS, 1961, p.132). A maior parte dos

charqueadores estava preocupada com a “salubridade” de seus estabelecimentos. No entanto, tal preocupação era simplesmente deixar os resíduos para serem devorados pelos urubus, que infestavam aqueles espaços. Conforme o autor, a localização das charqueadas, nas margens dos rios, também contribuiu para a salubridade daqueles espaços, pois os resíduos ali produzidos eram lançados na água dos rios e arrastados pela correnteza. Sendo comum, inclusive, as embarcações que navegavam nos rios próximos às charqueadas colidir “com ilhas movediças formadas da agregação fortuita de uma porção daqueles moles detritos que vêm surgir à superfície das águas quando a fermentação entra a desenvolver os gases que contêm”. (DREYS, 1961, p. 133). No entanto, Saint-Hilaire (1974 p. 196) afirmou que, ao se aproximarem destes estabelecimentos, havia nuvens de urubus que escureciam o céu. Mesmo após o término do período de matança dos animais, ainda havia restos de carne e vísceras em estado de decomposição, o que contribuía para espalhar um forte odor de podridão em torno destes estabelecimentos.

Para o viajante alemão Avé-Lallemant (1980), a visão do entorno de uma charqueada se aproxima da descrição feita por Saint- Hilaire, quando diz que:

Em toda a região há um horrível cheiro de carniça! Couros, chifres, cascos, ossos, tendões, tripas e nauseantes massas de sangue em putrefação e, além disso, campos inteiros com carne dependurada, formam um verdadeiro monturo em grande estilo e assinalam o distrito onde encontra o seu centro o mais importante ofício da Província, que é abater bois e cavalos, principalmente éguas. Uma multidão de abutres sobrevoa a região ou ceva-se em sangue putrefacto! (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 407-408).

Nessa direção, para o viajante inglês Mulhall (1974, p. 137), a visão de uma charqueada era *revoltante*, pois “os peões ficavam ensopados de sangue, o chão transforma-se em um mar vermelho, o cheiro é o que seria de se esperar nesses matadouros gigantescos e miríades de moscas infetam o local”.

Moreira (2007, p.163) aponta que coube ao baiano Pedro Wayne publicar a obra *Xarqueada*,¹⁴³ que teve como tema “as mazelas vividas pela classe de operários saladeiris, num dos estabelecimentos econômicos mais representativos da vida pastoril gaúcha.” (MOREIRA, 2007, p.164). Segundo a autora, a obra foi escrita em um contexto marcado pela perda do poder econômico das charqueadas e pela mudança do

¹⁴³O título do livro foi grafado com X, por sugestão dos também escritores Jorge Amado e Oswald de Andrade. (WAYNE, Ernesto. Pedro pioneiro, o poeta peão. In: WAYNE, Pedro. *Xarqueada*. Porto Alegre: IEL, Movimento, 1982. p.12).

modelo ideológico de poder, na época representada pelo Governo de Borges de Medeiros, herdeiro, da dinastia Júlio de Castilhos.

Wayne, na obra *Xarqueada* (1982), descreveu este estabelecimento como um espaço que se aproximava muito com aqueles frigoríficos experimentados por Sinclair. As semelhanças entre os dois espaços podem ser identificadas pelas condições degradantes experimentadas pelos operários, por meio das longas jornadas de trabalho, em um ambiente insalubre e pela falta de condições sanitárias, com que a carne era então manipulada.

Assim como Sinclair, que trabalhou nos frigoríficos da cidade de Chicago, Wayne também exerceu atividades em uma charqueada, na cidade de Bagé, RS. Na função de guarda-livros pôde observar e vivenciar a rotina de trabalho dos operários, que exerciam suas atividades naquele espaço, que foi descrito pelo autor como sendo *insuportável*, pois “o ar pesado, mormo pelas emanções do sangue quente, pesteava-lhe o estômago, causando-lhe náuseas e um mal estar horrível”. (WAYNE, 1982, p. 46).

Com relação ao aspecto das charqueadas, as descrições de Wayne são muito semelhantes àquelas que foram descritas pelos viajantes Saint-Hilaire, Avé-Lallemant e Mulhall, quando percorreram o território do RS, no século XIX. Wayne afirmou que era

um lugar onde os passageiros dos trens baixavam apressadamente as janelas por causa do fétido insuportável. Parecia que havia no ar, dissolvidas em amoníaco, todas as catíngas que existem, tão penetrantes e nauseabundas emanções exalavam. Vira também pela vidraça do comboio uns compridos prédios de material, cobertos de zinco, tendo um pouco adiante das construções, longas filas feitas de paus em forma de golos baixos, onde às vezes grupos de homens descalços, ensebados, estendiam grandes pedaços de xarque, que traziam em carrinhos de mão. Depois soube que eram ali os ‘varais’. E que o mau cheiro vinha de ossos podres à espera de serem vendidos para as fábricas de adubos. (WAYNE, 1982, p. 19).

Quanto à instalação dos primeiros frigoríficos no RS, Silva (1999) ensina que foram estabelecimentos provenientes de capital norte-americano. A autora aponta que a instalação dos frigoríficos significou uma alternativa para a crise que atingia as charqueadas. Nesse sentido, a autora afirma que a farta matéria-prima alimentaria os estabelecimentos frigoríficos que foram ali instalados como, por exemplo, o frigorífico *Swift*; na cidade de Rio Grande, em 1917; e em Rosário do Sul, em 1918; e o *Armour*, em Santana do Livramento, em 1917 e, *Wilson*, em 1918; também na cidade de Santana do Livramento. (SILVA, 1999, p. 38-39).

O primeiro frigorífico de capital nacional instalado no RS, segundo a autora, teve o apoio do governo do estado, na época Borges de Medeiros. A cidade de Pelotas foi a escolhida para receber o projeto de construção daquele empreendimento. Conforme destaca a autora, a Intendência Municipal cedeu parte de uma área, onde funcionara uma antiga charqueada, localizada próxima ao canal de São Gonçalo, para a construção do frigorífico. A *Companhia Frigorífica Rio Grande*, como foi denominada na época, teve como filiados a *União de Criadores do Rio Grande do Sul*, a *Associação Comercial de Pelotas*, contando também com o *Banco Pelotense*, como seu maior acionista. (SILVA, 1999, p. 40).

Segundo Pesavento (1980, p. 193-194), a *Companhia Frigorífica Rio Grande* começou a funcionar, em 1920, com a capacidade de abater mensalmente 10.000 bovinos. Mas, seu funcionamento foi breve, pois foi vendida ao grupo britânico *Vestey Brothers*, em 1921; alterando sua denominação, em 1924, para *Frigorífico Anglo de Pelotas*.

Em Caxias do Sul, a implantação do primeiro frigorífico, baseado nos moldes modernos, ocorreu em 1938, com a inauguração do Frigorífico Rizzo, localizado no atual Bairro Desvio Rizzo. O *Álbum Comemorativo do Centenário da Imigração Italiana* (1975) aponta para o início das atividades da empresa ainda na cidade de Porto Alegre, em 1919, sob a razão social de *A. Rizzo*, quando foi dirigido pelo seu fundador Alexandre Rizzo, que era filho do imigrante italiano Archangelo Rizzo, considerado um dos pioneiros do comércio do vinho e da banha.¹⁴⁴ Em 1920, Alexandre Rizzo, juntamente com seus irmãos e sócios, João Rizzo e José Guilherme Rizzo,¹⁴⁵ resolveram mudar a razão social da empresa para *A. Rizzo & Irmãos*.¹⁴⁶ Ainda em 1920, segundo o *Álbum do Centenário da Imigração Italiana* (1975, p.148), a empresa inaugurou uma fábrica de banha na cidade de Guaporé, RS. que foi incorporada no ano de 1929 à *Sociedade da Banha*,¹⁴⁷ tendo Alexandre Rizzo como seu fundador e diretor fiscal. Em 1930, a empresa *A. Rizzo & Irmãos* arrendou as instalações do frigorífico *A. Sul*

¹⁴⁴ Jornal *O Pioneiro*. 23 de jul. 1949, p.7. Disponível em:

<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>
Acesso em: 25 fev. 2015.

¹⁴⁵ Responsável pela Granja Sorriso e pela marca de vinhos “Sorriso”, pertencente à empresa *A. Rizzo & Irmãos*, até o ano de 1956, quando este setor deixou de funcionar.

¹⁴⁶ Posteriormente mudaram a razão social para: *A. Rizzo & Irmãos e Cia.* e *A. Rizzo & Irmãos e Cia. Ltda.* No ano de 1956 mudou novamente sua razão social para *Rizzo S/A Indústria da Alimentação*, permanecendo com esta razão social até o fim de suas atividades, em novembro de 1990.

¹⁴⁷ A “*Sociedade da Banha Sul Rio Grandense Limitada*” foi criada em 1929, com sede em Porto Alegre, com o objetivo de refinar e exportar a banha frigorificada. (EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA, PASTORIL E INDUSTRIAL, 1931, p.73).

Americano localizado em Monte Vêneto,¹⁴⁸ atual Município de Cotiporã, local onde exerceu suas atividades até a inauguração da nova unidade em Caxias do Sul, em 1938. Em 1936, a empresa, por intermédio de Dante Marcucci, na época prefeito municipal de Caxias do Sul, adquiriu uma grande área de terra localizada no então 1º Distrito de Caxias do Sul, também denominado na época de “Desvio Blauth”, atual Bairro Desvio Rizzo, quando deu início à construção de uma nova unidade fabril (Figura 10), destinada ao abate e à industrialização de produtos de base animal.

.Figura 10– Obras de construção do Frigorífico Rizzo, década de 30, do século XX. Coleção: Família Toigo. Fotografia não identificada. Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami



Fonte: Jornal *Uno Fato* 04 nov. 2004, p. 8. Disponível em:
<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=48136&p=7>>. Acesso em: 31 maio 2015.

Segundo João Sartor, em entrevista concedida em 2006, ao projeto “Banco de Memória” do Arquivo Histórico João Spadari Adami (AHMJSA), nas terras destinadas à construção do frigorífico havia somente uma olaria (Figura 11) de propriedade de Domingos Corso, que passou a fornecer toda a sua produção de tijolos para a construção do frigorífico. João Sartor afirmou que o andamento da obra dependia da produção da olaria e que, após a conclusão da edificação do frigorífico, ela foi desativada.

¹⁴⁸Disponível em: <<http://www.cotipora.rs.gov.br/historico>>. Acesso em: 25 fev.2015.

Figura 11– Preparação de tijolos para a construção do Frigorífico Rizzo. Autoria: Giacomo Geremia.
Local: Desvio Rizzo - Caxias do Sul, 1930.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

O jornal *O Momento*, edição do dia 7 de dezembro de 1936, revelou que a cerimônia de assentamento da pedra fundamental do frigorífico (Figura 12) foi assistida pelas autoridades políticas e eclesiásticas municipais. Segundo o jornal, após a cerimônia da bênção do Bispo Diocesano D. José Baréa, foi servido um “suculento churrasco regado com chopp e vinhos”¹⁴⁹ a todos os convidados, além de informar que a nova unidade do frigorífico, a ser construída em Caxias do Sul, estaria dentro das mais exigentes normas de instalações do gênero; destacou que

as câmaras de refrigeração bem como de conservação da carne e da banha preencherão as normas dos grandes estabelecimentos de outros pontos da Republica em que se acham localizados, satisfazendo, assim, as exigências de um estabelecimento de primeira ordem como vai ser o frigorífico da firma Rizzo & Cia.¹⁵⁰

¹⁴⁹Jornal *O Momento*. 07 dez 1936, p. 6. Disponível em:

<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

¹⁵⁰Idem.

Figura 12 – Bênção do Bispo Diocesano D. José Baréa à pedra fundamental do Frigorífico Rizzo, em 1936.



Fonte: Acervo de Paulo Ruffato.

A responsabilidade de supervisionar as obras de construção do frigorífico, de Caxias do Sul, esteve a cargo de Nestor Rizzo, filho de Alexandre Rizzo. O projeto e a construção ficaram a cargo do arquiteto italiano Silvio Toigo, também responsável por outros projetos e construções de edifícios existentes na cidade como, por exemplo, o da Metalúrgica Abramo Eberle, Industrial Madeireira Caxiense, Clube Juvenil, Colégio Nossa Senhora do Carmo, Clube da Juventude, Monumento Nacional ao Imigrante,¹⁵¹ entre outros.

Em 1937, *Il Giornale Dell' Agricoltore*, periódico voltado à vida agrícola, em edição especial à comemoração da Festa da Uva, anunciou, por meio de uma “rápida resenha”, o notável impulso que o Frigorífico Rizzo havia trazido para a cidade. Ainda, segundo o jornal, as “modernas” e “perfeitíssimas” instalações, com seu maquinário, atenderiam os novos processos de produção em larga escala, dos mais variados produtos e derivados de base animal. Desse modo, as futuras instalações do Frigorífico Rizzo contribuiriam para um novo impulso agrícola, com maior desenvolvimento do cultivo do milho e da criação de porcos.

Aumentando extraordinariamente o número de cabeças de suínos, como requer o grau de produção do frigorífico necessariamente o plantio de milho

¹⁵¹ CAXIAS, a surpreendente: monografia de Caxias do Sul, publicada em comemoração aos festejos da Festa da Uva e primeira exposição Feira Industrial, realizados em 1954. Caxias do Sul: Oficinas Gráficas da Editora São Miguel, 1954. p. 106-110.

crescerá de vulto, tomando proporções agigantadas e cooperando para maior riqueza de seus exploradores. Terão os colonos, assim, uma probabilidade a mais de conseguirem a independência econômica buscando na cultura do milho e do suíno novas fontes de energias vitais, tão necessárias à expansão econômica da pátria.¹⁵²

Em 1938, o Frigorífico Rizzo inaugurou sua nova empresa na cidade de Caxias do Sul, que além do abate e da industrialização da carne, investiu também na exploração mercantil dos bens produzidos por meio da exportação de sua produção.

Segundo o *Documentário Histórico do Município de Caxias do Sul 1875-1950*, de autoria de Duminiense Paranhos Antunes, o frigorífico de Caxias do Sul foi dirigido por José Guilherme Rizzo e Nestor Rizzo, dizendo que seus diversos pavilhões construídos cobriam uma área de 1.580.000m², e contava naquela época com a atuação de mais de 200 empregados. O autor também apontou que o frigorífico tinha a capacidade de abater e industrializar anualmente 50.000 suínos, 10.000 ovinos e 5.000 bovinos, que eram transformados em diversos produtos, tais como: salames, carnes enlatadas, presuntos e fiambres, banha, entre outros produtos e subprodutos de base animal, comercializados no Brasil e no Exterior. Antunes afirmou que o frigorífico também mantinha, em sua unidade de Caxias do Sul, uma fábrica de sabão e adubos, além de um *Posto de Venda*, localizado na Avenida Júlio de Castilhos, onde comercializava seus produtos diretamente com a sociedade local.

Segundo José Neri Rizzo, filho de José Guilherme Rizzo, ao ser entrevistado pelo jornal *Pioneiro*,¹⁵³ sobre o histórico do Frigorífico Rizzo, assinalou que os primeiros operários da unidade de Caxias do Sul eram naturais da localidade de Monte Vêneto, atualmente Município de Cotiporã. Também afirmou que, com o fim das atividades da empresa naquela localidade, alguns empregados transferiram-se com suas famílias para Caxias do Sul, onde passaram a exercer suas atividades, no novo frigorífico. Conforme explicou José Neri Rizzo, nos primeiros anos de atividades do frigorífico, os operários ficavam em um hotel administrado pelo frigorífico. Após a empresa passou a construir casas para seus empregados.

¹⁵²*Il Giornale Dell Agricoltore*. 28 de fev 1937, p. 54. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

¹⁵³ *Jornal Pioneiro*. 14 de jun. 1986, p. 18 - 19 Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

Conforme o relato de José Neri Rizzo, é possível apontar que também houve certo interesse, por parte da direção do Frigorífico Rizzo, em atrair empregados provenientes de outros municípios, pois além de instalar um hotel para os seus empregados, o frigorífico adotou a construção de uma vila operária, que oferecia moradia de aluguel, cujo valor era descontado do salário dos operários. Sobre a construção de vilas operárias atreladas aos frigoríficos, Bosi ensina que

a constituição de vilas operárias tornou-se um elemento importante na trama das relações de trabalho. Não somente porque indicava uma prática paternalista (e despótica) sobre os trabalhadores (também tentada noutros ramos industriais) para lhes fixar aos frigoríficos de modo a evitar o absenteísmo, estabelecer laços de dívida e lealdade, enfim, para facilitar, aperfeiçoar e potencializar as relações de exploração do trabalho, o que já foi bastante discutido pela historiografia. (BOSI, 2014a, p. 291).

Sobre a importância do frigorífico para o desenvolvimento da cidade, o jornal *O Momento* de 1944, na matéria intitulada *Caxias em Revista* informou que

viajando de trem, automóvel ou ônibus em direção ao município de Farroupilha, fatalmente admirará o espírito organizador que presidiu a fundação e instalação dos grandes estabelecimentos industriais dos Irmãos Rizzo, há seis quilômetros desta cidade. Dominando vasta área de terras, grandes somas foram invertidas na construção da maravilhosa fábrica de produtos suínos e um povoadado com sua Igreja e um Grupo Escolar ergueram-se logo a par de uma estação da Viação Férrea denominada Estação Rizzo, certamente com justa homenagem aos esforços industriais brasileiros. Centenas de operários exercem ali suas atividades, produzindo em grande escala tudo quanto oferece a matéria prima – o porco – fabricando ali desde linguiça até o saboroso presunto tipo italiano. Grande é o movimento de exportação dos produtos “Rizzo”. Toneladas e toneladas de banha produz a grande fábrica, que anexo, mantém um matadouro de gado *vacum* que fornece parte de nossa população a medida do possível.¹⁵⁴

5.3 A INDÚSTRIA DO DESMONTE: PERFIL DOS OPERÁRIOS DO FRIGORÍFICO RIZZO 1938-1960

Como foi assinalado anteriormente, o Frigorífico Rizzo funcionou em Caxias do Sul, entre 1938 a novembro de 1990, quando encerrou suas atividades. No encerramento de suas atividades, todo o seu maquinário e equipamento foi vendido para outras empresas, e as caldeiras, após serem desmontadas, foram comercializadas como sucata.

¹⁵⁴Jornal O Momento, 03 de jun. 1944, p. 1. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simples=1>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

Atualmente, os únicos equipamentos do frigorífico ainda em funcionamento são os compressores do sistema de refrigeração (Figura 13) e as câmaras frias alugados para uma indústria alimentícia de Caxias do Sul.

Figura13 – Compressores do sistema de refrigeração do Frigorífico Rizzo. Local: Bairro Desvio Rizzo – Caxias do Sul.



Fonte: Acervo do autor (2015).

A estrutura física do Frigorífico Rizzo ainda é de propriedade da família Rizzo, que transformou a estrutura no *Condomínio Industrial Rizzo*, passando a locar as salas e os pavilhões para alguns estabelecimentos industriais e comerciais.

A conservação dos prédios do conjunto do frigorífico, atualmente, já não é mais a mesma, pois algumas das seções foram demolidas e/ou desabaram como, por exemplo, o setor de salga de carne. Acredita-se que uma explicação para o desabamento esteja relacionada ao manuseio constante do sal, que contribuiu para o comprometimento da estrutura do prédio. Outra dependência do frigorífico, também comprometida, foi a sala de caldeiras, quando teve sua chaminé de tijolos parcialmente demolida, conforme mostram as Figuras 14 e 15.

Figura 14 – Chaminé da sala das caldeiras do Frigorífico Rizzo. Local: Desvio Rizzo – Caxias do Sul, s/data. Autoria desconhecida.



Fonte: Acervo de Sérgio Riva.

Figura 15 – Atual condição da Chaminé da sala das caldeiras do Frigorífico Rizzo, onde é possível observar a parte da chaminé que foi demolida. Local: Desvio Rizzo – Caxias do Sul



Fonte: Acervo do autor (2015).

Foi possível observar, por meio da análise das fotos presentes no acervo fotográfico, pertencente ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA) e de alguns moradores do Bairro Desvio Rizzo, que alguns prédios que compunham a estrutura do frigorífico sofreram modificações, como, por exemplo, o telhado, que originalmente era coberto por telhas do tipo francesa e hoje é de telhas de zinco. O prédio onde, na época de suas atividades, funcionou o setor administrativo do frigorífico, é o único que ainda preserva as telhas originais do tipo francesa, além de sua fachada com a marca do estilo *Art Déco*. (Figura 16).

Figura 16– Fachada do Frigorífico Rizzo, Bairro Desvio Rizzo – Caxias do Sul.



Fonte: Acervo do autor (2014).

É possível identificar que grande parte da documentação, referente ao funcionamento do Frigorífico Rizzo, está depositada em uma sala, sob guarda da família Rizzo. Durante a presente pesquisa, tivemos a autorização do neto de Nestor Rizzo, Marcelo Rizzo que permitiu realizar a leitura da referida documentação. Identificamos entre a documentação as Fichas de Registro de Empregados do Frigorífico Rizzo (FREFR), entre os anos de 1938 a 1960, as quais registram a atuação de 384 empregados na empresa. Após reunir a documentação, foi possível observar que, apesar das FREFR não estarem totalmente organizadas, elas apontam que, dentre os 384 empregados, havia a presença de 112 mulheres, ou seja, 29,17% do sexo feminino e 70,83% do masculino. O conjunto das FREFR possibilitou também elaborar o Quadro 1

do qual podemos inferir que, entre 1938 e 1960, havia a predominância da utilização da mão de obra masculina, que pode ser explicada pelo próprio tipo de trabalho que era exigido pelo frigorífico, ou seja, atividades insalubres e que demandavam força física.

Quadro 1 – Relação do número de empregados que atuaram no Frigorífico Rizzo 1938 – 1960.

Ano	Mulheres	Homens	Total
1938	4	22	26
1939	2	15	17
1940	2	6	8
1941	-	4	4
1942	2	3	5
1943	8	8	16
1944	5	10	15
1945	5	14	19
1946	16	38	54
1947	10	13	23
1948	4	7	11
1949	6	20	26
1950	4	11	15
1951	4	8	12
1952	4	6	10
1953	8	19	27
1954	2	8	10
1955	2	15	17
1956	5	3	8
1957	-	-	-
1958	1	9	10
1959	18	26	44
1960	-	7	7
Total	112	272	384
%	29,17 %	70,83 %	100%

Fonte: Fichas de Registro de Empregados do Frigorífico Rizzo.

A leitura das FREFR também permitiu identificar a procedência da mão de obra que atuou na empresa, sendo proveniente de 14 Microrregiões Homogêneas¹⁵⁵ e de municípios do RS, envolvendo a da: Vinicultura de Caxias do Sul; Colonial do Alto Taquari; Colonial do Baixo Taquari; Campos de Vacaria; Colonial da Encosta da Serra

¹⁵⁵Conforme Teres (1985, p.21-22), as microrregiões foram implantadas para servir de base para a tabulação de dados estatísticos, especialmente os dados censitários. A definição para a elaboração das Microrregiões Homogêneas levou em conta os estudos dos espaços homogêneos, das regiões agrícolas, das atividades industriais, de transporte e do setor terciário. Até o ano de 1965, o RS era constituído por 24 microrregiões e 232 municípios. A partir de 1990, as microrregiões homogêneas passaram a ser denominadas de microrregiões geográficas. (MAGNAGO, 1995, p.65-90).

Geral; Litoral Setentrional; Porto Alegre; Santa Maria; Campanha; Lagoa Mirim; Colonial das Missões; Erechim; Vale do Jacuí e Alto Camaquã.

Além da mão de obra ser proveniente de municípios pertencentes às Microrregiões Homogêneas do RS, há empregados vieram de outros estados brasileiros como, por exemplo, Santa Catarina e São Paulo e, inclusive do estrangeiro, como italianos e alemães, além de alguns serem apontados como de origem indefinida.

Conforme os municípios pertencentes às Microrregiões Homogêneas do RS e as informações dos 384 empregados do Frigorífico Rizzo, entre os anos de 1938 e 1960, foi possível elaborar o Quadro 2, que nos ajuda a ter uma visão mais clara do quadro da mão de obra empregada no frigorífico.

Quadro 2 – Microrregiões Homogêneas do RS – procedência dos empregados do Frigorífico Rizzo, 1938-1960 e seus respectivos municípios.

Microrregião do RS	Lugar de Procedência	Mulheres	Homens	Total
Vinicultura de Caxias do Sul	Alfredo Chaves ¹⁵⁶	1	6	7
	Antônio Prado	8	17	25
	Bento Gonçalves	3	8	11
	Caxias do Sul	53	94	147
	Farroupilha	8	10	18
	Flores da Cunha	-	1	1
	Garibaldi	2	5	7
Colonial do Alto Taquari	Guaporé	1	10	11
	Nova Prata	-	2	2
	Dois Lajeados	-	1	1
Colonial do Baixo Taquari	Encantado	-	3	3
	Estrela	-	1	1
	Lajeado	-	1	1
Campos de Vacaria	Bom Jesus	-	2	2
	Vacaria	5	19	24
	Lagoa Vermelha	2	1	3
	São Francisco de Paula	3	19	22
Colonial da Encosta da Serra Geral	Gramado	1	-	1
	Taquara	-	4	4
	Três Coroas	1	-	1
	Caí ¹⁵⁷	-	2	2
	Feliz	2	5	7
	Montenegro	6	16	22
	São Vendelino	1	-	1
Litoral Setentrional	Osório	-	1	1
	Santo Antônio da Patrulha	-	1	1
	Torres	-	1	1
Porto Alegre	Porto Alegre	2	2	4
	Novo Hamburgo	4	2	6
	São Leopoldo	1	3	4
Santa Maria	Jaguari	1	1	2
	Restinga Seca	-	1	1
	Santa Maria	-	1	1
Campanha	Alegrete	-	2	2
	Santana do Livramento	-	1	1
Lagoa Mirim	Santa Vitória do Palmar	-	1	1
Colonial das Missões	São Luís Gonzaga	-	1	1

¹⁵⁶ Pelo Decreto-lei Estadual 720, de 29-12-1944, o município de Alfredo Chaves passou a denominar-se Veranópolis. O município passou a ser constituído de três distritos: Veranópolis (ex-Alfredo Chaves), Cotiporã (ex-Monte Vêneto) e Fagundes Varela (ex-Bela Vista). Disponível em:

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/veranopolis.pdf>>. Acesso em: jan. 2016.

¹⁵⁷ Provavelmente trata-se do Município de São Sebastião do Caí.

(conclusão)

Erechim	Erechim	1	-	1
Vale do Jacuí	Taquari	-	1	1
Alto Camaquã	São Sepé	-	1	1
Estrangeiros	Italianos e alemães	1	8	9
Outros estados do Brasil	Santa Catarina e São Paulo	-	7	7
Origem indefinida		5	10	15
Total		112	272	384

Fonte: Fichas de Registro de Empregados do Frigorífico Rizzo.

Nesse sentido, o Quadro 2 nos leva a identificar que, em primeiro lugar, os empregados que atuaram no Frigorífico Rizzo, entre os anos de 1938 a 1960, eram em sua maioria naturais do Município de Caxias do Sul, com um total de 147 empregados. E, em segundo lugar, eram provenientes do Município de Antônio Prado, com a atuação de 25 empregados, seguido pelo Município de Vacaria, com 24 empregados; de São Francisco de Paula e Montenegro, ambos com 22 empregados e de Farroupilha, com 18 empregados.

Desse modo o Quadro 2 ajuda a identificar que o Município de Caxias do Sul foi o que mais ofereceu mão de obra à empresa, levando-nos a inferir que as outras empresas, além da Maesa, também absorveram grande parte da mão de obra da cidade.

Foi possível também a partir da leitura das FREFR, organizar o Quadro 3, que localiza a procedência de sua mão de obra empregada, que foi subdividida por meio do número de mulheres e homens provenientes das principais microrregiões do RS e de seus respectivos municípios de abrangência.

Quadro 3 – Principais microrregiões de procedência dos empregados do Frigorífico Rizzo 1938-1960 e seus respectivos municípios.

Microrregião do RS	Lugar de Procedência	Mulheres	Homens	Total	%	
Vinicultura de Caxias do Sul	Alfredo Chaves	1	6	7	216	56,25
	Antônio Prado	8	17	25		
	Bento Gonçalves	3	8	11		
	Caxias do Sul	53	94	147		
	Farroupilha	8	10	18		
	Flores da Cunha	-	1	1		
	Garibaldi	2	5	7		
Campos de Vacaria	Bom Jesus	-	2	2	51	13,89
	Vacaria	5	19	24		
	Lagoa Vermelha	2	1	3		
	São Francisco de Paula	3	19	22		
Colonial da Encosta da Serra Geral	Gramado	1	-	1	38	9,89
	Taquara	-	4	4		
	Três Coroas	1	-	1		
	Caí	-	2	2		
	Feliz	2	5	7		
	Montenegro	6	16	22		
	São Vendelino	1	-	1		
Colonial do Alto Taquari	Guaporé	1	10	11	14	3,64
	Nova Prata	-	2	2		
	Dois Lajeados	-	1	1		
Porto Alegre	Porto Alegre	2	2	4	14	3,64
	Novo Hamburgo	4	2	6		
	São Leopoldo	1	3	4		
Total de empregados provenientes das cinco principais Microrregiões Homogêneas do RS		104	229	333	86,71	
Demais microrregiões, estados brasileiros; estrangeiros e de origem indefinida		10	41	51	13,29	
Total		384			100%	

Fonte: Fichas de Registro de Empregados do Frigorífico Rizzo.

As FREFR, além da procedência da mão de obra, apontam outros aspectos do perfil da mão de obra empregada no Frigorífico Rizzo, como, por exemplo, a faixa etária, que leva a afirmar que, no período analisado, a mais atuante era entre 13 e 21 anos de idade, conforme mostra o Quadro 4.

Quadro 4 – Faixa etária dos operários que atuaram no Frigorífico Rizzo, 1938 – 1960.

Faixa etária	Mulheres	Homens	Total
13 a 15 anos	28	48	76
16 a 17 anos	19	30	49
18 a 21 anos	26	62	88
22 a 25 anos	20	38	58
26 a 30 anos	8	31	39
31 a 35 anos	4	16	20
36 a 40 anos	2	21	23
41 a 45 anos	1	13	14
46 a 50 anos	1	5	6
51 a 55 anos	-	5	5
56 a 60 anos	1	-	1
61 a 64 anos	1	-	1
65 a 70 anos	-	-	-
71 a 74 anos	1	-	1
Não consta	-	3	3
Total	112	272	384

Fonte: Fichas de Registro de Empregados do Frigorífico Rizzo.

Ao analisar o conjunto de dados apresentados pelos Quadros 1, 2, 3 e 4 pode-se questionar os motivos pelos quais o Frigorífico Rizzo ter sido silenciado por grande parte da historiografia. Acredita-se que ele utilizou-se de uma mão de obra basicamente pertencente à Microrregião de Vinicultura de Caxias do Sul e, especialmente da cidade de Caxias do Sul, bem como jovens entre 13 e 21 anos de idade, o que era muito próximo ao perfil também utilizado pela Maesa.

Tal esquecimento deve realmente estar relacionado à questão da localização, ficando fora da cidade ideal, isto é, aquela que recebeu investimentos no processo de modernização e urbanização. Porém, outro fato que se destaca é o do próprio processo empregado pela mão de obra no frigorífico, quando se observa, no Quadro 5, que as etapas de produção diziam respeito: à “desmontagem”, à industrialização da carne e de subprodutos; aos serviços, à construção e manutenção e ao aspecto administrativo. Esse quadro também leva a apontar que o trabalho no frigorífico era extremamente complexo, pois as cinco etapas de produção eram divididas em 36 seções de atuação dos empregados.

Quadro 5 – Etapas da industrialização da carne e suas respectivas seções, em que atuavam os operários do Frigorífico Rizzo, 1938 – 1960.

	Etapas	Seções	Mulheres	Homens	Total	
1	Desmontagem	Matança		53	53	95
		Desdobramento	15	10	25	
		Tripária	4	13	17	
2	Industrialização da Carne	Elaboração	40	49	89	196
		Embalagem	19	12	31	
		Conservas e banha	7	16	23	
		Fiambreteria	11	11	22	
		Presuntos e salgados	-	18	18	
		Fabricação de copas	-	1	1	
		Salsicharia	-	1	1	
		Cantina	1	2	3	
		Engarrafamento	2	1	3	
	Subprodutos	Saboaria	-	5	5	
3	Serviços	Transportes	-	20	20	63
		Serviços agrícolas	-	12	12	
		Vigilância	-	9	9	
		Almoxarifado	-	4	4	
		Serviços de matadouro	-	4	4	
		Capataz de seção	-	2	2	
		Lavanderia	2	-	2	
		Limpeza de máquinas	-	1	1	
		Limpeza de escritório	1	-	1	
		Lavagem de carros	-	1	1	
		Comércio	1	-	1	
		Balcão	1	-	1	
		Caixaria	-	1	1	
		Lataria	-	1	1	
		Foguista	-	1	1	
		Câmaras frias	-	1	1	
		Máquinas	-	1	1	
4	Construção e manutenção	Oficina	-	2	2	7
		Construtor	-	1	1	
		Carpintaria	-	2	2	
		Ferraria	-	1	1	
		Mecânica	-	1	1	
5	Administrativo	Escritório	1	8	9	9
		Não consta	7	7	14	14
		Total	112	272	384	384

Fonte: Fichas de Registro de Empregados do Frigorífico Rizzo.

A primeira etapa da indústria frigorífica ficava com aquilo que foi denominado por Sinclair ([1906] 1965), como sendo um sistema e/ou linha de “desmontagem”. Bosi (2014b) afirma que o sistema de “desmontagem” descrito por Sinclair, influenciou o empresário capitalista norte-americano Henry Ford, para que implantasse a primeira linha de montagem, em sua indústria de automóveis. Segundo o autor, Henry Ford “disse ter conhecido tal sistema quando visitou os matadouros de Chicago, e aplicou o que viu lá em 1913, na primeira experiência com a montagem de carros numa linha de produção”. (BOSI, 2014b, p. 99).

Bosi afirma que

a linha de desmontagem de bois e porcos, organizada por volta da década de 1860 nos EUA, foi fundamental para disciplinar um tipo de trabalho dividido, de fácil aprendizado, e com poucas funções preenchidas por trabalhadores qualificados. Foi esse mesmo método que estruturou os primeiros frigoríficos no Brasil e criou alguma facilidade para aproveitar trabalhadores egressos das charqueadas ou desocupados temporários com pouca ou nenhuma qualificação. (BOSI, 2014a, p. 305).

O sistema de “desmontagem”, que foi descrito por Bosi (2014a), por empregar uma mão de obra com pouca e/ou sem nenhuma qualificação, contava com a atuação de 95 empregados que exerceram suas atividades no Frigorífico Rizzo, entre 1938 e 1960, em três seções: matança, triparia e desdobramento.

A etapa da *desmontagem* iniciava com o recebimento dos animais no frigorífico. Geralmente, os bovinos e ovinos eram provenientes dos rebanhos das fazendas da Região da Campanha e, na maioria das vezes, eram transportados até o frigorífico por meio de trem. Os suínos eram transportados geralmente por meio de caminhões e eram provenientes de criadores próprios, além de também contar com o rebanho dos suinocultores de Caxias do Sul e de outros municípios da região.

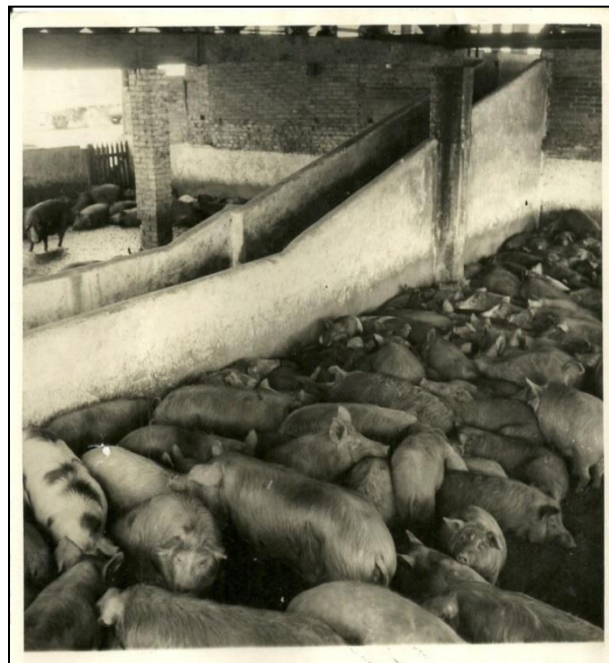
Os animais, após chegarem ao frigorífico, eram despachados para os chiqueiros (suínos) ou para as mangueiras (bovinos e ovinos), onde aguardavam o abate. As figuras 17 e 18 mostram os animais recém-chegados ao frigorífico, prontos para serem enviados, por meio de um corredor, para a seção da matança, o abate.

Figura 17– Desembarque de porcos no Frigorífico Rizzo. Local: Desvio Rizzo - Caxias do Sul, s/data.
Autoria: Studio Geremia.



Fonte: Acervo de Marcelo Rizzo.

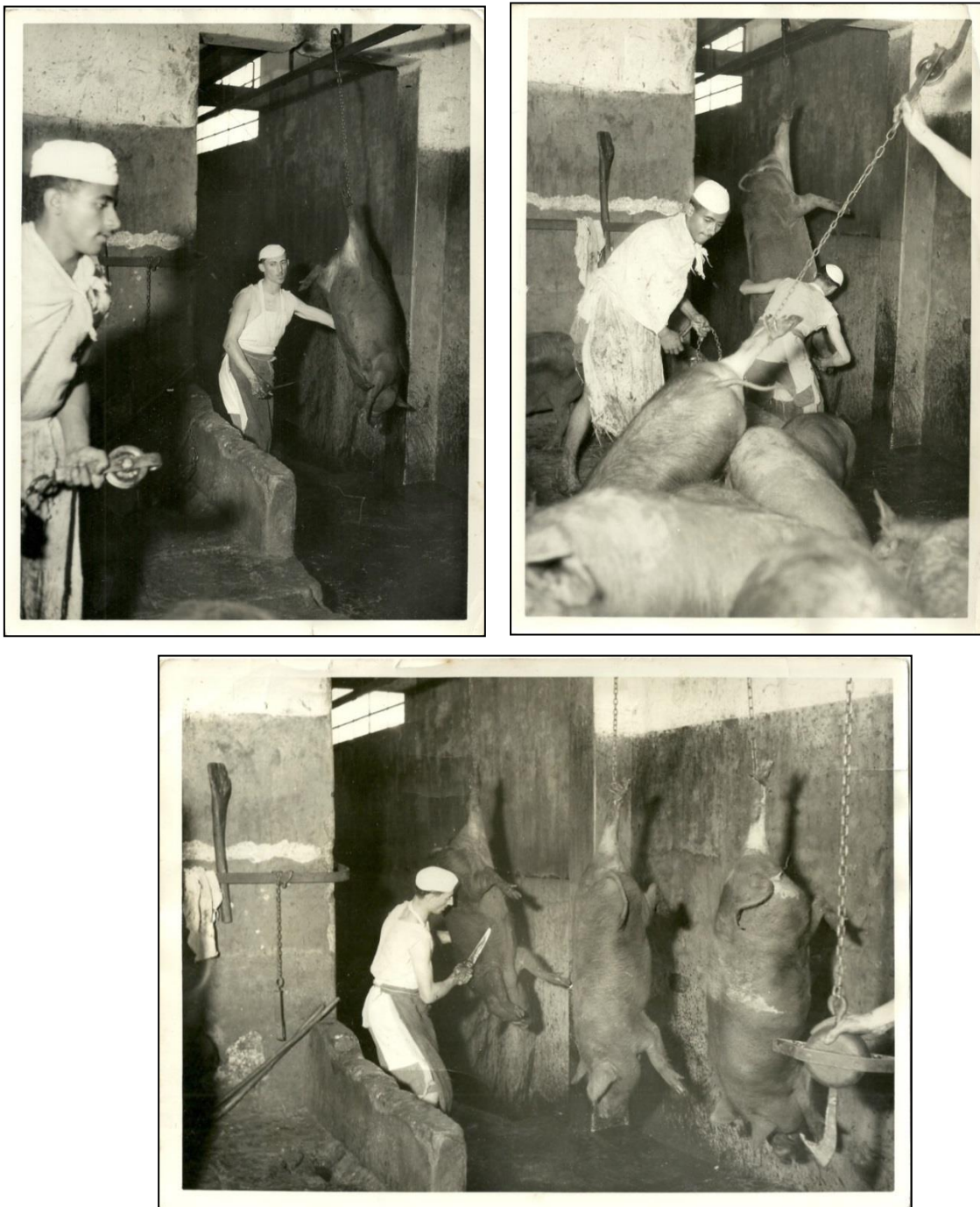
Figura 18 – Porcos aguardando o abate. Local: Frigorífico Rizzo. Desvio Rizzo - Caxias do Sul, s/data.
Autoria: Studio Geremia.



Fonte: Acervo de Marcelo Rizzo.

Na seção de *matança*, os animais, no caso os bovinos, eram primeiramente atordoados com uma marretada na cabeça, para após serem sangrados. Os suínos, conforme registram as Figuras 19, 20 e 21, eram amarrados por uma das patas traseiras e eram erguidos por meio de uma roldana, para serem sangrados, geralmente recebiam uma facada direta no coração.

Figura 19, 20 e 21 – Seção de matança de suínos. Frigorífico Rizzo – Caxias do Sul s/data. Autoria não identificada (talvez Estúdio Geremia).



Fonte: Acervo de Hugo Bresolin.

Segundo Bosi (2014a p. 280) a mais conhecida descrição sobre a seção de matança de um frigorífico deve-se ao escritor norte-americano Upton Sinclair ([1906] 1965] quando descreveu o chão da seção de matança de um frigorífico da cidade de Chicago, EUA. Segundo o autor, Sinclair descreve esta seção como sendo um espaço insalubre, onde predominava a presença do sangue dos animais ali abatidos; diz que “este chão ficava coberto com 1,5 centímetros de sangue, a despeito dos melhores esforços dos homens que tentavam removê-lo com pás”. (Apud BOSI, 2014a, p. 280).

Acredita-se que a descrição de Sinclair (BOSI, 2014a) esteja muito próxima das figuras acima selecionadas, as quais também retratam o cotidiano dos empregados da seção de matança do Frigorífico Rizzo, entre os anos de 1938 a 1960. Como é possível notar, esses três registros fotográficos mostram que os empregados da seção de matança do frigorífico eram expostos diariamente ao sangue, à umidade, além dos excrementos dos animais que ali eram abatidos, pois os trajés que os empregados utilizavam, naquela época, não proporcionavam qualquer tipo de proteção. As roupas utilizadas pelos empregados se reduziam simplesmente ao uso de uma espécie de camisa e/ou jaleco de algodão, calças que eram dobradas acima dos joelhos e, nos pés, calçavam tamancos, tanto nos meses de verão quanto nos de inverno.

Após o abate, os animais eram esfolados e eviscerados e, depois de inspecionadas, as vísceras eram desviadas para a seção da triparia, onde eram limpas e selecionadas para serem utilizadas na produção de embutidos e/ou descartadas para a seção da saboaria. A seção da triparia foi descrita por uma ex-trabalhadora do Frigorífico Anglo de Barretos, como sendo um espaço onde predominava umidade e mau cheiro, além de haver pouca luminosidade. (ARAÚJO, 2002, p. 90).

Segundo Horowitz (apud BOSI, 2014b, p.296), o mau cheiro presente naquele espaço, “nunca abandonava os trabalhadores”, pois aquele cheiro parecia impregnar-se na pele. O autor destaca que um trabalhador lembrou que “[...] podia lavar as mãos quatro vezes e você chegava em casa, sua mulher e filhos diziam: pai, você não se lavou?”

As carcaças dos animais, depois de evisceradas e passar pela inspeção sanitária, eram limpas e serradas ao meio e, após, eram transportadas por meio de trilhos aéreos (Figura 22) para a seção das câmaras frias e/ou para a seção de desdobramento.

Figura 22 – Setor de corte e inspeção das carcaças. Frigorífico Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria: Studio Geremia.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Na seção *desdobramento*, as carcaças eram esquartejadas e depositadas sobre a mesa de desdobra, onde os empregados cortavam e classificavam os diversos tipos de carne, para serem transportados em carrinhos de mão para as seções de industrialização, conforme pode ser observado na Figura 23.

Figura 23 – Setor de desdobramento e corte da carne. Frigorífico Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria: Studio Geremia.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Segundo Gentília Maria Paviani Pretto, em entrevista concedida, em 1992, ao projeto “Banco de Memória” do AHMJSA, a seção de corte da carne (desdobramento) era bastante úmida e fria, já que as carcaças dos animais eram trazidas muitas vezes das câmaras frias para o desdobramento. Nesse sentido, Gentília afirma que aquelas carnes eram “frias, frias que chegava a endurecer os dedos”. Ao ser questionada pela entrevistadora sobre a utilização de luvas e de botas para se protegerem do frio e da umidade, Gentília afirma que, naquele tempo, ninguém utilizava luvas e, nos pés, todos os empregados calçavam tamancos.

Foi possível observar, por meio dos registros fotográficos, a rotina de trabalho na etapa da “desmontagem”, que a “tecnologia não modificou o trabalho desde a inauguração da indústria da carne [...]. De um lado estão os animais a serem desmontados, de outro estão os trabalhadores, manejando serras e facas”. (BOSI, 2014b, p.102).

Acredita-se que a etapa da *industrialização* da carne era a mais importante do frigorífico, pois, por meio desse processo, a empresa obtinha seus maiores lucros. Segundo a leitura das Fichas de Registro de Operários, foi possível identificar que, nas 10 seções dedicadas à industrialização, atuou a maior parte da mão de obra empregada naquele contexto pela empresa, totalizando 196 empregados. Portanto, os números demonstram a importância dessa etapa da produção para o frigorífico. Nessa etapa, a carne era manipulada e transformada nos mais variados produtos de origem animal como, por exemplo, salames, presuntos, mortadelas, salsichas, bacon, banha, carne verde, enlatados, entre outros. Também foi possível identificar que, no processo de industrialização da carne, nada era perdido, ou seja, tudo era aproveitado e transformado em subprodutos como, por exemplo, sabão, adubos, couros, sangue seco, cabelos (pelos), entre outros, conforme mostra anúncio publicitário da empresa (Figura 24).

Figura 24 – Anúncio publicitário do Matadouro Frigorífico Rizzo.

Matadouro Frigorífico „Rizzo“
A. Rizzo Irmãos & Cia. Ltda.
INDUSTRIALISTAS E EXPORTADORES
CAXIAS DO SUL — Rio Grande do Sul — Brasil

Banha Toicinho Bacon Salames Fiambres Presuntos Mortadelas Patés Salsichas	 Suínos - Bovinos - Ovinos	Palo Corned Beef Lunch Touques Pork Filets Corned Pork Xarque Carne Salgada Linguas Carne Verde
--	---	--

Adubos - Sabão - Ossos Preparados - Cabelos diversos - Couros
Glandulas Animais — Sangue Seco
POSTO DE VENDAS à Av. J. de Castilhos, esquina Borges de Medeiros

Fonte: Jornal *A Época*, Caxias do Sul, 16 de out. 1949, p.93. Disponível em:
<<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=23026&p=0>>.
Acesso em: 7 jan. 2015.

A terceira etapa da indústria frigorífica, denominada *serviços*, contava com a atuação de 63 empregados, divididos em 17 seções do frigorífico. Nessa etapa da indústria frigorífica, eram agrupados todos os serviços desempenhados antes, durante e depois da desmontagem e industrialização da carne.

Foi possível apontar que, entre as seções de serviços do frigorífico, a dos transportes era a que apresentava mais rotatividade. Conforme leituras das FREFR, a rotatividade dessa seção era explicada pelos constantes desentendimentos, brigas e agressões entre os motoristas, muitas vezes ocasionadas pelo consumo de bebidas alcoólicas.

Também identifica-se que, naquele contexto, o Frigorífico Rizzo mantinha uma seção de serviços agrícolas, pois possuía uma grande extensão de terras, que eram exploradas, por meio da criação de animais (Figura 25) e o plantio como, por exemplo, do milho, que era utilizado para alimentar os porcos e ainda cultivavam uma grande quantidade de eucaliptos, os quais eram destinados à produção de lenha, que era queimada nas fornalhas da sala de caldeiras.

Figura 25 – Empregados da seção agrícola do Frigorífico Rizzo alimentando os porcos. Local: Desvio Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria desconhecida



Fonte: Acervo de Paulo Ruffato

Ainda foi possível apontar os serviços de vigilância, limpeza e almoxarifado. Identifica-se também os serviços de comércio e balcão, pois o frigorífico mantinha um posto de venda para os produtos que ali eram industrializados, bem como as seções de caixaria e lataria, que fabricavam caixas e latas para armazenar as mercadorias já industrializadas e destinadas ao consumo.

Além disso, foi possível apontar os serviços de foguista, responsável por alimentar as fornalhas da sala de caldeiras, pois muitas seções do frigorífico dependiam do vapor e da água quente produzida pelas caldeiras; serviços de câmaras frias, serviço imprescindível para a conservação das carnes e dos produtos industrializados e os serviços de máquinas (Figura 26), ou seja, geradores, compressores das câmaras frias e outros maquinários utilizados na industrialização da carne.

Figura 26 – Seção de máquinas (geradores). Local: Desvio Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria desconhecida.



Fonte: Acervo de Paulo Ruffato.

Na quarta etapa denominada *construção e manutenção*, apesar de somente utilizar a mão de obra de apenas 7 empregados divididos em 5 seções de atuação eram de fundamental importância, pois desempenhavam funções como, por exemplo, ferreiro, soldador, mecânico, pedreiro e carpinteiro que mantinham a conservação e o funcionamento de todo o estabelecimento frigorífico.

Na quinta etapa de produção, eram congregadas as atividades do setor administrativo do frigorífico. Nesta seção atuavam nove empregados que exerciam as funções de: guarda-livros, caixa, contador e escriturário; todas essas funções exigiam certo grau de qualificação.

A partir dos dados do Quadro 5 e da leitura das FREFR, foi possível elaborar o Quadro 6, em que também se identificam 24 funções, que eram exercidas pelos empregados do frigorífico, além de dividir o número de homens e de mulheres que exerciam cada função.

Quadro 6 – Funções exercidas pelos empregados do Frigorífico Rizzo, 1938 – 1960.

Função	Mulheres	Homens	Total
Agricultor	-	4	4
Ajudante	2	7	9
Almoxarife	-	1	1
Auxiliar	1	7	8
Caixa	-	1	1
Capataz	-	12	12
Carneador	-	3	3
Carpinteiro	-	1	1
Contador	-	1	1
Empregado (a)	2	-	2
Encarregado (a)	1	4	5
Escriturário	-	1	1
Ferreiro	-	1	1
Guarda livros	-	1	1
Magarefe (açougueiro)	35	58	93
Mecânico	-	2	2
Motorista	-	20	20
Operário (a)	28	54	82
Pedreiro	-	1	1
Servente	39	75	114
Serviços	-	1	1
Soldador	-	1	1
Técnico	-	1	1
Vigia	-	8	8
Sem função definida	4	7	11
Total	112	272	384

Fonte: Fichas de Registro de Empregados do Frigorífico Rizzo.

Nesse sentido, foi possível, por meio da leitura das FREFR e com os dados levantados, apontar as funções desempenhadas por mulheres e homens que exerceram suas atividades no Frigorífico Rizzo, entre os anos de 1938 a 1960.

As mulheres eram empregadas basicamente na seção de elaboração dos produtos derivados das diferentes carnes (suína, bovina e ovina), como, por exemplo, na de embutidos (Figura 27), conservas e banha, embalagem dos produtos, comércio, balcão, lavanderia, limpeza, escritório, cantina, engarrafamento. Funções que exigiam competência ditas naturais à mulher, muito próximas às atividades domésticas de limpeza, organização, educação (trato das pessoas), exigindo operárias dóceis e de delicado trato. No entanto, foi possível identificar a presença do trabalho feminino,

também nas seções ditas de predominância masculina como, por exemplo, na seção de desdobraamento das carcaças e na triparia.

Figura 27 – Seção de embutidos do Frigorífico Rizzo. Local: Desvio Rizzo, Caxias do Sul, s/data. Autoria Estúdio Geremia.



Fonte: Acervo de Paulo Ruffato.

Com relação à presença masculina nas seções do frigorífico, é possível apontar que as funções exercidas pelos homens exigiam força física, principalmente na seção de matança, setor exclusivamente masculino, pois abater, “eviscerar e esfolar o animal também eram tarefas ingratas que exigiam força e destreza”. (BOSI, 2014b, p. 86). Na leitura das FREFR, também foi possível apontar a predominância de mão de obra masculina, na seção de presuntos e salgados, saboaria e, principalmente, nas seções de serviços: de construção e manutenção; nas atividades agrícolas e administrativas da empresa. Nesse sentido, é possível apontar que as funções exercidas pelos homens no frigorífico, além de exigir força física, demandavam: competência para mecânica, precisão no manejo de ferramentas, nas seções de construção, mecânica, carpintaria e ferraria; capacidade para conduzir veículos (caminhões); autoridade e fiscalização para o exercício de vigilância e chefia dos diferentes seções da empresa.

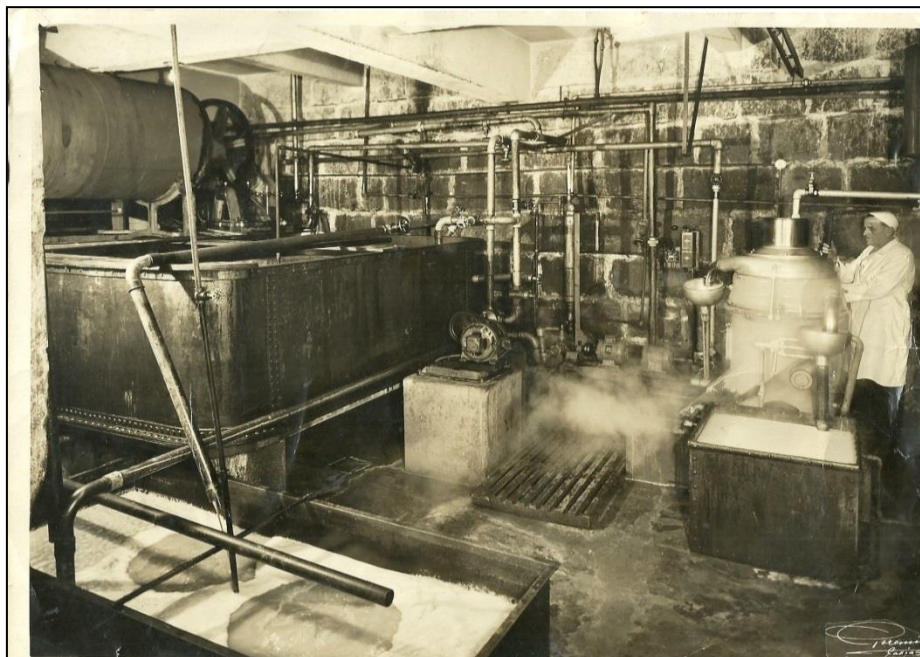
A leitura das FREFR também apontou alta rotatividade dos empregados do Frigorífico Rizzo, entre os anos de 1938 a 1960. Acredita-se que a alta rotatividade pode ser explicada pelas condições de insalubridade encontradas no ambiente de trabalho do

frigorífico como, por exemplo, presença de sangue, mau cheiro, grandes variações de temperatura, umidade, entre outras.

As variações de temperatura também eram frequentes no trabalho do frigorífico. Nesse sentido, foi possível apontar que, nas seções de desdobramento e elaboração dos diversos produtos de base animal, os empregados manipulavam diretamente as carnes que haviam saído das câmaras frias. Conforme alguns documentos anexados às FREFR, eram comuns atividades com temperaturas variando de 0°C a 8°C como, por exemplo, embutir as carnes em tripas; preparar presuntos e carnes congeladas. Também identifica-se que alguns empregados enfrentavam, em sua rotina de trabalho, temperaturas ainda mais baixas, como, por exemplo, os que desempenhavam suas atividades nas câmaras frias, onde as temperaturas chegavam a -15 °C.

No entanto, ainda foi possível apontar que muitos empregados, em sua rotina de trabalho diária, eram expostos a altas temperaturas, como, por exemplo, nas seções de limpeza dos utensílios, ou seja: facas, carros, caçambas, bacias, mesas, máquinas, como também o piso e as paredes da seção, com água que variava entre 80°C a 90°C de temperatura, bem como nas atividades relacionadas às estufas de cozimento dos produtos; na produção da banha (Figura 28) e, especialmente, na seção de caldeiras. Estas, além de comporem um ambiente insalubre, devido aos vapores, o calor e a fumaça, também demandavam longas jornadas de trabalho, variando entre 10 e 12 horas, conforme as necessidades do frigorífico.

Figura 28 – Seção de produção da banha no Frigorífico Rizzo. Local: Desvio Rizzo, Caxias do Sul, s/ data. Autoria: Estúdio Geremia.



Fonte: Acervo de Sonia e José Cauduro.

Além das demissões, foi possível depreender uma alta reincidência de readmissões de empregados na empresa. Pode-se inferir que a distância de 8 quilômetros do centro da cidade e a falta de qualificação dos operários do frigorífico, impossibilitaram o ingresso dos mesmos em outros setores industriais como, por exemplo, na indústria metalomecânica, como na Maesa, esta mão de obra retorna ao frigorífico.

O Frigorífico Rizzo foi a primeira grande empresa localizada na região do atual Bairro Desvio Rizzo. Trabalhar no frigorífico representava certo prestígio, mesmo que o trabalho fosse extremamente insalubre e desgastante. O frigorífico significou para muitos a única oportunidade de garantir sua própria sobrevivência e a de suas famílias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou por meio da leitura dos periódicos identificar e compreender as diversas formas de modalidades de apropriação, representação e construção da identidade social na cidade de Caxias do Sul, entre 1938 a 1960.

Para que os objetivos fossem atendidos de maneira satisfatória buscou-se partir da análise dos periódicos do acervo digital do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, Prefeitura Municipal, sobretudo o *Boletim Eberle*, entre os anos de 1956 e 1960, e o jornal *Diário do Nordeste*, de 1951 a 1954. Ainda analisamos as fontes do acervo documental e fotográfico frigorífico e da família Rizzo; acervo fotográfico dos moradores do Desvio Rizzo e do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA).

A presente pesquisa procurou romper e/ou renunciar com a visão homogeneizada apregoada pelo processo de modernização e urbanização do espaço urbano de Caxias do Sul, a partir do final do século XIX. Nesse sentido, ao longo da pesquisa observou-se que houve certa aposta em um modelo de cidade e nas ações de alguns agentes sociais da indústria local que romperam com a imagem de colono, ou seja, do homem ligado à terra e/ou às atividades relacionadas à produção do setor primário.

Observou-se também que parte da historiografia regional atribuiu o sucesso/progresso de Caxias do Sul, ao setor industrial metal-mecânico e, principalmente a figura do imigrante italiano Abramo Eberle, responsável em transformar a oficina que adquiriu de seu pai, na Metalúrgica Abramo Eberle S/A (Maesa), na maior indústria da região e, em uma das maiores indústrias do ramo metalúrgico da América Latina.

Entretanto, demonstrou-se que, além do sucesso/progresso do setor industrial metal-mecânico, outros ramos produtivos, como, por exemplo, o alimentício, também fez parte do processo histórico empresarial de Caxias do Sul. Chama a atenção que esse setor geralmente não é abordado pela historiografia da identidade regional a qual ajudou a silenciar a importância de empresas, como, o Frigorífico Rizzo, localizado no atual Bairro Desvio Rizzo, que, na década de 30 do século passado, localizava-se mais ou menos a 8 quilômetros do centro urbano de Caxias do Sul.

Por meio do estudo aqui realizado identificamos a construção do discurso do *pioneiro* e do *herói civilizador*. Nas narrativas apresentadas, os imigrantes italianos e

seus descendentes são abordados como desbravadores, que transformaram um ambiente inóspito e selvagem em uma terra produtiva. Os ditos *pioneiros* ou *heróis civilizadores* abordados pela historiografia, não só se destacaram no ramo industrial, mas também tiveram grande destaque em outros setores importantes da sociedade local como, por exemplo, na política, associações vinculadas ao comércio, cultura e educação. Ainda foi possível identificar que os imigrantes italianos também são comparados a *pioneiros* ou *heróis civilizadores* nas festas regionais como, a *Festa da Uva*; nos Álbuns Comemorativos da Imigração Italiana; nos monumentos como, por exemplo, o Monumento Nacional ao Imigrante, nas festividades alusivas aos 140 anos da imigração italiana no RS, que foi comemorado no ano de 2015, bem como nos boletins das empresas especialmente no *Boletim Eberle* entre 1956 a 1960.

Por meio da leitura do *Boletim Eberle*, periódico que era distribuído gratuitamente os amigos e colaboradores da Maesa, podemos identificar os elementos discursivos utilizados na idealização do espaço urbano por meio da representação *do pioneiro ou herói civilizador*.

Conforme a leitura das edições do *Boletim Eberle* identificou-se que houve a tendência de associar a figura do herói civilizador Abramo Eberle e o desenvolvimento de seu principal empreendimento que foi a Maesa, com o próprio histórico do progresso urbano de Caxias do Sul. Nesse sentido, podemos inferir que a implantação e a evolução da empresa e a trajetória de Abramo Eberle, confundem-se com a história da cidade, pois segundo o *Boletim Eberle*, foi a partir do advento da metalúrgica é que houve a transformação da colônia em um centro urbano, industrial e progressista.

No boletim da empresa, Abramo Eberle foi constantemente apresentado como sendo o humilde imigrante italiano que soube vencer todas as dificuldades políticas, econômicas e sociais por meio do trabalho e pelo seu caráter imbuído pela fé, perseverança, dedicação e, sobretudo por seu amor ao trabalho e a família. Adjetivos estes atribuídos ao herói Abramo Eberle. Assim, passou ser considerado o modelo de educador as futuras gerações e a Maesa, uma verdadeira “Escola de trabalho”.

Foi possível identificar a partir da leitura do *Boletim Eberle* que mesmo após a sua morte em 13 de janeiro de 1945, Abramo Eberle, continuaria sendo o *guia* e modelo a ser seguido pelas futuras gerações. Assim, seu espírito altruísta continuaria iluminar a sociedade, assim como a primeira *lamparina* produzida, por ele, a qual iluminou as suas longas noites de trabalho.

O *Boletim Eberle* também se preocupou em reforçar a importância da qualificação da mão de obra utilizada na empresa. Nesse sentido, passou a oferecer modelos de comportamentos que deveriam ser seguidos pelos operários da Maesa.

Com o objetivo de romper e/ou renunciar com a visão que foi idealizada pelo *Boletim Eberle*, ou seja, a do *pioneiro* e do *herói civilizador* buscou-se a partir da leitura do Jornal *Diário do Nordeste*, entre 1951 a 1954, por meio das colunas intituladas “Coisas da Cidade” e “Bom Dia”, entre outras, pistas das contradições experimentadas pela sociedade de Caxias do Sul, muitas delas decorrentes do próprio processo de desenvolvimento urbano e modernização da cidade.

O *Diário do Nordeste* foi o primeiro jornal de circulação diária de Caxias do Sul e, conforme o seu editorial se autodenominava “*Matutino Independente*”, partidário e dizia estar disposto a atender *todas as causas* da sociedade, bem como ser um veículo *popular por excelência*. Constata-se a influência do jornal que teve como diretor fundador o empresário Nestor Rizzo, diretor também do Frigorífico Rizzo, além de também dirigir a *ZYF-3 Rádio Caxias*, única emissora de rádio da cidade, conforme ressaltado no estudo.

Identificamos que o *Diário do Nordeste*, além de contestar o discurso idealizado do *Boletim Eberle*, também denunciou os problemas materiais da cidade como, o mau estado e limpeza das ruas e calçadas das principais vias; problemas com a assistência social aos menores e órfãos; a falta do fornecimento de energia elétrica, bem como de habitação, abastecimento de água, além da péssima pavimentação, e iluminação pública. Além de apontar os problemas materiais, o jornal também assinalou para os problemas sociais da pujante e progressista cidade de Caxias do Sul. Entre os problemas sociais denunciados pelo *Diário do Nordeste* estava o das favelas; a mendicância adulta e juvenil; os de saúde pública pela presença de doenças como a tuberculose que dizimava muitas vezes famílias inteiras, especialmente aquelas que residiam nas favelas do Burgo e zona do Cemitério, doenças decorrentes das péssimas condições sanitárias encontradas naqueles espaços. Foi possível identificar também o fenômeno do alcoolismo que era apontado pelo jornal, como sendo um mal que atingia principalmente a classe operária.

Devemos registrar que ao longo da pesquisa identificamos que o *Diário do Nordeste*, além de denunciar e alertar o Poder Público para os problemas materiais e sociais da cidade apontou possíveis alternativas para solucioná-los. E, seguindo o seu espírito partidário e *popular por excelência*, foi ao encontro dos grupos sociais em

situação de pobreza denominados de *faveleiros* para saber como realmente viviam e ouvir o que tinham a dizer.

Podemos inferir a partir da leitura do *Diário do Nordeste* que havia duas cidades: aquela idealizada pelo discurso do *herói civilizador* e constantemente reforçada pelo discurso do *Boletim Eberle* e uma outra mais próxima da realidade, ou seja, com suas contradições e desigualdades sociais decorrentes do processo de modernização e urbanização do espaço urbano de Caxias do Sul.

Ao longo da pesquisa recuperou-se parte do histórico do Bairro Desvio Rizzo. Foi identificado que o atual espaço geográfico ocupado pelo Bairro Desvio Rizzo, esta localizado nas terras da antiga Colônia Sertorina, que era uma sesmaria a qual pertenceu ao fazendeiro Luís Antônio Feijó Júnior, localizada próxima das terras destinadas a imigração italiana. Ao procurar mais elementos sobre o histórico desse bairro, tivemos dificuldades, pois observamos a carência de fontes e a pouca produção historiográfica. Entretanto, localizamos matérias de jornais locais como o jornal *Pioneiro* e o *Uno Fato*, os quais tendem a identificar que a origem e desenvolvimento daquele espaço ocorreu a partir da implantação do Frigorífico Rizzo, em 1938.

Identificamos que antes da implantação do Frigorífico aquelas terras eram ocupadas por serrarias, como, a da família Blauth, já que naquela época havia abundância de pinheiros de araucária naquele local. A serraria e conseqüentemente a instalação de um desvio da linha férrea, que tinha como objetivo facilitar o carregamento da madeira, fez com que aquele espaço fosse conhecido por “Desvio Blauth”.

Também foi possível apontar por meio da leitura dos jornais, que antes da década de 30 do século passado, aquele espaço teve um desenvolvimento bastante lento, pois houve pouca participação do Poder Público, contribuindo ainda mais para o seu distanciamento no processo de modernização e urbanização da cidade.

Porém, a partir da instalação do Frigorífico Rizzo, em 1938, aquele espaço sofreu um grande impulso econômico e também populacional, pois além de atrair empregados de outros municípios do RS, e estados do Brasil e até mesmo estrangeiros, a empresa passou a fornecer o serviço de energia elétrica a comunidade, serviço que era inexistente antes da instalação do frigorífico. Esta informação nos ajuda a justificar a pouca e/ou nenhuma participação do Poder Público no desenvolvimento do Bairro Desvio Rizzo.

Ainda segundo a leitura dos jornais, identificou-se que a origem do nome do Bairro Desvio Rizzo também esta diretamente associada ao do Frigorífico, pois foi a partir de um acordo entre a direção do frigorífico e a *Viação Férrea do Rio Grande do Sul* (VFGRS), que foi construída uma estação férrea com objetivo de facilitar o descarregamento dos rebanhos provenientes da região da Campanha do RS. Isso nos leva a corroborar com Giron ao afirmar que somente “uma grande empresa podia se dar ao luxo de ter uma estação férrea com seu nome”,¹⁵⁸ além de contar com um ramal (na linha férrea) para atender as necessidades do ramo empresarial.

Entretanto, demonstrou-se que apesar da importância do Frigorífico Rizzo, no processo histórico empresarial de Caxias do Sul, ele na maioria das vezes não foi abordado pela historiografia regional, o que ajudou a silenciar a sua contribuição para o desenvolvimento regional, bem como a própria estigmatização do Bairro Desvio Rizzo, já que seu desenvolvimento estava associado a implantação daquela empresa.

Identificamos que em Caxias do Sul, após a aplicação do primeiro Código de Posturas, no ano de 1893, e posteriormente com o Código Administrativo de 1920, houve preocupação por parte do Poder Público em normalizar o abate de animais e a comercialização da carne. Nesse intervalo entre os Códigos de Postura de 1893 ao de 1920, aparece com frequência nos relatórios dos intendentos a preocupação de definir o local para o matadouro público, sem resolver essa questão.

Para compreender o funcionamento de um frigorífico recorremos a historiografia produzida sobre o tema. Historicamente a indústria da “desmontagem” que foi descrita pelo escritor norte-americano Upton Sinclair, na obra *The Jungle* ([1906] 1965), dizia respeito à presença de odor, sangue, bem como das péssimas condições sanitárias destes estabelecimentos e da presença da insalubridade que era enfrentada pelos seus operários. As descrições sobre o funcionamento da indústria da “desmontagem”, feitas por Sinclair eram muito próximas do funcionamento das charqueadas, descritas pelos viajantes europeus que percorreram o território do RS, no século XIX.

No entanto, identificamos que apesar da tecnologia empregada na indústria da “desmontagem”, a partir das últimas décadas do século XIX, ou seja, a utilização de câmaras frias para a conservação da carne, não modificou o tipo de trabalho empregado. Nesse sentido, concordamos com Bosi (2014b) quando afirma que de um lado estava uma mão de obra barata e desqualificada. Do outro lado, estavam os animais, os quais

¹⁵⁸ História Daqui. Uma Caxias invisível. Disponível em <http://historiadaqui.blogspot.com.br/2014/07/uma-caxias-invisivel.html> > Acesso em: 10 nov. 2015.

eram abatidos e desmontados e sua carne industrializada e transformada nos mais variados produtos que eram comercializados para a sociedade.

A partir da leitura das 384 Fichas de Registro dos Empregados do Frigorífico Rizzo (FREFR), entre os anos de 1938 a 1960, traçamos o perfil sociocultural dos empregados do frigorífico. A partir das informações obtidas identificamos que a maior parte dos empregados era proveniente do Município de Caxias do Sul. Também foi possível apontar que no período analisado havia a predominância da utilização da mão de obra masculina, constituída principalmente por homens, com idade entre 13 e 21 anos. Esta informação oferecida pelas FREFR, nos leva a inferir que isso se deu pelo próprio tipo de trabalho empregado, ou seja, abater animais era uma atividade insalubre e que demandava força física, ou seja, exigindo para este tipo de trabalho homens jovens e “fortes”.

Acreditamos que o esquecimento do Bairro Desvio Rizzo, esteja relacionado a questão da localização, ficando fora da cidade ideal, isto é, aquela que recebeu investimentos no processo de modernização e urbanização. Porém, a instalação de um frigorífico naquele espaço contribuiu ainda mais para a estigmatização do Bairro que teve seu desenvolvimento a partir instalação do Frigorífico Rizzo no ano de 1938.

Registramos que a presente pesquisa é a primeira a utilizar a documentação do Frigorífico Rizzo e por meio desses documentos a recuperação de parte do histórico do Bairro Desvio Rizzo, que é considerado atualmente um dos maiores da cidade de Caxias do Sul. Portanto, não pretendemos esgotar o estudo sobre o tema, pois por se tratar de uma documentação inédita poderá fornecer subsídios para futuros estudos sobre a história e a importância dos bairros da cidade e a sua contribuição para o desenvolvimento da cidade, bem como de outros segmentos empresariais como, por exemplo, o Frigorífico Rizzo, que em nome de uma história “heroica” e homogênea apregoadas aos denominados pioneiros e/ou heróis civilizadores teve sua trajetória silenciada e esquecida.

Recomendamos aos pesquisadores que a utilização da documentação relativa ao funcionamento do Frigorífico Rizzo de Caxias do Sul, em projetos de pesquisa para o ensino de História é de fundamental importância bem como sua preservação.

No início da pesquisa entramos em contato com a família Rizzo, para ter acesso a documentação relativa ao funcionamento do Frigorífico Rizzo. Por intermédio de Marcelo Rizzo, neto de Nestor Rizzo, tivemos autorização para ter acesso a documentação depositada em uma sala do frigorífico. A sala ainda guardava diferentes

materiais como, por exemplo, pneus, cadeiras, material de limpeza, armários, fichários, entre outros. A documentação está guardada em armários de madeira e, é composta por centenas de envelopes de cor parda, onde estão as Fichas de Registro dos Empregados que trabalharam no Frigorífico Rizzo no período de funcionamento da empresa, ou seja, de 1938 – 1990.

Além das Fichas de Registro dos Empregados do Frigorífico Rizzo, foi possível identificar que os envelopes trazem também uma série de documentos referentes ao tempo de atuação dos empregados na empresa. Entre os documentos encontrados nos envelopes, foi possível localizar: carteiras sanitárias; carteiras de trabalho de menores; fotos 3X4; contratos de serviços prouários e exames médicos; atestados de nascimentos, óbitos e escolaridade; cartões ponto; comprovantes de pagamento de salários; comunicações de suspensões por faltas cometidas; cartas de suspensões por insubordinações cometidas; atestados de tempo de serviços, entre outros.

Além dos armários também há algumas prateleiras de madeira que guardam os livros caixa da empresa. No mesmo espaço existem também alguns quadros confeccionados a partir da ampliação de fotos, os quais já estão danificados e empoeirados, mas que ajudam a retratar a rotina de trabalho do frigorífico. Ainda foi possível identificar quatro quadros, sendo um deles pintura sobre tela com os retratos de: Alexandre Rizzo, fundador da empresa; José Guilherme Rizzo e Nestor Rizzo, sócios e diretores do frigorífico.

Apesar de estar depositada em armários, a maior parte dos envelopes se encontram desorganizados, isto é, não estão organizados por ano, década ou mesmo por ordem alfabética. Quanto à conservação da documentação referente ao funcionamento do Frigorífico Rizzo, apesar de estar depositada em uma sala do frigorífico sem o menor cuidado de conservação, ou seja, acumulando bastante poeira, podemos observar que a documentação foi conservada, pois o depósito não apresenta infiltrações de água da chuva ou umidade que, seria extremamente prejudicial à documentação.

Ao buscar mais informações sobre a documentação, foi nos informado que até poucos anos atrás, ainda havia uma pessoa que prestava serviços administrativos para a empresa, pois mesmo após o término de suas atividades, muitas pessoas ainda requeriam a documentação da empresa para solicitar suas aposentadorias.

A primeira possibilidade apresentada seria o AHMISA assumir o acervo documental do frigorífico, pois a família Rizzo não tem condições de manter e de

conservar adequadamente o material, pois o acervo precisa passar por um processo de triagem e higienização.

Ao longo da pesquisa entramos em contato com o AHMJSA sobre o interesse da instituição em assumir o acervo documental do Frigorífico Rizzo, caso a família Rizzo decida se desfazer da documentação. Após relatar ao AHMJSA sobre os tipos de documentos que se encontram no acervo documental do Frigorífico Rizzo, foi nos informado que há por parte da instituição interesse em conhecer aquele material. Segundo o AHMJSA, em seu acervo já se encontra a documentação referentes ao funcionamento de algumas empresas vinícolas de Caxias do Sul como, por exemplo, a Vinícola Mosele (*E. Mosele S/A.*); a Companhia Vinícola Rio-Grandense e Vinícola Luís Michelin S/A.

Da pesquisa também nasceu a possibilidade de implantação de um memorial do Frigorífico Rizzo, o qual ficaria localizado em um dos edifícios das dependências da empresa a qual foi por muitas décadas o lugar de referência da comunidade do bairro. O memorial do frigorífico significaria também um lugar de memória do próprio Bairro Desvio Rizzo, pois como já foi assinalado anteriormente a identidade e o desenvolvimento do bairro estão diretamente associados à implantação do frigorífico naquele espaço no ano de 1938.

Nesse sentido, Maria Leticia Mazzucchi Ferreira (2004), ensina que “os edifícios industriais são os testemunhos mais próximos das comunidades, impondo-se pela utilização de uma linguagem, sobretudo arquitetônica, que pode ser bastante diferenciada do conjunto urbano em si [...]”. (FERREIRA, 2004, p.33-34). Nessa direção, Nora postula que “os lugares de memória são antes de tudo, restos [...] Sinais de reconhecimento e de pertencimento de um grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.” (GONÇALVES, 2012, Apud NORA, 1993, p. 12-13) Esse raciocínio expressa que o Frigorífico Rizzo é um lugar de memória da população que nasceu no bairro e que tem nesse história elementos identitários a partir da influência que essa atividade econômica exerceu na cidade. Os resultados desse estudo ajuda a recuperar parte desta história que pode ser usada para o ensino da história local.

Quanto à instalação de um memorial nas dependências do frigorífico, existe por parte da família Rizzo o interesse de manter um espaço de memória do Frigorífico. No entanto, é imprescindível a colaboração da comunidade do Bairro Desvio Rizzo, para que o projeto de instalação ocorra, pois é necessário buscar entre as famílias mais

antigas do bairro, objetos que estejam relacionados ao histórico de funcionamento da empresa.

Também existe a possibilidade de a comunidade do Bairro Desvio Rizzo assumir o papel de guardião desta documentação, enquanto o AHMJSA não adquirir o acervo documental do Frigorífico Rizzo. Nesse sentido, é importante a realização de ações educativas com os professores e os alunos do ensino fundamental e médio das escolas do Bairro Desvio Rizzo, com o objetivo de orientar sobre a importância da preservação da documentação referente ao funcionamento do Frigorífico Rizzo, além de criar uma relação de pertencimento de toda a comunidade com o histórico do bairro.

Nesse sentido, Machado (2004) ensina que “um dos elementos fundamentais da constituição do cidadão é a identidade cultural, ou seja, sua capacidade de sentir-se pertencente a um grupo que compartilha sentimentos, signos, tradições, enfim, compartilha uma história comum”. (MACHADO, 2004, p. 6). Ainda segundo a autora

O trabalho com a história local contribui para a construção da identidade, na medida em que passamos a conhecer a forma como diferentes grupos (dos quais fazemos parte) viveram e se organizaram na construção do espaço que hoje estamos usufruindo. Essa reconstrução histórica possibilita engendrar o processo de reconhecimento, a percepção dos ritmos de evolução diferenciados, o contato com as memórias e representações locais. (MACHADO, 2004, p. 46).

Também é importante buscar parcerias junto a instituições como, por exemplo, o AHMJSA e UCS para a realização de palestras de conscientização, além de oficinas de preservação dos documentos. As oficinas deverão ser ministradas aos professores e aos alunos das escolas do bairro, que poderão colocar em prática os conhecimentos adquiridos, auxiliando na limpeza, organização e acondicionamento dos diferentes tipos de documentos relativos ao funcionamento do Frigorífico Rizzo.

Ainda há a possibilidade de utilizar a história oral, com o objetivo de criar um banco de memória oral da comunidade do Bairro Desvio Rizzo, pois “a voz dos moradores é um recurso importante para reconstruirmos o modo de vida social e suas inúmeras implicações no cotidiano de uma determinada época”. (MACHADO, 2004, p.40).

Sobre a importância da história oral, o historiador Paul Thompson (1998) ensina que

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite

heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. (THOMPSON; 1998, p.44)

Ainda segundo o autor, a utilização da história oral como uma ferramenta no ensino de história

Promove o debate e a cooperação. Ajuda as crianças a desenvolver suas habilidades lingüísticas, um sentido de evidência, sua consciência social e aptidões mecânicas. Para os professores de História, os projetos de história oral têm vantagem especial de franquear para o estudo a história da importância local. (THOMPSON, 1998; 218).

O autor indica para os professores de história que desenvolvam a história oral que pode ser trabalhada com os alunos nas modalidades história de vida ou história temática, chamando a atenção para a história do frigorífico como um lugar de memória, como história do bairro, e de muitos que ali trabalharam e construíram as suas vidas.

Na modalidade história de vida, segundo Machado (2004), podem ser realizados roteiros de perguntas bastante amplas, que devem ser divididas pela fase da vida do entrevistado como, por exemplo, “sua infância, a vida na escola, na família, na vizinhança, a juventude, a vida adulta, suas lembranças sobre as experiências profissionais, a formação intelectual, os hábitos de lazer, as crenças, a constituição de grupos de amizade, sua atuação na sociedade”. (MACHADO, 2004, p. 40).

Já sobre a modalidade história temática, podem ser realizadas entrevistas relacionadas com o tema escolhido pelos professores ou mesmo pelos alunos para ser investigado, como por exemplo, a história da construção da primeira igreja do bairro; a construção e fundação do Frigorífico Rizzo; da primeira escola; dos clubes sociais e esportivos; do clube de mães; associação de moradores, entre outros.

Segundo Marlene Gallina Rego Lorenzi (1997) as duas modalidades podem ser utilizadas em projetos de pesquisa para o ensino de História, do ensino fundamental ou ensino médio, “tanto enviando os alunos para realizarem entrevistas a parentes ou pessoas que tenham participado ou testemunhado eventos que interessem ao estudo de um tema histórico, escolhido pelo professor e alunos.” (LORENZI, 1997, p. 215).

A pesquisa, portanto, fez uma série de questionamentos sobre os conflitos que perpassaram a construção da cidade na relação entre o centro urbano e a periferia, trazendo para a reflexão na cidade e cidade ideal. Os objetivos propostos geraram o

conhecimento aqui apresentado e indicam possibilidade de novas pesquisas que podem ser realizadas por alunos de bairros que ainda não fizeram a sua história.

Esse passeio, usando fontes impressas como jornais e boletins, pode ajudar os professores de história a pensar as histórias de bairros que constituíram a expansão da cidade. A pesquisa portanto enfrentou uma série de obstáculos em relação a disposição de fontes documentais previstas que certamente no futuro poderão auxiliar novos projetos. A história de empresas vinculadas a história de bairros fornecem elementos para análise de estudos locais que podem servir para a compreensão de suas identidades.

FONTES

Código de Posturas do Município de Caxias do Sul de 1893.

Código Administrativo do Município de Caxias do Sul de 1920.

Fichas de Registro dos Empregados do Frigorífico Rizzo (FREFR).

Fontes impressas (Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul).

Informativo *Boletim Eberle* (1956 - 1960)

Jornal *A Época* (1949)

Jornal *Gazeta de Caxias* (2015)

Jornal *Il Giornale Dell Agricoltore*. (1937)

Jornal *O Momento*. (1936 - 1944)

Jornal *O Pioneiro*. (1949)

Jornal *Pioneiro* (1986)

Jornal *Uno Fato* (2004)

FONTES ORAIS

Entrevistas do Banco de Memória do (AHMJSA)

Entrevista com João Sartor e Carolina Sartor

Entrevistadora: Sônia Storchi Fries

Tema: História de Vida

Local: Pedro Ploni, 1055 – Bairro Desvio Rizzo – Caxias do Sul

Data: 24 e 28 de novembro de 2006

Código: FG 673, 674,675 e 676

Entrevista com Gentília Maria Paviani Pretto

Entrevistadora: Maria Conceição Abel Machado

Tema: Antropologia: trabalho feminino

Local: Caxias do Sul

Data: 18 de setembro de 1992

Código: FG 745

REFERÊNCIAS

ADAMI, João Spadari. **Dicionário dos intelectuais caxienses**. Caxias do Sul: São Miguel, 1960.

_____. **Festas da Uva: 1881 a 1965**. Caxias do Sul: Gráfica São Miguel, s./d.

_____. **História de Caxias do Sul: 1864 a 1962**. Caxias do Sul: Gráfica São Miguel, s./d. v.1.

ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho: história e mitificação**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

_____. Rio Pardo: numa perspectiva sociocultural. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, RS, v. 1, n. 2, p. 139-169, jul. 2002.

ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL. Caxias do Sul, 1950.

ÁLBUM DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA. Porto Alegre: Edel, 1975.

ANTUNES, Duminiense Paranhos. **Documentário histórico do município de Caxias do Sul**. São Leopoldo: Arte Gráfica, 1950.

ARAÚJO, Célia R. A. **Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos – 1927/1935**. 2002. 114f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2002.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 1998.

ASSIS, Nelson. Festa da Uva de 1950. In: **Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, 1950.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa**. Caxias do Sul: Educs, 1994.

BALBINOT, Elizete Carmen Ferrari. **Moral e sedução: o discurso do Judiciário nos processos de defloração na Comarca de Caxias do Sul (1900-1950)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2014.

BARROS, José d'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n.1, p.125-141, 2005.

BERGAMASKI, Heloisa Délia Eberle. **Abramo e seus filhos: cartas familiares – 1920/1945.** Caxias do Sul: Educus, 2005.

BOSI, Antônio de Pádua. A recusa do trabalho em frigoríficos no oeste paranaense (1990-2010): a cultura da classe. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 309- 395, jan./abr. 2013. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305528853013> > Acesso em: 13 jun. 2015

_____. **Dos açougues aos frigoríficos: uma história social do trabalho na produção de carne, 1750 a 1950.** *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 19, n. 1, p.83-103, 2014a. Disponível em: <<http://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/5441/4089>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

_____. Uma história social comparada do trabalho em frigoríficos: Estados Unidos e Brasil (1880-1970). **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 27, n. 51, p. 277-311, jul./dez. 2014b. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/28896>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

BRAMBATTI, Luiz. **Locatelli em Caxias.** Porto Alegre: Metrópole, 2003.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A formação do homem moderno vista através da arquitetura.** 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

BURKE, Peter. Culturas populares e cultura de elite. **Diálogos**, Maringá: UEM, v.1 p.1-10, 1997.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 2000.

CAXIAS, a surpreendente: monografia de Caxias do Sul publicada em comemoração aos festejos da Festa da Uva e primeira exposição Feira Industrial, realizados no ano de 1954. Caxias do Sul: Oficinas Gráficas da Editora São Miguel, 1954.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

CORREIA, João Carlos. **Comunicação e cidadania: os media e a fragmentação do espaço público na sociedade pluralista.** Lisboa: Horizonte, 2004.

DIAS, Juliana V. G. **O rigor da morte: a construção simbólica do “Animal de Açougue” na produção industrial brasileira.** 2009. 107f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

DONNE, Marcella Delle. **Teorias sobre a cidade.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1979.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1961.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Edições 70, 1971.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.1.

EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA, PASTORIL E INDUSTRIAL, 1931 nov. 20, Rio Grande do Sul). **FAR**: Revista da Exposição Agrícola, Pastoril e Industrial. [Porto Alegre]: [s.n.], [1931].

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio: as várias dimensões de um conceito. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH-RS, 7., 2004, Pelotas: UFPel. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2004.

FRANCO, Álvaro. **Abramo já tocou... ou a epopéia de um imigrante**: ensaio biográfico. 2. ed. São Paulo: Ramos Franco, 1943.

FRANCO, Álvaro; FRANCO, Maria Ramos. **O milagre da montanha**. São Paulo: Ramos, Franco, 1946.

GARDELIN, Mário; LUCENA, Fabiana de; MAGNABOSCO, Júlia Flora. **Rádio Caxias 50 anos**. Caxias do Sul: Educs, 1996

GASPERIN, Alice. **Farroupilha**: ex-colônia particular sertorina. Caxias do Sul, RS-1989. (Imigração italiana).

GINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GIRON, Loraine Slomp. **Caxias do Sul**: evolução histórica. Caxias do Sul: Educs Prefeitura Municipal; Porto Alegre: EST, 1977.

_____. NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do (Org.). **Caxias Centenária**. Caxias do Sul: Educs, 2010.

_____. O imigrante italiano: agente de modernização. In: IMIGRAÇÃO ITALIANA ESTUDOS, 1.,1975, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: EST, 1979. p. 85-95.

_____. RADÜNZ, Roberto (Org.). **Imigração e cultura**. Caxias do Sul: Educs, 2007.

_____. BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Casas de negócios**: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional. Caxias do Sul: Educs, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural**. *História*, Rio Grande, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/download/3260/1937>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

GROSSER, Alfred. O ensino da história contra a memória coletiva. In: MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002. p. 424-431.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HENRICHES, Liliana Alberti (Org.). **Histórias da imprensa em Caxias do Sul**. Museu Municipal/Arquivo Histórico de Caxias do Sul/Pioneiro, 1988.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da Zona Colonial Italiana**. Caxias do Sul: Educus, 1997.

_____. **Memória & identidade**: CIC. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2007.

_____. A economia imigrante no desenvolvimento regional. In: GIRON, Loraine Slomp.; RADÜNZ, Roberto (Org.). **Imigração e cultura**. Caxias do Sul: EDUCUS, 2007. p. 89-98.

_____. A economia imigrante no desenvolvimento da cidade. In: GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do (Org). **Caxias Centenária**. Caxias do Sul. Educus, 2010. p. 115-132.

_____. **Hercules Galló: vida e obra de um empreendedor**. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: EST, 2003.

HOBSBAWM, Eric. Introdução In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LAZZAROTTO, Valentim. **Pobres construtores de riqueza: absorção da mão-de-obra e expansão industrial na Metalúrgica Eberle: 1905-1970**. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: EST, 1981.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

LEFBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LORENZI, Marlene Gallina Rego. Reflexões a respeito do uso da História Oral/ História de vida no ensino de História. In: SEFFNER, Fernando; BALDISSERA, José Alberto (Org) **Qual História? Qual ensino? Qual Cidadania?**. POA/ ANPUH: UNISINOS, 1997. p. 214 - 217.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul – 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. **Educação patrimonial:** orientações para professores do ensino fundamental e médio. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2004.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento do cotidiano.** Lisboa: Vega, s/d .

_____. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAGNAGO, Angélica Alves. A divisão regional brasileira: uma revisão bibliográfica. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 65-90, out. 1995. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1995_v57_n4.pdf>. Acesso em: 19 set. 2015.

MANICA, Pe. Ernesto. O clero: seu papel civilizador durante 75 anos de colonização italiana. In: **Álbum comemorativo do 75º aniversário da imigração italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1950.

MATTIA, Olivar Maximino; LAZZAROTTO, Valentim Angelo. **Comunicação popular:** perfil, histórias e alternativas das falas de um povo. Caxias do Sul, RS: Educs, 1996.

MESQUITA, Zilá. Divisões regionais do Rio Grande do Sul: uma revisão. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 95-146, 1984. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/462/696>>. Acesso em: 10 out. 2015.

MOCELLIN, Maria Clara. **Trajetórias em rede:** representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul. 2008. 207f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

MOREIRA, Maria Eunice. Charqueadas e *xarqueada*: a vida saladeiril na província gaúcha. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 161-172, jun. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/2418/1892>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes:** o desafio do século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MULHALL, Michael George. **O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs.** Porto Alegre, RS: Bels, 1974.

NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. **A formação urbana de Caxias do Sul.** Caxias do Sul: Educs, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

PELLANDA, Ernesto. Aspectos gerais da colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: **Álbum comemorativo do 75º aniversário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1950. p. 34-64.

PERES, Ilza Lopes. Rio Grande do Sul – Microrregiões Homogêneas. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, RS: Associação dos Geógrafos Brasileiros 1985. p. 21-44. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37793/24380>>. Acesso em: 10 out. 2015

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República velha gaúcha**: charqueadas - frigoríficos - criadores. Porto Alegre: Movimento, 1980.

_____. **O cotidiano da República**: elite e povo na virada do século. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

_____. **Pecuária e indústria**: formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha do século XIX. Porto Alegre: Movimento, 1986.

_____. **História da indústria sul- rio-grandense**. Guaíba: Riocel, 1985.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional**: 1897-1997. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla a Luz. Memória, cultura e patrimônio. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RADÜNZ, Roberto (Org). **História e Imigração**. Caxias do Sul,RS: Educs, 2011. p. 175- 192

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Loyola. 2007.

RIZZO S/A. Indústria da alimentação: projeto de reforma e ampliação, 1973. [s. L.; s. n.].

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; Eckert, Cornelia. **O tempo e a cidade**: Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: M. Fontes, 1995.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**: (1820-1821). Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. **Ciência e Cultura**, ano 54, n.2, out./nov./dez. 2002.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997

SILVA, Neuza Regina Janke da. **Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário?** (o frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970). 156f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. LOURO, Guacira Lopes (Org.). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SINCLAIR, Upton. **The Jungle**. Harmondsworth: Penguin Modern Classics, 1965.

STORMOWSKI, Marcia Sanocki. As bases de um século de desenvolvimento. In: GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do (Org.). **Caxias Centenária**. Caxias do Sul. Educs, 2010. p. 133- 158.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigma do cotidiano**. Santa Cruz do Sul: Edunisc; Passo Fundo: Ed. da UPF. 1999.

TESSARI, Anthony Beux. **Imagens do labor**: memória e esquecimento nas fotografias do trabalho da antiga metalúrgica Abramo Eberle (1896-1940). Dissertação (Mestrado) Faculdade de História/PUCRS, Porto Alegre, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 1998.

WAYNE, Pedro. **Xarqueada**: romance. 2. ed. rev. Porto Alegre: Movimento, 1982.

WAYNE, Ernesto. Pedro pioneiro, o poeta peão. In: WAYNE, Pedro. *Xarqueada*. Porto Alegre: IEL, Movimento, 1982.

ZIOLI, Miguel. **História e memória**: uma relação conflituosa. **Revista de Literatura, História e Memória UNIOESTE**, Cascavel, v. 6, n. 8, 2010.

ANEXO A - CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE

DIÁRIO DO NORDESTE

MATUTINO INDEPENDENTE

Director - DR. NESTOR RIZZO
Gerente - JOAQUIM PEDRO LISBOA
Secretário - DR. PAULO F. CARVALHO

CAXIAS DO SUL - R. G. DO SUL
1.º DE JUNHO DE 1971
ANO 1 - Nº 1

Redação e Oficinas - Ed. N. Sra. Pompéia
Fone. Telegraf. MATUTINO - Fone 188
Rua Alfredo Chaves - Esq. Av. João de Castilhos

Comove o Brasil a morte do Dr. Laureano

RIO, 31 - Urgente - (U. P.) - Hoje, às 20 horas e 24 minutos, vítima de câncer da glândula hinfática e depois de prolongada agonia, faleceu o Dr. Napoleão Laureano...

A Espanha Reivindica Gibraltar

A ESPANHA VOLTA A REIVINDICAR GIBRALTAR. Os jornais publicaram, com destaque, em primeira página, a sensacional entrevista concedida pelo General Franco...



NOVA YORK - Encharcados pela chuva, opor de seus pedados pochos, soldados do 8.º Grupo Regimental de Combate da 4.ª Divisão dos EE. UU. despedem-se da Estátua da Liberdade...

O SR. ADEMAR DE BARROS AGLACIADO FEZ A UNIVERSIDADE DE BOSTON...

RIO, 31 - (U.P.) - O Dr. Laureano, que faleceu no hospital onde se encontrava internado, passou todo o dia de hoje em estado pré-agônico...

DIVERGEM ESTADOS UNIDOS E INGLATERRA

Quebra de unidade do Ocidente em face do bloqueio naval da China Comunista

AMPLIA-SE O MOVIMENTO FAVORAVEL AO BLOQUEIO NAVAL DA CHINA COMUNISTA...

INGLATERRA CONTRARIA AO BLOQUEIO DA CHINA COMUNISTA - LONDRES, 31 (U.P.) - As fontes oficiais dizem que a Inglaterra não é favorável ao bloqueio naval da China comunista...

ESFORÇOS DESPERADOS DOS COMUNISTAS SITUADOS - TOQUIO, 31 (U.P.) - Milhares de soldados comunistas chineses cercados pelo triângulo dos estritos das Nações Unidas...

Cercados os Comunistas na Coreia

AS TROPAS VERMELHAS PERDEM GRANDE CONTINGENTE NA COREIA - TOQUIO, 31 (U.P.) - As forças aliadas separam a sorte de milhares de soldados comunistas...

PEDE DIVORCIO A ESPOSA DE CLARKE GABLE - SANTA MONICA, 31 (U.P.) - Notícias de Santa Monica, na Califórnia, dão a conhecer que Lucy Asher...

Vence a oposição na Irlanda

DUBLIM, 31 - (U. P.) - Os primeiros resultados conhecidos das eleições locais, realizadas ontem pelo partido da oposição...

RUSSIA REFORÇA SEU PODERIO MILITAR NA ALEMANHA - BERLIM, 31 (U.P.) - A Rússia está enviando mais 60.000 soldados para a Alemanha Oriental...

CHIQUE ENTRE GREvistas E MOTORISTAS EM LONDRES - LONDRES, 31 - (U. P.) - As autoridades nacionais de transportes...

ENTREGUE A NOTA DAS POTENCIAS OCIDENTAIS A RUSSIA - PARIS, 31 - (U. P.) - A França, Inglaterra e Estados Unidos...

CIÊNCIA ATOMICA HOLLANDESA - AMSTERDAM, 31 - (U. P.) - Notícias de Amsterdã dão a conhecer a inesperada volta do cientista holandês Dr. Bakker...

ESTORÇO DO OCIDENTE PELA PAZ - O esforço do Ocidente para evitar a escalada da guerra na Coreia...

GRUPO TRANSMISSOR A RUSSIA AS NOTAS DAS TRES POTENCIAS - PARIS, 31 (U.P.) - O Delegado soviético à Conferência de Paris...

AVIOES ISRAELITAS VIOLAM O TERRITORIO SIRIO - DAMASCO, 31 - (U. P.) - Uma segunda onda de aviões de caça, da Siria, interceptou e derrubou um aparelho de caça israelita...

Estorço do ocidente pela paz

ENTREGUE A NOTA DAS POTENCIAS OCIDENTAIS A RUSSIA - PARIS, 31 - (U. P.) - A França, Inglaterra e Estados Unidos...

OS PAIZES OCIDENTAIS E A NOVA CARTA DE CONFERENCIA DE WASHINGTON, 31

NOVA YORK, 31 - (U. P.) - O chefe da delegação brasileira junto à ONU, recebeu esta tarde o prêmio anual da revista 'Foreign Affairs'...

Edição de hoje 12 pag. - Cr\$ 1,00

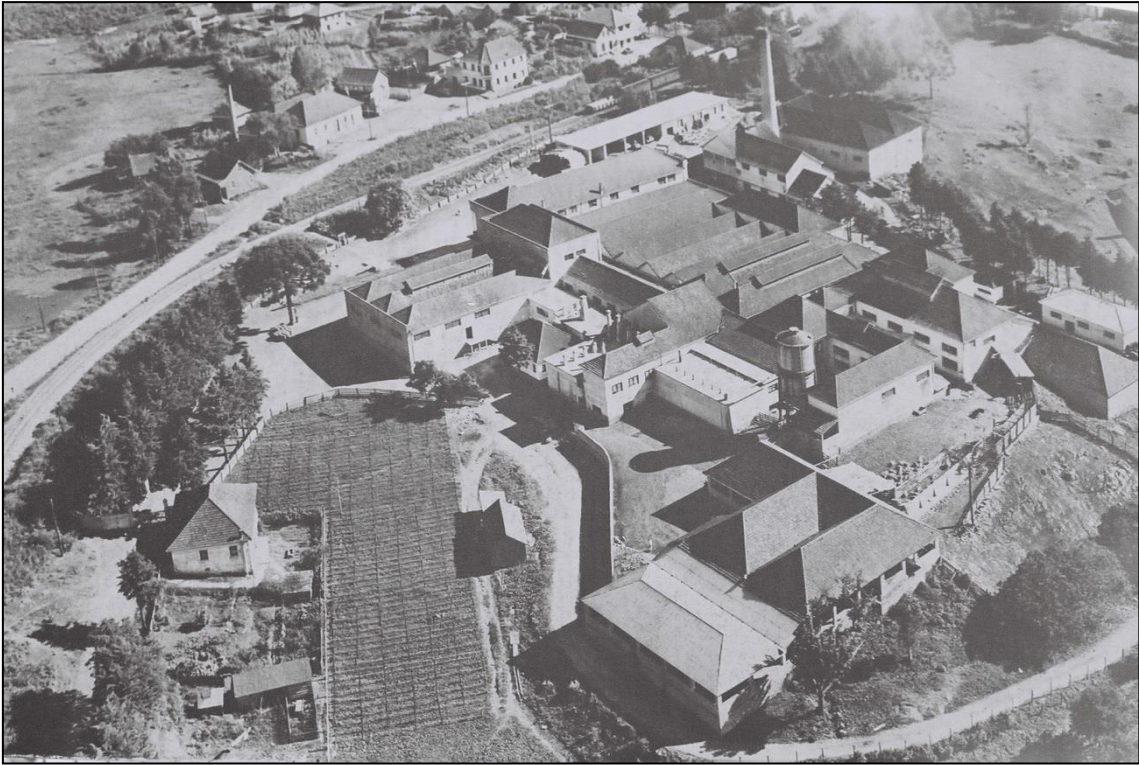
**ANEXO B – VISTAS AÉREAS DO FRIGORÍFICO RIZZO. CAXIAS DO SUL,
S/DATA. AUTORIA STUDIO GEREMIA.**



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.




Fonte: Acervo Particular Paulo Ruffato

ANEXO C – FICHA DE REGISTRO DE EMPREGADOS DO FRIGORÍFICO RIZZO (FRENTE)

Sua cart. Lavat.

RIZZO S **Ficha de Registro de Empregados de**
A. RIZZO IRMÃOS & CIA. LTDA.
SUCCESSORES DO SUL

Operario N. 472 Nº 167
 Inscr. I. A. P. I. N.º 55511/14224821
 Cart. Prof. N.º 410,486 Serie 972



Nome EMILIO DA SILVA

Data de admissão 10 de Fevereiro de 1953

Idade _____ anos – Nascido em 20 de Janeiro de 1.924

Filho de José Patricio da Silva

e de Bernardina de Paula

Estado civil Casado Nacionalidade Brasileira

Lugar do nascimento Gurupé (DOIS LAGEADOS)

Residencia Parada Rizzo

Ocupação habitual Serviço de Metadouro Categoria Servante

Salario Cr\$ 3,00 tipo Hora Forma de pagamento Semanal

Nome dos beneficiarios Esposa e filho

Impressão digital

HORÁRIO:	
Verão	
Das <u>7</u> às <u>11,3</u>	
• <u>13</u> • <u>17</u>	
Inverno	
Das <u>7</u> às <u>11,3</u>	
• <u>13</u> • <u>17</u>	
Descanso	
Das <u>11,3</u> às <u>13</u>	
Aos Sabados	
Das <u>6</u> às <u>11,3</u>	

Sindicato a que pertence Fed. da Alimentação

_____ Mensalidade de Cr\$ 51,00 a ser descontada em folha.

Assinatura do Empregado Emilio da Silva

Remunerações sucessivas:

Em <u>Maio 53</u> Cr\$ <u>3,50</u> mensal Cr\$	Em <u>12-8-59</u> Cr\$ <u>22,40</u> mensal Cr\$
• <u>Novembro 53</u> Cr\$ <u>4,00</u> mensal Cr\$	Em <u>1-9-60</u> Cr\$ <u>29,56</u> mensal Cr\$
• <u>Junho 54</u> Cr\$ <u>7,50</u> mensal Cr\$	Em <u>18-10-60</u> Cr\$ <u>33,33</u> mensal Cr\$
• <u>Agosto 56</u> Cr\$ <u>9,35</u> mensal Cr\$	Em <u>16-7-61</u> Cr\$ <u>40,65</u> mensal Cr\$
• <u>1-7-56</u> Cr\$ <u>12,92</u> mensal Cr\$	Em _____ Cr\$ _____ mensal Cr\$
• <u>6-7-56</u> Cr\$ <u>12,34</u> mensal Cr\$	Em _____ Cr\$ _____ mensal Cr\$
• <u>3-5-58</u> Cr\$ <u>16,00</u> mensal Cr\$	Em _____ Cr\$ _____ mensal Cr\$
• <u>1-1-59</u> Cr\$ <u>20,83</u> mensal Cr\$	Em _____ Cr\$ _____ mensal Cr\$

Estrangeiros:

Lugar do nascimento _____ Chegado ao Brasil em _____

Casado com brasileira? _____ Tem filhos brasileiros? _____ Quantos? _____

Naturalizado em _____ Registro de permanencia legal? _____

Demissões e Readmissões:

Saiu em <u>7</u> de <u>Outubro</u> de <u>1961</u>	Readm. em _____ de _____ de 19
• " de _____ de 19	Readm. em _____ de _____ de 19
• " de _____ de 19	Readm. em _____ de _____ de 19
• " de _____ de 19	Readm. em _____ de _____ de 19

Benefícios obtidos do I. A. P. I. _____

Acidentes do trabalho e doenças profissionais (vide arquivo) em _____

Fonte: Frigorífico Rizzo – Bairro Desvio Rizzo – Caxias do Sul

